

PARA ALÉM DO GRAMADO

Cristina Ennes da Silva
Rodrigo Perla Martins
(Organizadores)

ISBN 978-85-7717-184-2



9 788577 171842 >



Realização:



Promoção:



PARA ALÉM DO GRAMADO

Cristina Ennes da Silva
Rodrigo Perla Martins
(Organizadores)

Novo Hamburgo - Rio Grande do Sul - Brasil
2014

PRESIDENTE DA ASPEUR

Luiz Ricardo Bohrer

REITORA DA UNIVERSIDADE FEEVALE

Inajara Vargas Ramos

PRÓ-REITORA DE ENSINO

Denise Ries Russo

PRÓ-REITOR DE PESQUISA E INOVAÇÃO

João Alcione Sganderla Figueiredo

PRÓ-REITOR DE PLANEJAMENTO E ADMINISTRAÇÃO

Alexandre Zeni

PRÓ-REITORA DE EXTENSÃO E ASSUNTOS COMUNITÁRIOS

Gladis Luisa Baptista

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Inajara Vargas Ramos

EDITORA FEEVALE

Celso Eduardo Stark - Coordenador

Graziele Borguette Sousa

Adriana Christ Kuczynski

CAPA e EDITORAÇÃO ELETRÔNICA

Celso Eduardo Stark

REVISÃO ORTOGRÁFICA

Lovani Volmer

Rosi Ana Grégis

E-BOOK

Acesso livre

www.feevale.br/editora

Para além do gramado / Cristina Ennes da Silva, Rodrigo Perla Martins,
(Organizadores). – Novo Hamburgo : Universidade Feevale, 2014.
173 p. : il ; 21 cm.

ISBN 978-85-7717-184-2

1. Futebol - História. 2. Futebol - Brasil. I. Silva, Cristina Ennes da. II.
Martins, Rodrigo Perla. III. Título.

CDU 796.332(81)(091)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Universidade Feevale, RS, Brasil

Biblioteca responsável: Tatiane Oliveira de Oliveira – CRB 10/2012

© Editora Feevale – Os textos assinados, tanto no que diz respeito a linguagem como ao conteúdo, são de inteira responsabilidade dos autores e, não expressam necessariamente a opinião da Universidade Feevale. É permitido citar parte dos textos sem autorização prévia, desde que seja identificada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei n.º 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Universidade Feevale

Câmpus I: Av. Dr. Maurício Cardoso, 510 – CEP 93510-250 – Hamburgo Velho – Novo Hamburgo – RS

Câmpus II: RS 239, 2755 – CEP 93352-000 – Vila Nova – Novo Hamburgo – RS

Fone: (51) 3586.8800 – Homepage: www.feevale.br

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
2011/2014

GOVERNADOR DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
Tarso Genro

VICE-GOVERNADOR DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
Beto Grill

SECRETÁRIO DA ADMINISTRAÇÃO E RECURSOS HUMANOS
Alessandro Pires Barcellos

GESTORES DA FDRH

2011/2014

DIRETOR(A)-PRESIDENTE

Jorge Branco (2011-2013)

Sandra Bitencourt (2014)

CHEFE DE GABINETE

Michele Sandri (2013-2014)

CHEFE DA ASSESSORIA JURÍDICA

Clarissa Jardim (2011)

Luís Alberto da Silva (2012-2014)

DIRETORIA ADMINISTRATIVO-FINANCEIRA

Astrid Schuster (2011-2012)

Loreni Foresti (2012-2013)

Sirley Theresinha Garaventa (2013-2014)

DIRETORIA DE EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO

Sandra Bitencourt (2011-2013)

Euli Marlene Necca Steffen (2014)

DIRETORIA DE DESENVOLVIMENTO INSTITUCIONAL

Cláudio Santos (2012)

Karin Palombini Grehs (2013-2014)

*"O futebol civiliza o pé.
Ele mostra que esta parte aparentemente mais atrasada
e bárbara do corpo pode ser submetida não só às sutilezas do jogo,
mas à civilidade do saber ganhar e perder sem ódio,
de modo transparente e por esforço próprio".
(Roberto da Matta)*

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| P ARA QUE SERVE UM GRANDE EVENTO..... | 11 |
| H OSPITALIDADE PLANEJADA..... | 14 |
| F UTEBOL E COPA DO MUNDO: HISTÓRIA E CULTURA..... | 17 |
| O BRASIL E AS PRIMEIRAS COPAS DO MUNDO..... | 24 |
| A INICIAÇÃO ESPORTIVA SOB A PERSPECTIVA DA COPA DO MUNDO DE FUTEBOL FIFA - 2014..... | 36 |
| S OLIDARIEDADE, PARTICIPAÇÃO E PRAZER: PRINCÍPIOS NORTEADORES DO BRASILEIRO FRENTE AO FUTEBOL..... | 45 |
| I MPECTOS DOS LEGADOS DA COPA DO MUNDO DE FUTEBOL 2014..... | 52 |
| S USTENTABILIDADE E O LEGADO DA COPA..... | 62 |

| | |
|---|-----|
| C OPA VERDE..... | 76 |
| E NTRE O ESPORTE E OS LEGADOS PRETENDIDOS, POSSÍVEIS E CONFLITANTES DA COPA DO MUNDO DE 2014: OU O PLANEJAMENTO URBANO BOM PRA QUEM?..... | 89 |
| O LEGADO DA COPA DO MUNDO 2014: UMA REFLEXÃO SOBRE ACESSIBILIDADE..... | 98 |
| Q UALIFICAÇÃO PROFISSIONAL: O LEGADO INTANGÍVEL DA COPA 2014..... | 113 |
| E DUcando PARA UM MUNDO SUSTENTÁVEL..... | 119 |
| M ARCANDO GOL, CORRENDO PARA O ABRAÇO, LEVANTANDO A TAÇA!..... | 127 |
| R ELATÓRIO DO PROGRAMA DE GESTORES PÚBLICOS E AGENTES SOCIAIS 2014..... | 134 |
| A PÊNDICE - A HISTÓRIA DE TODAS AS COPAS..... | 152 |





PARA QUE SERVE UM GRANDE EVENTO

Sandra Bitencourt ¹

A Copa do Mundo de 2014 trouxe consigo um conjunto de conceitos que aprendemos a repetir. Falamos em legado, em economicidade, em sustentabilidade com a tranquilidade de estarmos todos nos entendendo e falando das mesmas coisas. Apesar de nos ajudarem a entender o mundo, os conceitos são arditos: supõem uma compreensão coletiva que em muitos momentos não existe. A nossa responsabilidade frente a isso é bem objetiva: tornar claro do que realmente estamos falando.

É justamente nesta perspectiva que se inseriu a série de atividades que foi prevista e desenvolvida pela Rede Escola de Governo em parceria com a Feevale durante os anos de 2011 e 2014. Trata-se do Programa Qualificação de Gestores Públicos e Agentes Sociais para 2014. Foram cursos que trataram de captação de recursos, de mediação de conflitos, de segurança urbana, de controle social, de relações de gênero. Trabalhar conceitos para

entendermos o nosso papel enquanto gestores, servidores públicos e agentes sociais significa potencializar a noção de legado. Para além do físico, do material, trabalhamos a compreensão, o simbólico. Aprendermos a pensar as coisas significa termos a capacidade de as dimensionarmos corretamente no presente e para o futuro.

Sim, a Copa passou. Sim, algumas belas construções feitas para recebê-la vão permanecer como qualificações de espaços que poderão ser utilizados por muitos. E, sim, utilizaremos todas as necessidades advindas de um megaevento como um belo exercício para nos prepararmos melhor para a vida cotidiana que a cada dia nos brinda com novas demandas, novos questionamentos e a necessidade de revisitarmos os conceitos com que trabalhamos. É para isso tudo que serve um grande evento.

A vinculação desta atuação à lógica da existência da Rede Escola de Governo é inegável. A Rede

¹ Profª Drª em Comunicação e Informação, jornalista, Diretora-Presidente da FDRH.

Escola existe para a formação continuada, para a revisão de padrões historicamente e culturalmente estabelecidos, para a ruptura de preconceitos e de continuidades que não podem mais encontrar espaços em uma sociedade democrática. Para chegarmos a isso, propõe-se momentos de estudo, de reflexão e de busca de alternativas. Fizemos isso usando como mote a Copa que então se aproximava. Seguimos fazendo isso em várias outras propostas envolvendo outras tantas temáticas.

Em termos concretos, um grande evento serviu para atendermos quase três mil pessoas em 1.820 horas em mais de quatro dezenas de cursos de

extensão realizados em várias cidades do Rio Grande do Sul. Foram horas preciosas para pensarmos melhor em como lidarmos com tudo isso. Esta produção contextualiza o percurso deste trabalho: apresenta um conjunto de textos, escritos em 2011, que serviram de base para as reflexões, passa por três produções de 2014, que analisam aspectos do trabalho realizado e encerra com a consolidação dos números deste projeto. Seguramente não pensamos em tudo, mas foi um belo primeiro chute para um jogo em que todos nós fomos convidados a assumir as nossas posições com a devida responsabilidade.





HOSPITALIDADE PLANEJADA

Jorge Branco¹

Um povo hospitaleiro, orgulhoso das suas tradições, merecedor de suas conquistas. Assim pode ser definido o gaúcho e, dessa forma, apresentamo-nos a quem nos visita. Se de um lado por aqui se cultua uma história de lutas, de outro, a mão estendida sempre foi uma marca desta terra. Receber bem também orgulha o Rio Grande do Sul. A disposição de encantar o visitante, porém, não é suficiente quando estamos diante de um evento de proporções mundiais. É preciso preparo, planejamento e trabalho conjunto.

A expectativa para a Copa 2014 reúne o que há de melhor no estado e, ao mesmo tempo, revela um dos maiores desafios: saber planejar, pensar conjuntamente e, em longo prazo, reunir as potencialidades de cada região, criar e fortalecer redes de parceria. Estar na vitrine de um evento assim requer as melhores capacidades de todos.

Essa é a proposta que vem sendo construída pelo Governador do Estado, Tarso Genro, junto às Secretarias e Prefeituras envolvidas na preparação para a Copa do Mundo, através da Fundação para o Desenvolvimento de Recursos Humanos, ou seja, capacitar para um planejamento minucioso, que desenvolva competências, estimule ações compartilhadas e que deixe como legado projetos consistentes e perenes de governos e comunidades.

Antes, porém, de oferecer cursos e treinamentos aos diferentes setores envolvidos, é imperativo capacitar os gestores públicos na elaboração de projetos e na formação de redes com os atores locais envolvidos, sob pena de subaproveitarmos a oportunidade da COPA. Dessa concepção, surgiu um programa de capacitação de gestores públicos e de gestores da sociedade civil para atuar em grandes eventos. Desenvolvido pela Rede Escola de

¹ Sociólogo, Diretor-Presidente da FDRH, apresenta o programa de qualificação dos gestores públicos e sociedade civil para atuar em grandes eventos, liderado pela Rede Escola de Governo e Universidade Feevale.

Governo, em parceria com a Universidade FEEVALE, o **PROGRAMA QUALIFICAÇÃO DE GESTORES PÚBLICOS E AGENTES SOCIAIS PARA 2014** tem como foco a qualificação do processo de administração e gestão do Estado, para melhorar o atendimento à sociedade por meio da qualificação e ações formativas do servidor público, de modo a valorizá-lo no desempenho das suas funções.

O Programa desenvolveu cursos de formação, seminários de alinhamento, acompanhamento e avaliação, além de encontros e palestras com a comunidade. A primeira ação aconteceu no dia 06 de dezembro/13: **“O RIO GRANDE DO SUL ENTRA EM CAMPO PARA A COPA 2014”** – Formação de Gestores Públicos e Agentes Sociais e ouviu experiências das comunidades, expectativas, compreendeu oportunidades e impacto da Copa, propôs ações conjuntas e mapeou ações formativas nas cidades envolvidas.

Espera-se que o Programa tenha contribuído para que os gestores possam saber o que fazer e como

fazer frente às oportunidades e aos riscos que a realização de eventos desse porte oferecem, na medida em que se apropriam de conhecimentos práticos. Mais além, saber multiplicar esses conhecimentos entre seus pares e nas suas comunidades, mobilizando-os e articulando-os em torno de ações relacionadas a eventos. Saber orientar e tomar decisões, junto com a comunidade, sobre projetos e ações relacionadas a eventos a serem realizados nas suas localidades, considerando suas vocações específicas e as exigências de qualidade do mercado globalizado. O Poder Público do Rio Grande do Sul marca assim, sua intervenção na COPA, pela eficiência, planejamento, transparência ética, economicidade e qualidade das ações.

O que temos de melhor será ampliado com bons projetos. A hospitalidade gaúcha será uma marca da Copa 2014. Nossa capacidade de planejá-la e fortalecê-la também!





FUTEBOL E COPA DO MUNDO: HISTÓRIA E CULTURA

*Gustavo Roese Sanfelice*¹

A Copa do Mundo do Brasil em 2014, ainda que gere controvérsias sobre a sua viabilidade econômica e o impacto social, decorrente dos gastos públicos empreendidos pelos governos municipais, estaduais e federal, vislumbra um cenário de visibilidade ao Brasil. O maior evento esportivo mundial fará o país desembolsar pelo menos R\$ 79,4 bilhões em obras de infraestrutura, necessários para termos condições de receber a Copa /2014.

Há um ganho sociocultural no imaginário coletivo brasileiro e mundial, tanto sobre o evento, o país, os países participantes como os espectadores, que são coprodutores do evento esportivo em questão. Os esportes estão integrados dentro dessa lógica e ocupam um lugar de crescente destaque na produção de espetáculos de massa. A Copa do

Mundo de futebol, bem como os Jogos Olímpicos, são um referencial da penetração nos campos sociais dos esportes como um espetáculo.

Nesse sentido, os “ganhos” com o Megaevento Copa do Mundo estão atrelados a um capital simbólico e social que não podemos mensurar quantitativamente. Aspectos relativos a obras e gastos públicos, estimativa de público nos estádios, estudos do aumento no número de turistas no país, média de gastos por pessoa em época de Copa do Mundo, enfim, isso pode ser mensurado. A Copa do Brasil/2014 pode deixar um legado que vai além de números, propulsionando a cultura brasileira, de fato, pela



Taça Jules Rimet

¹ Graduado em Educação Física, Mestrado em Ciência do Movimento Humano, Doutorado em Ciências da Comunicação; atua como Professor do Curso de Educação Física e do Mestrado Profissional em Inclusão Social e Acessibilidade da Universidade Feevale

sua diversidade e pluralidade.

O presente texto tem por objetivo apresentar elementos sobre a história do futebol, bem como explicitar fatos históricos das Copas do Mundo de Futebol/FIFA. Nosso intuito é contextualizar este Megaevento, a partir dos fatos ocorridos antes da Copa do Mundo do Brasil/2014, ou seja, da Copa do Mundo da Federação Internacional de Futebol (FIFA) no Uruguai, em 1930, à Copa da África/2010, assim como, um pouco da origem do esporte futebol. Boa leitura!

O FUTEBOL E SUAS ORIGENS

A organização do futebol coube aos ingleses, mas a sua origem perdeu-se no tempo. Voemos para trás e vamos até o ano 2600 a.C. O país é a China. O Sr. Yang-Tsé inventou o *Kemari*. Oito jogadores de cada lado, campo quadrado de 14 metros, duas estacas fincadas no chão, ligadas por um fio de seda, bola redonda, com 22 cm de diâmetro, dentro delas cabelos para que ficassem cheias. Os jogadores, sem deixar a bola cair e



Bola de futebol do início do século XX.

com os pés, tentavam passá-la além das estacas. Aí começou a ideia do futebol. Há, no entanto, muita polêmica, controvérsias e discussões no

assunto. Chegamos à Grécia antiga e encontramos um jogo disputado com uma bola que era feita de bexiga de boi, coberta com uma capa de couro. Para os gregos, era o *epyskiros*, com regras desconhecidas, perdidas no tempo. Os romanos adotaram a bola e detalhes do jogo e fizeram o *hapastum*.

O jogo começou a ser organizado há mais de 160 anos, quando jovens de famílias ricas da Inglaterra começaram a deixar de lado o tiro, a esgrima, a caça, a equitação, o arco e a flecha, alguns dos seus esportes preferidos até então. No século XIX, o futebol já estava mais organizado. Em 1868, surgiu a figura do árbitro, que anunciava as decisões aos gritos. Mais tarde, surgiu o apito, o travessão superior e, em 1891, as redes e o pênalti. Estabeleceu-se, também, o número de jogadores (11), as dimensões do campo e o tamanho da bola. Em 1901, surgiu o limite das áreas e, em 1907, a Lei do Impedimento.

Atualmente, o futebol é um esporte mundial, com regras iguais para todos, mas, até chegar a isso, muitas mudanças ocorreram. O fato importante foi a fundação da *International Football Association Board*, em Londres, em 2 de junho de 1886, a única entidade responsável, já há mais de 100 anos. por manter, modificar e harmonizar as regras do jogo.

O FUTEBOL NO BRASIL

Antes de 1894, houve futebol jogado por marinheiros em praias brasileiras, marinheiros de navios estrangeiros, mas a revelação de futebol organizado, antes de Charles Miller, vem de estudos a respeito da estada, entre nós, da Companhia de Jesus, dos jesuítas. Um desses estudos, dos mais sérios, do Padre J. Madureira, “A Companhia de Jesus – Sua Pedagogia e seus resultados”, editado no Rio em 1912, na página 630, traz o seguinte registro: “No Colégio São Luiz, de Itu, Estado de São Paulo, jogava-se futebol desde 1880”. A afirmativa é firme: quando não se praticava esse esporte em clubes.

As câmaras de ar e os capotões de couro vinham da Europa para Itu e, quando demoravam a chegar, a câmara era improvisada com bexiga de bois. Padre José Manuel Madureira também fala em futebol praticado no colégio Anchieta, de Nova Friburgo, estado do Rio, em 1886. A verdade é que os jesuítas estavam sempre querendo entreter os alunos com os mais variados esportes e tinham contato com a Europa, daí a fácil explicação. O Colégio São Luiz, em Itu, onde havia essa prática esportiva, cedeu lugar primeiro a um quartel do Exército, que lá esteve nos anos 1872-1873, quando se registraram esses momentos históricos.

Há também uma corrente de historiadores que lembra a presença de ingleses da Estrada SPR (São Paulo Railway), hoje Santos-Jundiaí, que deu origem ao antigo SPR do futebol paulista,

hoje Nacional Atlético Clube, os quais, em 1882, na cidade de Jundiaí, realizaram animadas partidas de futebol, completando equipes com ingleses e brasileiros. Fala-se, ainda, na prática de futebol no Colégio D. Pedro II, no Rio, no ano de 1892.

É perceptível que havia uma forte semente do futebol por todo o país e Charles Miller (1894) fez com que o fruto desse tantos resultados. O que não se discute, por exemplo, é que a Associação Atlética Ponte Preta (11 de agosto), de Campinas, e o Rio Grande (19 de julho), do Rio Grande do Sul, foram fundados em 1900. Não se discute também que o primeiro campeonato organizado de futebol foi em São Paulo, em 1902, e que outras acontecimentos contribuíram para solidificar a ideia de Charles Miller, nosso primeiro “artilheiro” de um campeonato, jogado pelo São Paulo Athletic.

Atualmente, o futebol no Brasil é o esporte com maior número de atletas filiados às Federações e ligas, tendo milhares de jogadores, com os mais variados salários. Há os que ganham milhares de dólares e os que ganham dezenas de reais. Esse fato, porém, não impede a sua prática em larga escala nas diversas camadas sociais brasileiras e auxilia para que cada vez mais crianças e adolescentes sonhem em fazer fama e transformarem-se em milionários com esse esporte.



Sportclub Riogrande, 1936.

BREVE HISTÓRIA DAS COPAS DO MUNDO

A Copa do Mundo de Futebol (Campeonato Mundial de Futebol FIFA) é um campeonato de futebol masculino realizado a cada quatro anos pela FIFA (*Fédération Internationale de Football Association*) e idealizada na sua fundação, em 1904. A primeira edição da Copa do Mundo, no entanto, só foi realizada após a reconstrução da Europa dos destroços da Primeira Guerra Mundial.

Em 1929, o Uruguai, atual bicampeão olímpico, foi escolhido como país-sede. Os europeus protestaram

o fato de a primeira Copa ser fora de seu continente e boicotaram o evento, tornando praticamente um torneio pan-americano. A primeira Copa do Mundo, disputada em 1930, no Uruguai, surgiu do sonho do presidente da FIFA, na época uma entidade de apenas 24 anos, Jules Rimet, de realizar um torneio reunindo seleções. O troféu, batizado de Copa do Mundo, passou, em 1946, a se chamar Jules Rimet, o qual, décadas mais tarde, ficaria de posse definitiva da Seleção Brasileira.

Esvaziada com a desistência de muitas seleções europeias, somente França, Iugoslávia, Romênia e Bélgica atravessaram o Oceano Atlântico. Do continente americano, disputaram Brasil, Argentina, Chile, México, Bolívia, Peru, Estados Unidos e Paraguai, além dos uruguaios, donos da casa. Após 17 partidas e 64 gols marcados, a Copa chegou à decisão com os rivais da decisão olímpica de dois anos antes. O Uruguai, medalha de ouro em 1924 e 28, venceu a Argentina por 4 a 2, no estádio Centenário.

A Segunda Guerra Mundial impediu a realização das Copas de 1942 e 1946 e quase a de 1950. A Europa estava arrasada após o conflito que matara mais de 100 milhões de pessoas.

Para adequar as transmissões e dinamizar o , a FIFA introduziu o uso dos cartões amarelo e vermelho, além das substituições por jogo já na Copa de 70. Ao conquistar o terceiro título, o Brasil ficou definitivamente com a posse da Taça Jules Rimet. A partir de 1974, a nova taça (Taça FIFA) foi entregue aos vencedores.

A Copa da Espanha, em 1978, foi a primeira Copa do Mundo com 24 seleções, até então, o número máximo era de 16. A partir de 1998, 32 seleções passaram a disputar a Copa do Mundo de futebol. Além disso, a partir de 1994, a vitória passou a valer três pontos; antes o vencedor ganhava 2 pontos. Em 1998, foi introduzido o Gol de Ouro, em que quem fizesse o primeiro gol na prorrogação era o vencedor da partida, mas durou apenas até a Copa de 2002.

Até o momento, apenas oito países ganharam a Copa do Mundo: três da América do Sul, Brasil (5), Argentina (2) e Uruguai (2); e quatro da Europa, Itália (4), Alemanha (3), França (1), Espanha(1) e Inglaterra (1). O Brasil, cabe salientar, participou de todas as Copas do Mundo de Futebol organizadas pela FIFA.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este texto, apresentou-se, de forma cronológica, um pouco da história do futebol e das Copas do Mundo de Futebol (FIFA). As transformações desse megaevento esportivo são explicitadas no texto, mas cabe destacar que o avanço do esporte, enquanto negócio, impulsionou a Copa do Mundo de Futebol para um patamar acima

em relação a outros eventos esportivos.

O desenvolvimento do conhecimento científico-tecnológico e econômico possibilitou que a sociedade se transformasse e um dos fenômenos que surgiu e/ou se fortaleceu nesse contexto, chamado de “Globalização Esportiva²”, deflagrada com os Jogos Olímpicos Modernos. Por conseguinte, o futebol, como esporte e “produto”, acabou globalizado pela própria Copa do Mundo.

Tratando-se de Copa do Mundo de futebol, a globalização foi acelerada pelo desenvolvimento das mídias, tornando, assim, o evento massificado pela ótica da difusão midiática. Além disso, o desenvolvimento econômico e social das sociedades industriais facilitou a expansão do evento como um acontecimento mundial. Além disso, a universalização das regras e o intercâmbio de atletas entre clubes de futebol, certamente, foi um dos alavancadores.

Cabe, agora, ao Brasil dar prosseguimento à história das Copas do Mundo de Futebol, sediando o evento em 2014. Trata-se de um grande desafio, que, certamente, será superado, tendo em vista ser esta a segunda Copa sediada e a predileção por esse esporte coletivo que fascina tanto o povo brasileiro. A superação deve ser organizacional e também dentro de campo, afinal, essa é a expectativa de todos.

² A Globalização Esportiva destacada no trabalho diz respeito à diversidade de culturas e etnias que convergem aos Jogos Olímpicos, possibilitando a disseminação das práticas esportivas.

OBRAS CONSULTADAS

DUARTE, O. Todos os esportes do mundo. São Paulo: Makron Books, 1996.

RIBAS, L. V. O mundo das copas: as curiosidades, os momentos históricos e os principais lances do maior espetáculo do esporte mundial. São Paulo, SP: Lua de Papel, 2010.

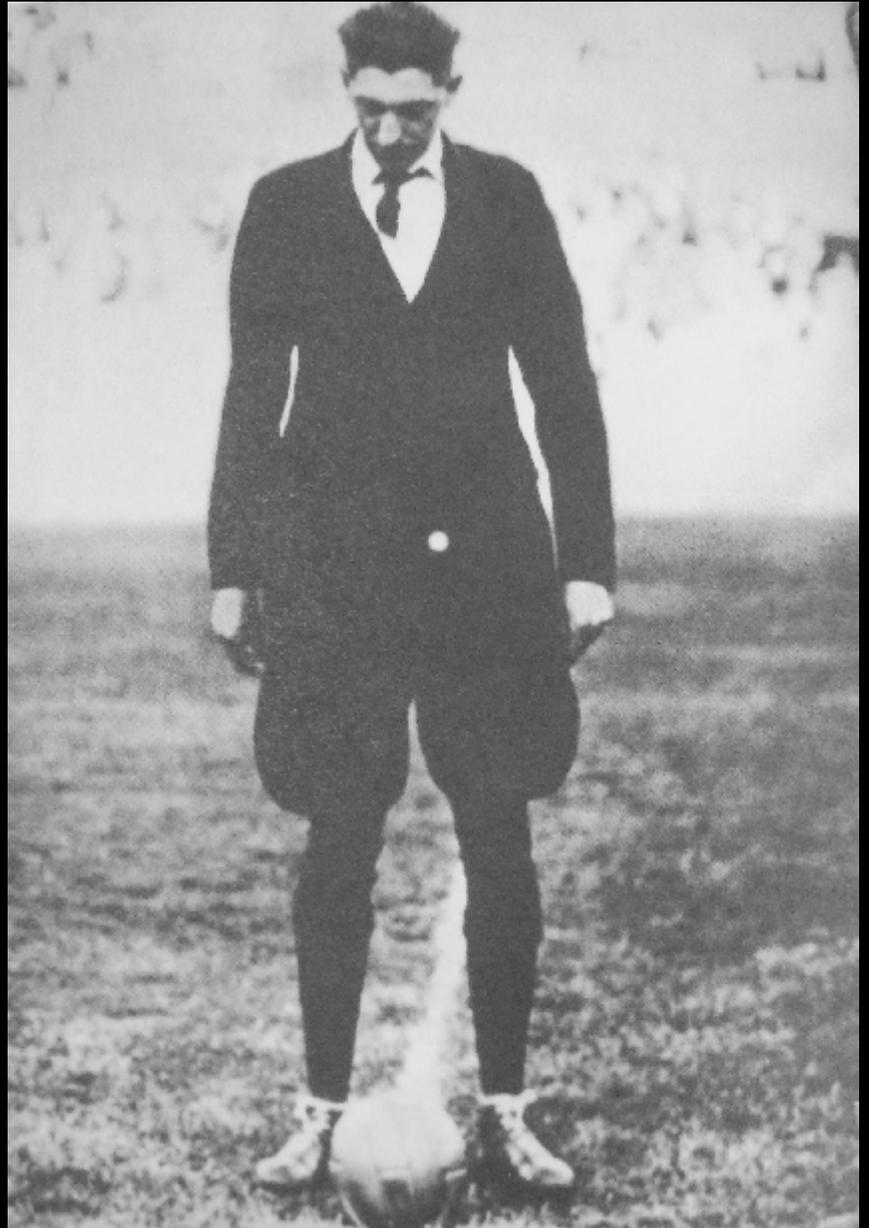
SITES CONSULTADOS:

<http://www.fifa.com>

<http://www.cbf.com.br/>

<http://www.terra.com.br>





John Langenus - Juiz da primeira final - 1930.

O BRASIL E AS PRIMEIRAS COPAS DO MUNDO

Cleber Cristiano Prodanov¹

Vinícius Moser²

A BOLA COMEÇA A CORRER NOS GRAMADOS BRASILEIROS E GAÚCHOS

O período estabelecido entre o último decênio do século XIX e os primeiros vinte anos dos novecentos, constituiu-se na introdução e no estabelecimento do futebol no Brasil e no Rio Grande do Sul (JESUS, 2003). O futebol desenvolveu-se grandemente tanto nos maiores centros industriais e populacionais do país, como São Paulo e Rio de Janeiro, como na região mais meridional do país, ocorrendo de forma semelhante em outros estados e regiões brasileiras.

Oficialmente, o começo das atividades futebolísticas no Brasil deu-se com a criação dos primeiros clubes por ingleses que residiam em São Paulo e no Rio de Janeiro, a partir dos anos 1880 (PEREIRA, 2000). Nesse contexto, Charles Miller – nascido em São Paulo em 1874, mas de

nacionalidade inglesa por seus pais serem naturais desse país – é considerado o “pai” do futebol, quando trouxe da Inglaterra, vinte anos após o seu nascimento, as primeiras bolas e bombas para enchê-las.

Cabe ressaltar que uma das qualidades que fez com que o futebol se tornasse um esporte de vocação popular foi justamente “[...] a possibilidade de jogá-lo sem que seja necessário gastar muito dinheiro. Nos primeiros anos do esporte no Brasil, porém, todo o equipamento adequado para a prática do jogo tinha de ser importado” (GUTERMAN, 2009, p. 33-34). Embora com essa dificuldade imposta pelo custo dos equipamentos necessários ao jogo e também por ter sido logo adotado pela elite brasileira como um esporte “fino” – apesar de na Inglaterra o futebol ter sido, desde o seu princípio, um esporte ligado às massas populares –, o futebol rapidamente

1. Doutor em História pela Universidade de São Paulo (FFLCH-USP); atua como Secretário Estadual de Ciência, Inovação e Desenvolvimento Tecnológico, bem como é professor permanente do Mestrado Acadêmico em Processos e Manifestações Culturais, pela Universidade Feevale.

2. Graduado em História pela Universidade Feevale; Mestre em Processos e Manifestações Culturais.

popularizou-se, por meio dos operários das companhias férreas inglesas que trabalhavam no Brasil nesse período. Esses trabalhadores não tinham contato somente com os representantes da classe dominante brasileira, mas também com gente de origem mais simples, o que, ainda segundo Guterman (2009), auxiliou na disseminação dessa prática esportiva.

Nesse contexto, na última década do século XIX, as alterações políticas internas e a forte presença econômica e simbólica das potências europeias seduziram a classe média em formação, que tende, então, a incorporar formas e estilos de vida e de lazer mais europeizados. De acordo com Jesus (1999, p. 29):

Foi sem dúvida muito grande a receptividade da população carioca aos esportes na virada do século. Tal atitude se vinculava diretamente não apenas ao fato de estes representarem uma via para a vida saudável, mas sobretudo ao fato de constituírem um elemento civilizador do ideário burguês importado da Europa, numa conjuntura em que ser estrangeiro era ser moderno. [...] A adesão maciça aos esportes respondeu a um conjunto geral de profundas transformações na vida urbana, relacionadas ao advento da modernidade.

Embora Jesus (1999) se valha da situação ocorrida no Rio de Janeiro nesse período, também no Rio Grande do Sul o futebol pode ser entendido como um fator “civilizador” das elites locais. Muitos clubes haviam se formado no estado, especialmente em Rio Grande, Pelotas e Porto Alegre, cidades que iniciaram o movimento de introdução no sentido

litoral-interior, ensejando uma multiplicação de equipes esportivas (JESUS, 2003). No estado, as primeiras bolas de futebol e demais equipamentos para a prática do esporte apareceram na cidade portuária de Rio Grande e em cidades próximas da fronteira com o e a Argentina, através de viajantes oriundos desses países e de comerciantes de origem alemã, sobretudo, que estavam de passagem ou estabelecidos nessas cidades.

Essa presença decisiva dos teuto-brasileiros na introdução do futebol no estado traduziu-se, por exemplo, na fundação do Sport Club Rio Grande, em 19 de julho de 1900. Esse movimento acabou estendendo-se no interior do Estado, especialmente nas colônias italianas e alemãs e, em especial, na já próspera economicamente localidade de Novo Hamburgo, cabe aqui frisar (PRODANOV; MOSER, 2009).

Embora o primeiro clube de futebol no Rio Grande do Sul tenha sido fundado por comerciantes de origem teuto-brasileira em Rio Grande, portanto ligados a uma elite local, rapidamente o esporte, que chegou ao Estado como uma manifestação esportiva ligada às elites, transformou-se em uma prática ligada às massas. O público consumidor ligado aos segmentos populares, cada vez adepto ao jogo da pelota, não formulava exigências particulares a esse produto cultural que chegava à região sul do Brasil. Assim,

Mesmo estando geograficamente no extremo sul do Brasil e não sendo o centro político e econômico do país, o Rio Grande do Sul teve certo grau de pioneirismo nessa acelerada e apaixonante expansão



Equipe do Sport Club Rio Grande, 1900

do futebol. Houve uma considerável contribuição de uruguaios e ingleses residentes nesse Estado, assim como daqueles que trabalhavam em nossos portos e fronteiras mais meridionais e traziam consigo a prática do chamado esporte bretão. Também foi decisiva a grande massa de imigrantes alemães, italianos e seus descendentes, que habitavam essa região mais ao sul do Brasil, nas bordas da região platina e povoada por imigrantes europeus de várias etnias (PRODANOV; MOSER, 2011, p. 03).

Nesse contexto de expansão da imigração e de seus descendentes no Estado, também na capital, em 1903, foram fundados, no mesmo dia (15 de setembro), os dois primeiros clubes de futebol de Porto Alegre: o Grêmio *Foot-Ball* Porto Alegrense,

Grêmio FBPA, e o *Fussball* Club Porto Alegre. Assim, a inserção e o desenvolvimento do futebol no contexto sul-rio-grandense, foi marcado pela etnicidade teuto-brasileira, embora esse esporte, em nível nacional, tenha sido trazido por ingleses que trabalhavam ou possuíam negócios no Brasil (PRODANOV; MOSER, 2010).

Assim, nesse panorama de rápido desenvolvimento da atividade futebolística, tanto em nível regional quanto nacional, o futebol, no Brasil, menos de trinta anos após o começo efetivo da organização de seus times e primeiros campeonatos, assume a liderança de preferência como o esporte da massa brasileira (MURRAY, 2000). O outrora “esporte bretão”, restrito às elites e aos “clubs” chiques, ganhava os campos de todo o país. Com isso, a participação do Brasil nas Copas do Mundo de Futebol – em especial nas quatro primeiras edições que a seleção brasileira participou – constitui-se como um elemento importante para entender como o futebol passou a ser considerado a maior paixão esportiva brasileira.

COPA DO MUNDO E SELEÇÃO BRASILEIRA: UMA ANTIGA RELAÇÃO

O Brasil é o único país filiado à FIFA³ que disputou todos os campeonatos mundiais, desde a primeira edição dessa disputa futebolística, que ocorreu em

³ Sigla em francês para Fédération Internationale de Football Association. Essa entidade foi fundada na Suíça, em 1904, por Julius Rimet, sendo que o primeiro troféu ofertado aos vencedores da Copa do Mundo, até o ano de 1970, levava o nome do fundador da Federação (GUTERMAN, 2009).

1930, no Uruguai. A seleção brasileira, nesse primeiro campeonato mundial, envergava o uniforme nas cores branca e azul e fez uma campanha não muito animadora. O selecionado nacional marcou uma apagada presença, vencendo apenas uma partida, contra a Iugoslávia, no certame vencido pelo país anfitrião. (GUTERMAN, 2009).

Um dos principais motivos apontados na época para o insucesso da seleção brasileira em gramados uruguaios foi o fato de que os dois estados mais importantes, econômica – e futebolisticamente falando, Rio de Janeiro e São Paulo, possuíam grandes divergências e rivalidade entre si, dificultando a escalação de um time que tivesse jogadores das duas unidades federativas e com maior qualificação nacional (MURRAY, 2000).

Um exemplo de como essa disputa afetou o desempenho da seleção brasileira no mundial do Uruguai consiste no fato de que, quando do momento do embarque dos jogadores brasileiros, no navio que os conduziria a Montevideú, os jogadores oriundos de São Paulo não compareceram, boicotando, assim, a seleção que disputaria esse torneio. Apenas o jogador austríaco naturalizado brasileiro Araken, sem contrato com o time paulista do Santos, apareceu ao embarque. Com o desentendimento ocorrido entre as federações carioca e paulista de futebol, o jogador mais expressivo desse momento, Friedenreich, um mulato de olhos claros e cabelos alisados que jogava então pelo São Paulo Futebol Clube, não participou do time que disputou o mundial de 1930 (PEREIRA, 2000).

Quatro anos após o torneio disputado no Uruguai,

foi a vez de a Itália sediar o Mundial de Futebol de 1934. Esse país vivia sob o regime fascista instaurado por Benito Mussolini, o *Duce*, em 1920. O futebol configurava-se, também na Itália, como uma das maiores expressões esportivas nacionais e o chefe supremo da nação, Mussolini, acreditava que esta Copa do Mundo seria um momento importante de propaganda política do regime (GUTERMAN, 2009). Com efeito, o país-sede do mundial ganhou o torneio, com uma campanha exitosa e um vistoso futebol exibido durante todas as partidas do campeonato. É importante ressaltar que, de modo geral, o fascismo, nos anos 1930, recebeu, na América Latina e principalmente no Brasil, atenção especial das elites e de setores médios urbanos, pois acreditavam que esse tipo de projeto de poder seria capaz de transformar positivamente o cenário político e social do país em pouco tempo (SCARZANELLA, 2009).

Nesse contexto dos anos 1930, o Brasil, através da CBD – Confederação Brasileira de Desportos, antecessora da atual CBF – mantinha a esperança de melhorar o sexto lugar obtido no campeonato anterior no Uruguai. Dessa vez, a CBD, secretamente, convocou jogadores paulistas para reforçar a seleção “carioca”, a ser comandada pelo técnico Píndaro de Carvalho. Contudo, a entidade futebolística também deixava de lado suas convicções em favor do esporte amador, discussão que dominou o cenário esportivo do futebol brasileiro desde os anos 1900 (PEREIRA, 2000).

O time brasileiro somente se classificou para o mundial de 1934 em virtude da desistência do Peru

em disputar a eliminatória, abrindo uma vaga ao selecionado brasileiro sem necessidade de jogar. Classificado, foi à Europa com apenas 17 jogadores.

Assim,

Para cortar custos, a delegação decidiu viajar em cima da hora, sem tempo para treinamento e adaptação. Como resultado da desorganização e da teimosia [já que ainda persistia a disputa entre as federações paulista e carioca de futebol, como mencionado acima], a participação brasileira na Copa de 1934 foi a mais rápida de sua história: durou apenas 90 minutos, tempo suficiente para ser eliminada pela fortíssima seleção espanhola por 3 a 1 (GUTERMAN, 2009, p. 66).

Esse verdadeiro vexame que a seleção brasileira passou nos gramados pode ser mensurado na crônica esportiva da época, que registra que o time brasileiro “se arrastava” em campo. Entretanto, a fragorosa derrota do time brasileiro na Itália fez com que, irreversivelmente, o amadorismo fosse abandonado como forma de reunir atletas em clubes e no selecionado nacional brasileiro. A afirmação do profissionalismo no futebol brasileiro foi decisiva para que, no mundial seguinte, a atuação brasileira tivesse um destaque expressivo e digno da crescente paixão brasileira por esse esporte.

O Mundial de 1938, que ocorreu na França, marcou o momento em que as federações paulista e carioca entraram em acordo quanto à cedência de jogadores ao selecionado nacional, e o Brasil finalmente tinha um time competitivo para disputar essa Copa do Mundo (MURRAY, 2000). A seleção

brasileira, melhor organizada, contava com dois times, um leve e outro pesado. Como resultado do bom entendimento que houve entre os dirigentes esportivos, bons jogadores escalados e a presença de um dos melhores zagueiros do mundo de então, Domingos da Guia, o Brasil, finalmente, reunia condições de disputar o título e, de certo modo, responder aos anseios da população brasileira, que, cada vez mais, se apaixonava pelo futebol (PEREIRA, 2000). Assim, a seleção brasileira conquistou a terceira colocação neste campeonato, sendo a primeira colocação obtida, assim como na Copa do Mundo anterior, pela seleção italiana.

Um elemento que também foi relevante para essa acentuada disseminação e massificação do futebol, a partir desse campeonato mundial, especificamente, configurou-se na realização das primeiras transmissões radiofônicas das partidas disputadas pela seleção brasileira (GUTERMAN, 2009). Essas transmissões eram irradiadas para boa parte do território brasileiro, o que reforçava justamente a ideia de integração nacional, proposta pelo ideário varguista do Estado Novo (1937-1945), como traz Drumond (IN PRIORI; MELO, 2009). Desde então, o futebol só tem conquistado cada vez mais espaço na preferência esportiva do brasileiro, suplantando outros esportes, em termos de aceitação, como esporte ligado às massas.

O futebol, durante o primeiro governo de Vargas, foi alçado à condição de um elemento de integração e disciplina das massas populares, ligando-se, assim, a um projeto nacional de criação de uma identidade brasileira. Nesse momento histórico, o



Brasil e Itália, pela Semi final da Copa de 1938

futebol já tinha deixado de estar circunscrito às elites, locais ou nacionais, para ser praticado por pessoas de todas as classes sociais. De acordo com Ribeiro (2003, p. 02) o futebol

[...] correspondia a um movimento cultural e político mais amplo, envolvendo tanto os interesses de disciplina social do Estado, a dinâmica específica do futebol, quanto um clima cultural, que perpassava toda a sociedade, de produção de uma identidade nacional forte. Com relação à situação específica do futebol, a profissionalização correspondia à tensão que existia entre a tradição elitista e amadora dos primórdios da prática esportiva e a necessidade de regulamentar nos clubes - numa conjuntura de popularização do futebol - a crescente participação de jogadores remunerados, de sua maioria de origem pobre e negra.

Nesse período, a atividade futebolística e a sua consequente profissionalização tornaram-se os principais vetores da construção da identidade

nacional brasileira, criando, segundo autores como Gilberto Freyre (*apud* RIBEIRO, 2003), um estilo próprio de jogar, que caracterizava e valorizava o jogador brasileiro nos gramados, tornando-o único em relação ao futebol praticado na Europa, por exemplo.

Em virtude da II Guerra Mundial, entre 1939 a 1945, não ocorreu a edição da Copa do Mundo no ano de 1942, ou seja, a totalidade das competições esportivas de porte mundial foram suspensas nesse período. Em 1946, também não houve a edição do campeonato mundial, em decorrência do processo de reconstrução por que a Europa, principal polo futebolístico da época, estava passando, devido à destruição que ocorrera no velho mundo com o conflito mundial (GUTERMAN, 2009).

O mundial de 1950, por sua vez, foi sediado pelo Brasil e, no país, havia a expectativa de que a seleção brasileira venceria o campeonato, já que era tida como a grande favorita da competição, em virtude do bom resultado obtido no último mundial ocorrido, em 1938. A impressionante campanha que o Brasil fez nesse campeonato aumentou ainda mais quando a seleção brasileira chegou à partida final, contra o Uruguai, na então capital federal, Rio de Janeiro, no estádio do Maracanã. O estádio era considerado o maior do mundo, possuindo na época capacidade para acolher duzentos mil torcedores; tratava-se, sem dúvida, de um símbolo para o futebol nacional e para a confiança que os torcedores brasileiros depositavam em sua seleção (MURRAY, 2000).

Contudo, a “Celeste Olímpica”, apelido dado pela

crônica esportiva à equipe uruguaia, venceu a partida com escore de 2 a 1, para perplexidade e revolta nacional, tanto que, na final da partida, multidões choravam pela derrota nas ruas do Rio de Janeiro. O verdadeiro choque causado pela derrota brasileira nessa copa do mundo, chamado pela imprensa esportiva uruguaia de então de *Maracanazo*, pode ser explicado pelo generalizado sentimento de “já ganhou” que a população e os próprios jogadores brasileiros estavam sentindo nas vésperas da final do mundial (GUTERMAN, 2009).

Dentro desse contexto, o Rio Grande do Sul, desde a primeira Copa do Mundo, teve participação nas seleções nacionais, seja atuando como titulares ou como reservas, salvo no campeonato mundial de 1938, quando não houve nenhum jogador sul-rio-grandense convocado para o selecionado nacional (MURRAY, 2000). No primeiro certame mundial, ocorrido em 1930, o futebol gaúcho foi representado por Moderato Wisentainer, atacante nascido em Alegrete, que atuava pelo Flamengo quando convocado para jogar no mundial. Esse jogador chegou a fazer dois gols no mundial, em partida contra a Bolívia (ZERO HORA, 2002). Na edição seguinte da copa do mundo, em 1934, Luiz Luz, que então atuava como zagueiro pelo Grêmio FBPA, foi convocado para o selecionado nacional, tornando-se o primeiro gaúcho a atuar em um clube do estado a participar da seleção brasileira.

Outra relevante contribuição dada por gaúchos à seleção brasileira foi a criação do uniforme nas cores verde e amarela, que ficou popularmente conhecida como o uniforme “canarinho” e que se tornou a

marca registrada do selecionado nacional brasileiro. Como que numa tentativa de apagar o péssimo resultado obtido no mundial de 1950, a CBD promoveu, em 1953, um concurso em nível nacional para definir o novo fardamento da seleção, em substituição ao uniforme azul e branco até então utilizado (MURRAY, 2000).

A comissão organizadora definiu como condição que o uniforme tivesse as cores verde, amarela, azul e branca, representando as cores da bandeira brasileira. O vencedor desse concurso, dentre os mais de 300 concorrentes, foi o desenhista, jornalista e escritor Aldyr Schlee, gaúcho de Jaguarão, mas com formação intelectual e pessoal uruguaia. O

Maracanã, 1950.



desenhista foi convidado para ir ao Rio de Janeiro acompanhar o lançamento do novo uniforme, que teve como modelo o jogador do Fluminense Carlyle. A estreia da camisa canarinho em um jogo oficial deu-se em partida contra o Chile, pelas eliminatórias da Copa de 1954 (ZERO HORA, 2002).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O futebol constituiu-se, já na primeiras três décadas do século XX, como uma paixão lúdica fascinante para os jogadores e espectadores; tratava-se de um esporte com regras claras, simples e que necessitava de pouco equipamento para ser praticado e assistido por contingentes relativamente grandes de pessoas. Dessa forma, o surgimento dessa prática esportiva no Brasil deu-se no último decênio do século XIX e evoluiu rapidamente ao longo do século XX, transcendendo da concepção de esporte da elite, inicialmente, a futebol negócio e espetáculo globalizado nos dias atuais. Ao longo de sua implantação e consolidação em terras brasileiras, o esporte afirmou-se como um dos mais importantes elementos da formação da identidade brasileira.

Com distintas fases, o seu papel alterou-se ao longo do tempo na sociedade brasileira. Iniciou como elemento de uma pequena elite, tornou-se paixão popular integradora, profissão, caminho de afirmação nacional e também um negócio milionário e global dentro do qual o Brasil representa importante papel. Nesse sentido, nas primeiras

décadas do século XX, o futebol desenvolveu-se grandemente também no Rio Grande do Sul, o que, em linhas gerais, ocorreu de forma semelhante nos outros estados brasileiros. Nesse período efervescente para o esporte, vários clubes se formaram no estado, especialmente em Rio Grande, Pelotas e Porto Alegre, cidades que iniciaram o movimento de introdução no sentido litoral-interior, ensejando uma multiplicação de equipes esportivas nesse estado brasileiro.

Nesse contexto, a participação brasileira nas quatro primeiras edições da Copa do Mundo, em 1930, 1934, 1938 e 1950, assume uma posição de relevo para compreender de que forma o futebol consolidou-se como a grande paixão esportiva nacional. Durante a década de 1930, o país já era guindado à condição de “país do futebol”, pelo fato de ter obtido o terceiro lugar no campeonato mundial de 1938. Essa colocação foi fruto de um esforço articulado entre um projeto de Estado e o crescente desenvolvimento dos meios de comunicação de massa existentes à época – o rádio, especialmente – bem como da já grande paixão popular que havia, nesse momento histórico, pelo jogo da pelota no Brasil.

Tanto no âmbito nacional quanto do Rio Grande do Sul, a Copa do Mundo teve uma grande e decisiva influência para a consolidação e a expansão da atividade futebolística no Brasil. Já no primeiro campeonato mundial, disputado em 1930, havia a presença de um jogador sul-rio-grandense no selecionado nacional, que, inclusive, marcou gols na primeira participação brasileira em campeonatos

mundiais. Nesse sentido, outra contribuição relevante que o estado deu para a seleção brasileira foi no sentido de que foi um gaúcho, Aldyr Schlee, o criador do uniforme da seleção brasileira nas cores verde e amarela, no ano de 1953. A chamada camiseta “canarinho” forjou uma marca registrada do futebol brasileiro no exterior e acabou se tornando praticamente um sinônimo do futebol do Brasil em termos globais.

Com isso, pode-se dizer que a paixão brasileira pelo futebol foi reforçada pela participação do país nas copas do mundo, bem como o futebol pode ser entendido como um dos primeiros elementos de formação de uma identidade nacional brasileira mais coesa e definida. O futebol, antes restrito a uma pequena elite e que, seja no contexto nacional ou do Rio Grande do Sul, já nos anos 1930, popularizou-se rapidamente entre as diferentes classes sociais brasileiras, tornando-se um elemento importante para a criação, em termos mais gerais, de um “jeito brasileiro de ser”. Finalmente, a copa do mundo também pode ser compreendida como um vetor importante de análise e de reflexão acerca da própria dinâmica histórica e social brasileira desde o início do século XX até a contemporaneidade. A partir do desastre de 1950 no Maracanã contra o Uruguai, moldou-se um patriotismo futebolístico que faz o Brasil ser hoje um país e quase 200 milhões de técnicos e apaixonados pela nossa seleção.

Futebol: paixão nacional.



REFERÊNCIAS

DRUMOND, Maurício. O esporte como política de estado: Vargas. In: PRIORE, Mary Del; MELO, Victor Andrade de (Orgs.). **História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais**. São Paulo: Editora da UNESP, 2009.

GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular no país**. São Paulo: Contexto, 2009.

JESUS, Gilmar Mascarenhas. Construindo a cidade moderna: a introdução dos esportes na vida urbana do Rio de Janeiro. **Estudos Históricos**, n. 23, p. 17-38, 1999.

_____. Futebol, globalização e identidade local no Brasil. **Lecturas: Educación Física y Deportes, Revista Digital**. Buenos Aires, ano 8, n. 57, 2003.

MURRAY, Bill. **Uma história do futebol**. São Paulo: Hedra, 2000.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro 1902-1938**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PRODANOV, Cleber Cristiano; MOSER, Vinícius. Estado Novo e futebol: a região italiana do Rio Grande do Sul. **Lecturas: Educación Física y Deportes, Revista Digital**. Buenos Aires, ano 14, n.140, ago. 2010.

_____; MOSER, Vinícius. O futebol ítalo-germânico no Rio Grande do Sul. **Lecturas: Educación Física y Deportes, Revista Digital**. Buenos Aires, ano 14, n.135, ago. 2009.

_____; MOSER, Vinícius. Marcas de uma história, marcas do futebol: o Foot-Ball Club Esperança. **Lecturas: Educación Física y Deportes, Revista Digital**. Buenos Aires, ano 14, n.152, jan. 2011.

RIBEIRO, Luiz Carlos. Brasil: futebol e identidade nacional. **Lecturas: Educación Física y Deportes, Revista Digital**. Buenos Aires, ano 8, n. 56, ago. 2003.

SCARZANELLA, Eugenia. **Fascistas en América del Sur**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2009.

ZERO HORA. **Brasil nas copas:** em destaque, a participação dos gaúchos. Porto Alegre, ZH Publicações, 2002.

IMAGENS DISPONÍVEIS EM:

http://2.bp.blogspot.com/-4o_oHZud1FQ/TXwATEyHrsl/AAAAAAAAAMM/EF0VqAmw_fo/s1600/RG1900.jpg. Acesso em 29 nov. 2011.

http://www.ebafutebol.com.br/wp-content/uploads/2010/04/BRAlance-da-semifinal-da-copa-do-mundo-de-1938-entre-brasil-e-italia-1257347925532_615x300.jpg. Acesso em 29 nov. 2011.

https://lh5.googleusercontent.com/-eqAyQ-8GDBM/TYyWW9Btrpl/AAAAAAAAAFQI/8nhkP_QeaA0/Maracana+-+1950.jpg. Acesso em 29 nov. 2011.

<http://christianjafas.files.wordpress.com/2011/05/maraca-lotado.jpg>. Acesso em 29 nov. 2011.





Edson Arantes do Nascimento - Pelé

A INICIAÇÃO ESPORTIVA SOB A PERSPECTIVA DA COPA DO MUNDO DE FUTEBOL - FIFA - 2014

Luiz Fernando Framil Fernandes¹

Encontramo-nos num momento em que o esporte é um dos assuntos mais demandados da nossa sociedade, na mídia, nas universidades, no governo ou, ainda, nas rodas de conversa informal. Esse tempo de falar sobre o esporte destaca-se pela proximidade da realização no Brasil de um dos dois maiores eventos esportivos da humanidade, a Copa do Mundo de Futebol Fifa, em 2014, (maior evento esportivo do Planeta) e as Olimpíadas do Rio de Janeiro, em 2016. Esses discursos são marcados desde a concordância incondicional à iniciativa até o desacordo e a asseveração pela realização do acontecimento. Dentre os que concordam e se mostram favoráveis, ainda encontramos as disposições mais variadas sobre o legado que esses eventos trarão às cidades-sede e, por conseguinte, a seus cidadãos.

O esporte é um elemento da cultura construído

historicamente e instrumento importante para a sociedade. É uma peça fundamental, utilizada, às vezes, como interesse de dominação política e como atividades, as quais têm na sua essência elementos constitutivos que interagem e se materializam em práticas corporais (ARAÚJO, 2002). O esporte é um produto cultural que surge do jogo e, somente quando institucionalizado, formado por técnicas, táticas, estratégias, regras, competições e concretizado pelos aspectos biológico, psicológico, social e humano, é assim intitulado (SADI, COSTA e SACCO, 2008), uma vez que são essas as características que tornam o esporte objeto de estudo da ciência em diferentes áreas: humanas, exatas e biológicas.

Nesse sentido, o desafio que postamos a este estudo não é discorrer sobre a Copa do Mundo de Futebol Fifa 2014, nem tampouco do que ela poderá

1. Graduado em Educação Física pela Universidade Feevale, Especializado em Treinamento Esportivo pelo Instituto Porto Alegre, Mestre em Administração de Empresas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Doutor em Motricidade Humana pela Universidade Técnica de Lisboa - Faculdade de Motricidade Humana; atua como professor na Universidade Feevale.

trazer para o Brasil e, por conseguinte, para as cidades-sede dos jogos em termos de legado, seja ele político, cultural, social ou econômico. O objeto de estudo, aqui proposto, é discutir o esporte, que se manifestará institucionalizado nesses grandiosos eventos, como legado para a prática esportiva, mais especificamente para a iniciação ao esporte em sua ação educativa. Para o desvendamento do problema, classificamos o presente estudo como um ensaio teórico-empírico, que busca, segundo Lakatos e Marconi (2002), solução para problemas específicos, envolvendo verdades e interesses locais. A pesquisa realizada, por sua vez, é exploratória, pois buscamos um entendimento sobre a natureza geral do problema, a Copa do Mundo de Futebol Fifa 2014, e as variáveis relevantes que precisam ser consideradas, os megaeventos esportivos, a iniciação esportiva e as contribuições desse evento (AAKER, 2001). Para tanto, foram utilizados dados secundários obtidos de fontes em pesquisas bibliográficas, periódicos e em *sites* especializados.

O EVENTO ESPORTIVO E A INICIAÇÃO ESPORTIVA

É com o propósito de compreender a importância de um megaevento esportivo para a iniciação esportiva que iniciamos o debate, buscando o conceito de megaevento esportivo. Koch (2011, p. 40) considera megaevento “toda grande competição que envolve ações e projetos, que exige a construção de novos aparelhos e que,

principalmente, tem o poder de transformar uma cidade ou uma nação”.

Mais especificamente, Santovito (2006) presenteia-nos com a definição de que evento esportivo é uma competição de uma ou mais modalidades esportivas, destinada ao público consumidor daquele esporte. A autora ainda acrescenta que esses empreendimentos podem envolver ampla divulgação, organização, regulamentos específicos, homenagens a personalidades significativas de cada modalidade, cerimonial e protocolos oficiais de cada país e que a mídia tem significativa importância, como determinante para a compreensão do fenômeno.

Complementando, Santovito (2006) traz, ainda, que, em correspondência, o público-alvo das ocorrências esportivas deseja, em geral, entretenimento e lazer, fortes emoções, alegria e paixão. Além disso, em alguns casos, busca participação efetiva, incremento pessoal e espera contínuas informações sobre o desempenho de sua equipe ou país. Nesse sentido, a autora (2006) assegura que os megaeventos potencializam a capacidade do evento esportivo em “vender” vários propósitos, através de grande audiência, do extenso período de exposição, do alcance mundial e das grandes atrações com os melhores atletas e equipes mundiais.

É nesse ponto que nos deparamos com algumas indagações que reforçam o desígnio de perguntar: Qual a real importância da Copa do Mundo de Futebol da Fifa 2014 para a formação esportiva e a cidadania das crianças e da juventude do Brasil?

Que mensagem específica a Copa do Mundo de Futebol da Fifa 2014 deixará em termos de afetividade, moralidade, sociabilidade, beleza, prazer e emoções? Que finalidades serão “vendidas” aos jovens que estão aprendendo e se formando para o esporte? Nesse sentido, pretendemos discutir a influência de megaeventos, especificamente da Copa do Mundo de Futebol Fifa 2014, como um produto “vendável” e incentivador da prática esportiva e em seu aspecto crítico de atribuir à ação educativa como seu objeto (ARAUJO, 2002).

Atualmente, de acordo com Galatti e Paes (2008), o esporte manifesta-se na sociedade de diversas maneiras, gerando uma pluralidade de definições. Autores como Rufino e Darido (2011) indicam que os estudos sobre a iniciação ao esporte apresentavam, sobretudo, sua vertente nas áreas das ciências biológicas, mais especificamente na fisiologia e na medicina esportiva. Porém, refirmam que há uma premente necessidade de se estudar o fenômeno do ensino do esporte, devido a sua abrangência e pluralidade, pelos mais diversos campos, incluindo nesses estudos o campo pedagógico.

Se outrora os estudos sobre esporte vertiam principalmente nas áreas das ciências biológicas como a fisiologia e a medicina esportiva, atualmente há a necessidade de se estudar este fenômeno plural e abrangente nos mais diversos campos, inclusive, o pedagógico. (RUFINO e DARIDO, 2011, p. 112).

Outra alteração importante nessa perspectiva é a de Santana (2002), ao descrever sobre os problemas encontrados na pedagogia do esporte tradicional,

utilizada na iniciação esportiva. O referido autor, baseado nos preceitos da complexidade de Morin, afirma que:

[...] professores (as), técnicos (as), pais e dirigentes -, cria estruturas onde à criança é reservada apenas a tarefa de alcançar o máximo de rendimento esportivo, atendendo, na maior parte das vezes, coercitivamente, mais os interesses desse próprio sistema e menos os da criança. (2002, p. 177).

O estudioso alega que o pensamento simplista reinante na iniciação esportiva, que não respeita as diferenças, elege resultados em curto prazo como objetivo, com “atitudes recorrentes como as de selecionar crianças, revelar talentos, ganhar competições” (2002, p.180), tem a necessidade de ser substituído por uma pedagogia que contemple a real complexidade em que estão envolvidas a própria iniciação esportiva e as pessoas. Isso, contudo, não significa deixar de ressaltar que uma criança pode chegar a atingir níveis de desempenho que a levem ao esporte profissional, após temporadas de prática:

Não se trata de excluir da iniciação esportiva as áreas de conhecimento que se encarregam de clarificar, por exemplo, os estágios de desenvolvimento motor, os períodos indicados para se desenvolver as diferentes capacidades, a melhor fase para aprender as habilidades motoras, as implicações maturacionais e fisiológicas. Tampouco de excluir o surgimento de crianças talentosas ou de desconsiderar o fato de que as equipes de base contêm possíveis crianças que chegarão ao esporte profissional. (SANTANA, 2002, p. 177)

Conforme o autor, essa pedagogia resume a sua intervenção somente no campo da racionalidade, privilegiando o investimento: no desenvolvimento das capacidades físicas e no controle destas e das variáveis antropométricas; no aprimoramento, em geral precoce, das habilidades técnicas e táticas; na eleição um modelo de atleta ideal a ser seguido ou, então, a ser (per) seguido; na seleção de crianças que atendam às exigências de um modelo de atleta ideal e que componham as equipes menores de competição; a participação em campeonatos em que se reproduzem estruturas de competição do esporte profissional; e a eleição da competição como o

principal referencial para avaliar as crianças.

É sabido que o esporte é uma das atividades preferidas por meninos e meninas até o final da adolescência. É certo que, muitas vezes, o esporte, nas idades iniciais, é desenvolvido de uma forma excessivamente competitiva e discriminatória, como aborda Santana (2002), focado somente nos melhores e no resultado como finalidade, seja ele praticado na escola, em clubes ou outros espaços.

A iniciação esportiva é o processo pelo qual se ensina alguém a praticar uma ou várias modalidades esportivas. Podemos dizer que o aprendizado do esporte, em sua práxis, não está relacionado somente



ao que é racional, como a coordenação técnica-motora, a condição motora, a cognição e motivação (GRECO, 1998), mas que existem outras dimensões humanas sensíveis relacionadas, como a afetividade, a moralidade, a sociabilidade, a beleza, o prazer e as emoções. Nesse sentido existem unidades coexistentes e geradoras de uma série de evidências de complexidade que devem ser tratadas pedagogicamente.

O conceito de iniciação esportiva vai ao encontro do de Pedagogia, que, em seu significado literal, significa “condução da criança” e, no contexto crítico, atribui à ação educativa o seu objeto. (ARAUJO, 2002, p. 26). A Pedagogia é a ciência da reflexão crítica e, ao mesmo tempo, experiência permanentemente dirigida do sistema de conjunto das medidas organizacionais e dos procedimentos didáticos, que devem conduzir um coletivo de educadores\educandos ao pensamento e à ação coletivos. (GONZÁLES e FENSTERSEIFER, 2005, p. 316).

É nesse pressuposto que questionamos a importância e possibilidade de legado possível da Copa do Mundo de Futebol Fifa 2014. Se olharmos a ideia de ação educativa como um processo de reflexão crítica, para além dos aspectos racionais, fator que é defendido por vários autores, como vimos anteriormente, (SANTANA, 2002; ARAUJO, 2002; GALATTI e PAES, 2008; RUFINO e DARIDO, 2011), podemos prospectar um legado da Copa do Mundo de Futebol Fifa 2014, constituída e mostrada como elemento racional do esporte.

Um possível legado que a Copa do Mundo de

Futebol FIFA 2014 trará à iniciação esportiva, em que a participação de professores e a metodologia adotada nas escolas de esporte serão o ponto de partida. Cabe, então, discutirmos a implementação desse processo na iniciação esportiva, considerando as dimensões propostas por Paes (2002), segundo quem o fenômeno deve ser tratado a partir de dois referenciais: um ligado às questões técnico-táticas e outro às socioeducativas.

Galatti (2006, p. 24) elenca as características desses dois referenciais, sendo que o referencial técnico-tático diz respeito aos métodos de ensino e aprendizagem, planejamento ao longo do período (mês, bimestre, semestre, ano...), organização de cada aula/treino, adequação da proposta ao grupo de trabalho, aspectos técnicos, táticos, físicos. O referencial socioeducativo prevê promover a discussão de princípios, valores e modos de comportamento, propor a troca de papéis (colocar-se no lugar do outro), promover a participação, inclusão, diversificação, a coeducação e a autonomia, construir um ambiente favorável para o desenvolvimento de relações intrapessoais e interpessoais (coletivas), estabelecer relações entre o que acontece na aula de esportes e a vida em comunidade.

Dessa forma, é possível vislumbrarmos a multiplicidade de possibilidades educacionais da Copa do Mundo de Futebol FIFA 2014, seja pela discussão de suas técnicas e modalidades, seja com o intento de agenciar e aventar valores, como proposto por Paes (2002), ou seja, “vender” e incentivar a prática esportiva em seu aspecto crítico

de atribuir à ação educativa como seu objeto (ARAÚJO, 2002). Propomos, nesse sentido, duas possibilidades de ação metodológicas que poderão proporcionar resultados concretos, ocasionados pela alta e longa exposição da Copa do Mundo de Futebol FIFA, objetivando estabelecer relações entre o que acontece na aula de esportes e a ação do Evento na vida em comunidade, uma voltada para o que acontecerá dentro do campo de jogo e outra em função do que o Evento trará para essas crianças e adolescentes e a sociedade em geral.

Na primeira, visando à discussão e promoção de princípios, valores e modos de comportamento, a opção é pôr em pauta os valores, princípios e modos de conduta dos diversos povos que participam da Copa do Mundo de Futebol: na apreciação da maneira de ser dos atletas e dirigentes em suas participações nos jogos, na maneira como reagem à vitória e à derrota; na apreciação de seus torcedores, no comportamento e na maneira de se relacionarem entre si, com os brasileiros e o que buscam como opção de lazer em dias de não jogos.

Na segunda opção, podemos buscar, ao proporcionar às crianças e aos adolescentes um ambiente que favoreça e instigue a compreensão de como aconteceu a participação e inclusão dos brasileiros através do Evento. Além disso, discutir quais foram as oportunidades ocasionadas aos seus familiares, vizinhos e conterrâneos durante os preparativos para os jogos e, depois, acerca de quais serão as reais possibilidades de melhoria das condições de vida em sociedade a partir do Evento.

PALAVRAS FINAIS

Este estudo não pretendeu realizar conclusões definitivas, mas estabelecer algumas posições em relação ao legado que a Copa do Mundo de Futebol FIFA 2014 poderá trazer à iniciação esportiva. A partir de um ensaio teórico-empírico, exploramos uma possível relação entre o Evento e a iniciação esportiva, numa possibilidade de ação metodológica que propicie um sentido crítico à ação educativa.

Certamente podemos dizer que a Copa do Mundo de Futebol FIFA 2014 deixará um legado importante em termos de infraestrutura e estrutura de turismo e lazer para as cidades e para a prática esportiva, sem entrar no mérito do ganho e do custo político e financeiro. Sob o ponto de vista de motivação, também não há nenhuma dúvida de que a iniciação e a prática esportiva ganharão muito, em face de uma alta e prolongada exposição do Evento na mídia em geral: nos jornais, rádios, tevês, internet...

Entretanto, o que preocupa é a ação educativa resultante desses jogos e com que sentido crítico ela será utilizada. A apreensão fica em como se dará o bom emprego junto às escolas de esporte do sentido obtido com a Copa do Mundo ou se somente será utilizado, aproveitando esse momento de grande exposição, como estruturas onde à criança é guardada apenas a tarefa de abiscoitar o máximo de rendimento esportivo.

REFERÊNCIAS

AAKER, David. **Pesquisa de marketing**. São Paulo: Atlas, 2001.

ARAÚJO, U. **A Construção de Escolas Democráticas**: histórias sobre complexidade, mudanças e resistências. São Paulo: Moderna. (2002)

GALATTI, L. R. **Pedagogia do esporte**: o livro didático como um mediador no processo de ensino e aprendizagem de jogos esportivos coletivos. 2006. 139f.

Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

GALATTI, L. R., et. al. **Pedagogia do esporte**: procedimentos pedagógicos aplicados aos jogos esportivos coletivos. Conexões, v. 6, p. 397-408, 2008.

GALATTI, Larissa Rafaela; FERREIRA, Henrique Barcelos; SILVA; Ylane Pinheiro Gonçalves da; PAES, Roberto Rodrigues. **Pedagogia do Esporte**: procedimentos pedagógicos aplicados aos jogos esportivos coletivos. Campinas: Revista Conexões, v. 6, n. especial, 2008. P. 404 – 415.

GONZÁLEZ, Fernando; FENSTERSEIFER, Paulo. Dicionário crítico de educação física. Ijuí: Unijuí, 2005.

GRECO, Pablo Juan. **Iniciação esportiva universal 2**: metodologia da iniciação esportiva na escola e no clube. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

KOCH, Rodrigo. **Megaeventos, legado e educação olímpica**. Revista Juventude.Br. Dez. 2009. p. 40-42. Disponível em: http://www.cemj.org.br/revistasPdf/revista_juventude_br_Dez_2009.pdf Acesso em: 24/10/2011.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, elaboração, análise e interpretação dos dados. 5ª ed., São Paulo: Atlas, 2002.

PAES, R. R. **Educação física escolar**: o esporte como conteúdo pedagógico do ensino fundamental. Canoas: Ed. da Ulbra, 2001.

PAES, R. R.. **A pedagogia do esporte e os jogos coletivos**. In: ROSE JR. **Esporte e atividade física na infância e adolescência**. São Paulo: Artmed, 2002. p. 89-98.

SADI, Renato Sampaio; SOUSA, Bárbara Torres Sacco; MELO, Fernando Garcez de SEABRA, André Luís dos Santos. **Pedagogia do esporte**: descobrindo novos caminhos. 1. ed. São Paulo, SP: Ícone, 2010. 215 p.

SANTANA, Wilton Carlos de. **Iniciação esportiva e algumas evidências de complexidade**. In: **SIMPÓSIO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS DO SUL DO BRASIL**, 14., 2002, Ponta Grossa. Anais... Ponta Grossa: Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2002. p. 176-180.

SANTOVITO, Tereza C.. **A Copa do Mundo 2006**: Megaevento Esportivo como Atração Turística, Instrumento de Comunicação e Interação entre os Povos. Revista Comunicação & Inovação. São Paulo: Jul/dez, 2006. p. 50-58.

IMAGENS DISPONÍVEIS EM:

<http://www.tvtelinha.com/wp-content/uploads/2010/10/pele.jpg>. Acesso em 29 nov. 2011.

http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/DSC_0067_1258403203.JPG. Acesso em 29 nov. 2011.

http://2.bp.blogspot.com/_PiLBTU-OT6s/TAo0k1c2FNI/AAAAAAAAAYk/RmbazDjVdBM/s1600/DSC06179.JPG. Acesso em 29 nov. 2011.





SOLIDARIEDADE, PARTICIPAÇÃO E PRAZER: PRINCÍPIOS NORTEADORES DO BRASILEIRO FRENTE AO FUTEBOL

Sueli Maria Cabral¹
Magale Konrath²

A perspectiva deste artigo parte de um estudo inicial sobre as dimensões sociais do futebol, sob a perspectiva de que o concreto, os sonhos e as lembranças misturaram-se, unindo “uma porção de matéria e um sopro de espírito” (CHEVALIER, 1982, p. 36). Assim, com apenas duas bolas de futebol trazidas na bagagem por Charles Miller, em 1894, tivemos o início de uma história que a cada dia é escrita e redesenhada. Com poder agregador, no qual as pessoas podem participar jogando ou apenas assistindo, o esporte tem cativado as “massas” a ponto de a identidade cultural do brasileiro ser permeada pelo sucesso do nosso futebol.

A vivência e a compreensão do futebol oportunizaram que as aproximações teóricas sobre homem e o esporte direcionassem-se à ideia de que no âmago dessa sociabilidade está imbuído o

princípio da solidariedade (pela dimensão ética), o princípio da participação e do redimensionamento do espaço de ação da cidadania (pela dimensão política) e o princípio do prazer, da emoção compartilhada (pela dimensão da estética), transformando o estar-junto cotidiano como aquilo que promove o enraizamento, permitindo um entrecruzamento de microvalores, sejam eles sociais, culturais ou produtivos. Trata-se de uma lógica que, centrada no futebol presente no cotidiano, promove a fusão grupal e assegura uma união de elementos inato-adquirido-construídos (PETRAGLIA, 1995, p. 71), possibilitando a conjunção entre o reconhecimento e a descoberta. Essa conjunção, por sua vez, é permeada pela razão, pela técnica, pela paixão, pela estética, pela ética e pelo prazer, consubstanciada por princípios éticos, políticos e estéticos.

1. Graduada em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1989) e mestrado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2001). Atualmente é professora adjunta da Universidade Feevale e das Faculdades de Administração SENAC.

2. Licenciada em Educação Física, Mestre em Ciências Sociais; atua como Professora do curso de Educação Física da Universidade Feevale e pesquisa sobre Qualidade de vida /Esporte/Ciências Sociais.

Assim, a partir de algumas aproximações teóricas, constituímos a tecitura deste artigo: a primeira é de que algumas pessoas, na sua relação com as coisas e signos do mundo, tornam-se figuras reveladoras de um movimento subterrâneo, em que a desordem que se instala pode ser transformada em um agente de fortalecimento de forças individuais e coletivas; a segunda, a de que uma abordagem, que inclui não só o cognitivo mas também o afetivo, pode possibilitar uma melhor percepção sobre os atuais sentidos atribuídos ao futebol, tecido dentro da lógica de um *estar-junto ético, estético e político*.

A tradução da compreensão dos significados das relações entre as pessoas e o futebol envolve o domínio do diálogo com as diferenças encontradas tanto no seu exterior como no âmago da sua interioridade. Sendo assim, é importante que percebamos que o cenário oportuniza-nos uma visão na qual é possível perceber um movimento de ordem e desordem, que gesta o diálogo e a transformação entre as partes – as subjetividades – e o todo – a sociedade. Essa dinâmica, vivenciada e absorvida pelas pessoas envolvidas direta ou indiretamente, permite uma compreensão a partir de três princípios³: da solidariedade na dimensão do ético, da participação, na dimensão do político e do prazer da criação, da invenção, do vivido em comum na dimensão do estético (CABRAL, 2001).

O princípio da solidariedade, vivenciado no domínio do ético, está embasado nas lições de

Sócrates, Platão e Aristóteles, nas quais se localizam argumentos filosóficos contrários ao individualismo e a favor das relações humanas. A humanidade, desde a Antiguidade, sempre oscilou entre o individualismo e a necessidade de viver em sociedade. Tal princípio torna-se visível nas diferentes relações sociais mantidas pelos torcedores, a partir da capacidade de reunir e agregar, um sentido de responsabilidade para com o outro (o 'outro' futebol, o jogo, o 'outro' torcedor), um compromisso ético de *corresponsabilidade* pelo presente e pelo futuro.

O princípio da participação preconiza que, na prática social, no acompanhamento diário dos acontecimentos esportivos, nas diferentes coligações com os diversos elementos que as cercam e são exteriorizadas em embates, via de regra, as relações acabam culminando em jornadas que *procuram um prazer possível*.

O princípio do prazer, possível na emoção partilhada, num *estar-junto*, detentor de uma lógica transgressora da ordem racionalizadora, vivenciada na dimensão do estético, oportuniza perceber o futebol e seus eventos, como a Copa do Mundo, a partir do multicultural, de um teia de múltiplos sentidos. Tal perspectiva constitui o terreno sobre o qual é possível entender o subterrâneo da dinâmica social, o que "*religa*" a partir da lógica da emoção. No entanto, essa emoção não é um "simples fenômeno psicológico ou um suplemento da alma sem consequência, é uma estrutura antropológica,

³ Esta perspectiva está fundamenta na noção do sociólogo Boaventura de Souza Santos sobre um novo senso comum, um senso comum emancipatório.

cujos efeitos ainda estão aí para serem apreciados” (MAFFESOLI, 1996, p. 29). Ela conduz a um novo tipo de ligação com o outro, que repousa na correspondência, no reconhecimento da proximidade (CABRAL, 2001).

Na interseção desses três princípios, solidariedade, participação e prazer, vivificados na dimensão do ético, político e estético, a vida cotidiana é uma obra de arte e a própria vida é uma obra de criação coletiva, composta por situações e práticas minúsculas, em que “o fato culinário, o jogo das aparências, os pequenos momentos festivos, as deambulações diárias, os lazeres, etc. não podem ser considerados como elementos sem importância ou frívolos da vida social” (MAFFESOLI, 1996, p. 27). São elementos fundantes de uma socialidade que, balizada por um *estar-junto*, confere sentidos às coisas e às pessoas, agregando um modo de ser (*ethos*), mesmo que particular e momentâneo, propiciando um *sentir-junto* as convergências das ações e a sinergia social (CABRAL, 2001) .

É nessa perspectiva que acreditamos que os temas

futebol, torcedor, paixão tornam-se alvo de estudos das mais diferentes áreas. Muitas são as palavras que traduzem os sentimentos dos atores envolvidos no futebol. Do futebol boêmio e romântico (como o que tivemos até a era Pelé), passando pelo espírito guerreiro com a reprodução de mitos e surgimento de heróis, apenas para lembrar os aspectos positivos. Do outro lado da balança, encontramos a fúria, a indignação e a revolta desses mesmos



torcedores quando insatisfeitos com os resultados da sua equipe ou seleção. Por falar em seleção, esta pode enaltecer ou estigmatizar os jogadores de toda uma “era”.

O futebol é, por excelência, um desses lugares em que a afetividade da política manifesta-se para além da racionalidade pragmática. Fortemente contido de paixão – individual e coletiva, o futebol não se prende exclusivamente às determinações de classes, na medida em que, tomadas de forma clássica, elas são excessivamente redutoras. Nesse sentido, a dimensão afetiva da vida esportiva é também marcada pela paixão e pelo ressentimento.

Concordamos com Gastaldo (2009) ao afirmar que o futebol no Brasil tem sido, nos últimos cinquenta anos, uma atividade de enorme importância social. Suas consequências ultrapassam as linhas do campo de jogo e envolvem questões de Estado. Exemplo forte disso é o movimento que envolveu a Copa do Mundo de 1970 com o célebre *slogan* “Vamos juntos todos, prá frente Brasil, salve a seleção [...]”. Por isso, devemos considerar a Copa do Mundo como um fato social de enorme importância na cultura brasileira contemporânea. Essa ideia é reforçada por Reis e Escher (2008, p. 44), quando consideram que “o sentido de fazer parte de uma nação parece estar cada vez mais exclusivo pelo esporte, e principalmente pelo futebol no Brasil”.

O futebol é fortemente contido de paixão, seja individual ou coletiva, e a dimensão afetiva da vida esportiva é também marcada pelo ressentimento.

Segundo Ribeiro (2004, p. 106),

É [...] o lugar da “inconsciência”, no sentido oposto daquela consciência racional determinada e imposta de cima e de fora dos sujeitos e dos grupos. É um espaço privilegiado do inconsciente coletivo, dos indivíduos e das massas. O lugar por excelência da indeterminação.

O clamor popular que ferve em meio ao megaevento da Copa do Mundo no Brasil é mais acentuado, pois o brasileiro já nasce técnico de futebol, ou seja, a partir do momento em que participa do esporte, coloca-se em condições de analisar e criticar a escalação de jogadores, a escolha da formação tática da equipe e as opções de alterações ao longo da partida. Segundo Palma (2010, p. 161), “em ano de Copa do Mundo de Futebol a “síndrome” se agudiza e, talvez mais do que nunca, o brasileiro procura, com toda paixão, opinar sobre o trabalho dos treinadores de futebol”. Tal fato é reforçado por Reis e Escher (2008, p. 44) ao comentar que “o futebol apresenta-se como uma forma de auto-afirmação e de vivência de diversos sentimentos para muitos torcedores”.

Sendo assim, o futebol, em especial quando associado à Copa do Mundo 'no Brasil', assume um contexto imbuído de um conjunto de significados (perda, sofrimento, alegria, prestígio, paixão, convivência, etc.), que adotam diferentes percepções na esfera do cotidiano dos sujeitos. Assim, acreditamos que o sentido de fazer parte de uma nação parece ser cada vez mais exclusividade do esporte, e, no Brasil, principalmente do futebol.

Afinal, como já dissemos, o brasileiro “nasce” técnico de futebol, é acostumado a dar palpites nos modos de jogar, nas contratações de jogadores de seu time do coração ou até nas convocações e escalafões da Seleção Brasileira.

O desafio de investigar **princípios norteadores do brasileiro frente ao futebol** ainda carece de uma investigação mais ampla, uma vez que as categorias de explicação apresentadas ainda estão sendo

analisadas e não abrangem toda a sua complexidade. Entretanto, tais proposições podem ser um ponto de partida para o amadurecimento de mecanismos analíticos, em que o *locus* do dialógico constitui-se por um olhar mais profundo e complexo, uma vez que o campo de exploração é imenso e existem vários outros elementos que devem ser abordados e outros que devem ser melhor analisados.

REFERÊNCIAS

AVELINO, Pedro Buck. ***Princípios da solidariedade: imbricações históricas e sua inserção na constituição de 1988***. Revista de Direito Constitucional e Internacional, n.º 53, out/dez, São Paulo: RT, 2005, p. 228.

CABRAL, Sueli Maria. **Trabalhadores do Lixo**. Relato de uma pedagogia da desordem. Dissertação de Mestrado. UFRGS/PPGEDU – 2001.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alaun. **Dicionário de Símbolos**. 2 ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1982.996p.DAMO, Arlei Sander. A magia da seleção. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Campinas, v. 28, n. 1, p. 73-90, set. 2006.

DAMO, Arlei Sander. Dom, amor e dinheiro no futebol de espetáculo. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. Vol. 23 n.º. 66 fevereiro/2008.

HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

GASTALDO, Édison. “O país do futebol” mediatizado: mídia e Copa do Mundo no Brasil. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 11, nº 22, jul./dez. 2009, p. 352-369

MAFFESOLI, Michel. **No Fundo das Aparências**. Petrópolis: Vozes Editora, 1996. 350p.

PALMA, Alexandre. África do Sul 2010: algumas reflexões sobre a equipe brasileira para a Copa. Rev. **Arquivos em Movimento**, Rio de Janeiro, v.6, n.1, p.163-168, jan./jun.2010.

PETRAGLIA, Isabel Cristina. **Edgar Morin: a Educação e a Complexidade do Ser e do Saber**. Petrópolis: Vozes, 1995. 116p.

PEREIRA, Adriana Bernardes. Ciência e futebol na pós-modernidade: por uma perspectiva crítica. **Rev. bras. psicol. esporte**, São Paulo, v. 2, n. 2, dez. 2008. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-91452008000200006&lng=pt&nrm=iso> acessos em 07 nov. 2011.

REIS, Heloisa Helena Baldy dos; ESCHER, Thiago de Aragão. As relações entre futebol globalizado e nacionalismo: o exemplo da Copa do Mundo de 2006. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**. Campinas, v. 30, n. 1, p. 41-55, set. 2008

RIBEIRO, Luiz Carlos. O futebol no campo afetivo da história. **Movimento**. Porto Alegre, v. 10, n. 3, p.99-111, setembro/dezembro de 2004.

IMAGENS DISPONÍVEIS EM:

<http://www.um27.org/site/wp-content/uploads/2011/08/DSC06029.jpg>. Acesso em 29 nov. 2011.

http://1.bp.blogspot.com/-r7vf7u6WdF4/TdXDylr_Kal/AAAAAAAAAV0/A31G3OFAlbo/s1600/marca%2Bum%2Bgol%2Bpra%2Bmim.jpg. Acesso em 29 nov. 2011.



IMPACTOS DOS LEGADOS DA COPA DO MUNDO DE FUTEBOL 2014

Rejane Penna Rodrigues¹

O esporte e o lazer podem se constituir como fator de desenvolvimento sociocultural e econômico, gerador de emprego e renda, criando uma dinâmica econômica em cadeia, com efeitos na indústria que produz material esportivo e tantos outros a serem utilizados em vários campos e setores implicados direta e indiretamente com sua realização, como a área tecnológica, de telecomunicação, transporte, saúde, educação e outras. Efeitos que também podem ser observados no comércio, que distribui os vários produtos produzidos para os campos do lazer e do esporte, nas áreas de serviços que requerem, no turismo que fomentam, enfim, nos mais variados setores a eles relacionados. O esporte e o lazer também são componentes fundamentais na afirmação da identidade nacional, fator de unidade de nossa diversidade cultural.

O Brasil, atualmente, vive um momento estratégico tanto na área do desenvolvimento econômico e social quanto na área do Esporte. Ao sediar os principais megaeventos internacionais, como os Jogos Mundiais Militares (2011), a Copa das Confederações (2013), a Copa do Mundo de Futebol (2014) e os Jogos Olímpicos e Paraolímpicos Rio 2016, impactos são gerados em várias áreas. O desafio é transformar todos os investimentos em legados positivos para o país.

A Copa do Mundo de Futebol de 2014, hoje em plena organização no Brasil, é um megaevento esportivo de destaque, pois implica em 12 cidades importantes de todas as regiões brasileiras para a sua realização, com impactos relevantes em seus entornos urbanos, bem como na economia local e nacional. De fato, a construção ou reforma de 12 estádios esportivos em adição à melhoria da

1. Mestre em Educação Física pela Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP); atua na Assessoria Especial do Ministério do Esporte e pesquisa sobre políticas públicas de esporte e lazer.

mobilidade urbana (BRTs, monotrilho, vias expressas, etc.) e aeroportos das cidades-sede preveem dispêndios próximos a 25 bilhões de reais, cifra similar à construção, na atualidade, da hidroelétrica de Belo Monte, obra emblemática para o futuro do país.

A menção dos atrasos das obras e defasagens orçamentárias como “fatos corriqueiros” não se prende apenas aos acontecimentos advindos das condições brasileiras atuais, mas que se destacaram também na preparação dos Jogos Pan-americanos de 2007 no Rio de Janeiro. A Copa 2010, realizada na África do Sul, também viveu vários casos de retardos em construções, embora em menor escala, na preparação para outros megaeventos, como os Jogos Olímpicos e Paraolímpicos de 2012, a serem realizados em Londres. Nos Jogos Pan-americanos de 2007, uma das instalações principais – Estádio João Havelange, Engenhão – teve sucessivas correções no seu orçamento original devido aos atrasos, com custo final de obra cerca de seis vezes o montante financeiro projetado, como amplamente divulgado pela mídia brasileira.

Esses problemas “habituais” dos megaeventos esportivos em certos casos comprometem a sua própria realização, como se observou recentemente com a manifestação do Ministério Público Federal ao anunciar uma possível “explosão de gastos” na preparação da Copa 2014, segundo relato do jornal *Folha de S. Paulo*, de 11/09/2011. Ou seja, a julgar pelos retardos levantados em agosto-setembro de 2011 e consequentes ajustamentos nos preços das obras, haveria a possibilidade de se multiplicar por

quatro os gastos do megaevento proposto para ocorrer em 2014. Em termos de comparação, se assumidos os custos inflacionados de cerca de 80 bilhões de reais, a próxima Copa do Mundo de Futebol teria uma equivalência de duas vezes o orçamento atual do Trem de Alta Velocidade – “Trem Bala”, obra também emblemática da atual década no Brasil.

A complexidade dos impactos originados dos megaeventos já foi apontada no livro “Legados de Megaeventos Esportivos” publicado pelo Ministério do Esporte em 2008. Nesse livro, Da Costa afirma que as características da produção de impactos passam por quatro estágios distintos de análise e que os impactos – sejam de má gestão financeira ou de várias outras naturezas – são de difícil monitoramento, pois, muitas vezes, são intangíveis ou modificam seus significados no tempo e no espaço. A consequência desta dificuldade em identificar e acompanhar resultados positivos ou negativos dos megaeventos é a de tornar os seus legados de pouca visibilidade. O problema, a ser solucionado, nesse caso, é de evitar a simplificação do entendimento dos legados, exercício que pautou os Jogos Pan-americanos de 2007, com repercussões negativas até o presente estágio e que ameaça a Copa 2014, como também os Jogos Olímpicos de 2016 no Rio de Janeiro.

Como o Brasil é um país de grande extensão territorial, estrategicamente as 12 cidades-sede da Copa do Mundo de Futebol de 2014 foram escolhidas contemplando as diversas regiões do Brasil: Curitiba (PR), Rio de Janeiro (RJ), São Paulo

SÍNTESE DOS ESTÁDIOS SEDE

| Nome | Cidade | Capacidade Prev | Obras | Capital | Custo |
|-------------------|----------------|-----------------|-----------|---------|------------------------|
| Arena Amazônia | Manaus | 40.550 | em curso | Público | 599,5 Mi |
| Arena Corinthians | São Paulo | 48.000 | atrasadas | Privado | entre 700 Mi e 1,07 Bi |
| Arena da Baixada | Curitiba | 42.000 | atrasadas | Privado | 220 Mi |
| Arena das Dunas | Natal | 65.100 | atrasadas | PPP | 400 Mi |
| Arena Fonte Nova | Salvador | 50.500 | atrasadas | PPP | 825 Mi |
| Arena Pantanal | Cuiabá | 50.000 | atrasadas | Público | 342 Mi |
| Arena Pernambuco | Recife | 40.500 | em curso | PPP | 532 Mi |
| Beira-Rio | Porto Alegre | 42.000 | em curso | Privado | 270 Mi |
| Castelão | Fortaleza | 60.000 | em curso | PPP | 452,2 Mi |
| Mané Garrincha | Brasília | 76.232 | em curso | Público | 671 Mi |
| Maracanã | Rio de Janeiro | 76.000 | em curso | Público | 931,8 Mi |
| Mineirão | Belo Horizonte | 74.300 | em curso | PPP | 743,4 Mi |

Fontes: Fifa.com; Portal 2014 e Portal da Transparência.

(SP), Manaus (AM), Porto Alegre (RS), Belo Horizonte (MG), Brasília (DF), Cuiabá (MT), Fortaleza (CE), Natal (RN), Recife (PE) e Salvador (BA). Os critérios para a escolha das cidades-sede foram definidos, em termos técnicos, com base nas visitas feitas por representantes da FIFA (Federação Internacional de Futebol), no começo de 2009, e nos projetos entregues pelas cidades proponentes. Aspectos como a situação dos estádios, sistema de transporte urbano, a rede hoteleira, sistema de transporte urbano, aeroportos, segurança pública e opções de lazer também foram levados em conta para critério de seleção. Cada cidade precisa ter seu próprio centro de imprensa, hotéis oficiais, campos de treinamento e equipe de voluntários, passando a ser palco da imprensa internacional.

Na Revista *Brasil Sustentável Impactos Socioeconômicos da Copa do Mundo 2014* está escrito que “um evento como a Copa do Mundo, que tem na prestação de serviços um dos seus pilares centrais, não pode deixar de lado suas responsabilidades em relação a todas as questões socioambientais”. Cita, como exemplo, a importância de identificar critérios que garantam a saúde e segurança do trabalhador, as condições de trabalho, o pagamento de direitos e benefícios, a qualidade de vida, o fortalecimento de sistemas de aprendizado e a ocupação e sustentabilidade pós-evento.

É também preciso saber que os recursos econômicos dos jogos são diferentes: existem os gastos com a organização, que não são utilizados depois do Evento e que devem ser mínimos se comparados com as obras que serão utilizadas após

o término do mesmo: legado tangível. Poderia se dizer que os recursos utilizados na organização devem ser, em sua maior parte, autofinanciados, ou seja, decorrentes da venda de ingressos, dos patrocínios e dos direitos de televisionamento e mídia. Já as obras que irão reverter em benefício para a população local, necessitam do investimento público.

Brunet (2010) foi um dos responsáveis pela organização de um dos exemplos bem sucedidos de organização de megaevento esportivo: os Jogos Olímpicos de Barcelona 1992. O autor afirma que ao traçar como objetivo que os Jogos Olímpicos alcançassem a maior qualidade esportiva e humana, a cidade de Barcelona passou por uma transformação urbana impressionante, tendo um alto impacto econômico e social. A capacidade da economia de Barcelona, para aproveitar o impulso dos Jogos e seus legados, levou a cidade, que era a décima primeira cidade europeia em atratividade em 1990, para a sexta posição, em 2000, e a quarta, em 2010.

QUESTÕES DE IMPACTOS DOS LEGADOS

Da Costa (2008) apresenta os seguintes itens que constituem um roteiro simples, mas eficiente, para se evitar a simplificação exagerada da apreciação dos legados de megaeventos, naturais efeitos dos impactos, quer tangíveis ou intangíveis, diretos ou indiretos, positivos ou negativos.

Planejamento do Legado

O Planejamento previne a síndrome do “elefante branco”, expressão usada para obra que só tem utilidade específica e temporária, sendo que, em grande parte dos casos, acabam abandonadas pelo alto custo de manutenção. Sendo assim, o pós-uso da infra-estrutura é importante indicador para avaliação do sucesso de um megaevento. Planejar o legado desde a concepção até a entrega das instalações vai assegurar que as cidades-sede e seus residentes recebam um legado positivo de instalações, infraestrutura, conhecimento e experiência (TELLES, 2011).

Similarmente ao roteiro de operacionalização de legados, apresenta-se o roteiro de foco de legados também extraído de Telles (2011) e que levam a enfatizar a mensuração de condições de operação dos legados, criando certa precisão em meio às dificuldades de identificação e acompanhamento dos impactos que os delimitam e lhes dão sentido. Poder-se-ia dizer que os focos dos legados dos megaeventos esportivos seriam: a regeneração urbana, as construções esportivas, a acessibilidade, a proteção do meio ambiente, a geração de empregos, a promoção de outros eventos e o incremento das atividades esportivas.

Por sua vez, há de se considerar a existência de legados “duros” (*hard*), uma classificação voltada para significados também útil para tornar legados dos megaeventos objetivos, mais claros, como destaca Telles (2011). Os ganhos com os legados *hard* são os relacionados com infraestrutura,

reorientação de espaços, aumento do conforto, novos tipos de terrenos e incremento de atividades econômicas. Já os legados *softs*, são meras contraposições dos legados *hard*, como será apontado adiante, em outro roteiro da produção de Telles (2011). Sendo assim, os ganhos com os legados *soft* são os relacionados com a projeção de imagem da cidade e do país-sede, o entusiasmo, a reputação, o incremento do turismo, o *status* e o orgulho local. Outro avanço da compreensão dos legados focaliza o legado pelo ambiente que recebe os impactos originários, vinculados ao meio urbano: políticos, econômicos, sociais, ambientais e de conhecimento e inovação. Todos eles modificam o desenvolvimento urbano e repercutem regional e nacionalmente.

Telles (2011) também estendeu seu exercício de reclassificação dos legados pelo lado da recepção dos impactos como se verifica no roteiro “Demandas estruturais do megaevento na cidade”:

Demandas estruturais do megaevento na cidade

Estruturas primárias – Esporte & Lazer

Estádios, Arenas Cobertas, Velódromo, Centro Aquático, Estádio de Remo, Instalações de Tiro, Instalações Equestres

Estruturas secundárias – Habitação & Recreação

Vila dos Atletas & Vila da Mídia, Centro de Imprensa e Mídia, Instalações de Treinamento, Parques

Estruturas terciárias – Tráfego & Obras

Tráfego: Aeroporto, Transportes de Massa, Estradas
Turismo: Hotéis, Atrações
Esgoto, Telecomunicações, Cabos de Fibra Ótica, etc.

Meio Ambiente – limpeza lixo e águas (rios e praias)

Os avanços de Telles (2011) não eliminam, entretanto, as definições originadas do estágio do livro *Legado de Megaeventos Esportivos* (2008), como a denominada de *momentum de legado*, um espécie de alavancagem do legado por intervenções de gestão. Essa definição é corrente na Inglaterra e originou-se dos estudos sobre os Jogos Olímpicos de 2012, como registrado no livro citado anteriormente, no texto de Iain MacRury.

Momentum de Legado Econômico

Na esfera econômica e de gestão, o *Momentum* do Legado refere-se à capacidade de a economia local e regional seguir sua trajetória ascendente após o natural decréscimo da atividade econômica ao término do megaevento.

Momentum do Legado Sociocultural

Como legado não é um *status* a alcançar ou um resultado, mas a expansão progressiva de meios de desenvolvimento das múltiplas formas, o *Momentum* do Legado Sociocultural requer: planejamento,

gerenciamento, flexibilidade e visão contínua.

Ainda na discussão sobre definições de legados como decorrentes de impactos de naturezas diversas e às vezes contraditórias, cabe dar ênfase à definição de legado como uma expressão de sustentabilidade cuja base é comumente atribuída à sustentabilidade do esporte, como se verifica em Chernushenko (2003, p.66) “o Esporte é sustentável quando atende às necessidades da atual comunidade esportiva, ao mesmo tempo que contribua para o incremento das oportunidades de esporte para todos e integridade do meio ambiente natural no qual se encontra inserido”.

Uma forma hábil de testar as definições de legados e suas utilidades é seguindo a trajetória do turismo, como é possível observar nos roteiros que seguem. Nesse particular, Holger Preuss (2008), economista pesquisador da Copa do Mundo de Futebol de 2006, na Alemanha, declarou que o turismo dos megaeventos esportivos tem retornos no longo prazo similares aos dos investimentos em instalações esportivas – estádios, por exemplo – sendo assim um dos legados mais importantes no caso das Copas do Mundo de Futebol. Nesse sentido, Telles (2011) amplia operacionalmente a consistência do legado do turismo, descrevendo seus impactos intangíveis, como demonstram os fatores positivos a seguir:

- ampliam o orgulho cívico;
- fortalecem a identidade nacional;
- expandem a temporada turística tradicional;
- imagem positiva para o destino (imagem progressiva);

- atração da mídia em grande escala internacional;
- visibilidade e propagando gratuita;
- modela imagem da cidade, região ou país-sede para um destino turístico potencial;
- impactos de mais curto prazo (durante e logo após os jogos);
- crescimento gradual e longo prazo.

PODERES RELACIONADOS COM A COPA DO MUNDO DE FUTEBOL DE 2014

Os avanços teóricos publicados no Brasil a partir de 2008 sobre legados têm sido destacados, mas confirmam a complexidade dos temas correlatos e relacionados aos impactos – legados. O significado desse confronto entre fatos de esclarecimentos e limitações de conhecimento foi crescentemente mencionado pela mídia, que destaca a ineficiência dos gestores de megaeventos, como hoje acontece com a Copa 2014 no Brasil. Além disso, a complexidade dos projetos de legados, considerados a partir de seus impactos, destaca, muitas vezes, a gestão ineficiente. Todas essas tendências acabam se relacionando sob a égide dos poderes institucionais, que circulam em torno dos megaeventos.

Para os acontecimentos relativos à Copa 2014, DaCosta (2011) produziu o quadro da página seguinte com os quatro poderes da Copa 2014, conforme a Audiência Pública no Senado Federal, em setembro de 2011.

No mesmo evento do Congresso Nacional,

realizado em Brasília, o autor apresentou uma solução de legado para os estádios da Copa 2014, problema de alta prioridade na atualidade das intervenções necessárias por parte do Governo Federal, maior financiador do megaevento do futebol mundial ora sediado no Brasil. Essa provável solução já foi testada pela Universidade Gama Filho e consistiu no reaproveitamento do Estádio do Engenhão, Rio de Janeiro, como *Campus* Universitário.

CONCLUSÃO

Pode-se dizer que o modelo de impacto pressupõe um modelo de organização do megaevento e que o mesmo resulta no modelo de transformação urbana da cidade-sede. A continuidade do processo de investimento da cidade-sede, a partir da qualidade dos objetivos e da eficiência na implantação dos mesmos, pode, por sua vez, impulsionar novas atividades.

A Copa do Mundo de 2014 será uma oportunidade de divulgação do melhor que cada cidade-sede tem e que poderá resultar em imagem positiva das mesmas. Entretanto, é preciso definir o que a sociedade considera importante como legado social e privilegiar os projetos que serão úteis após o Evento.

Por uma questão de princípio, todos os gestores devem saber o que é certo e seguir essas regras. Ao trazer para dentro das administrações públicas questões novas, que vêm para dentro da estrutura

do Estado, este muitas vezes se depara com dificuldade para lidar com as mesmas. Sendo assim, ao incluir na agenda pública a participação da sociedade, unindo atores distintos, como o Governo Federal, os Estados e as Prefeituras das cidades- - sede, as Universidades e os movimentos sociais, todos ajudarão a construir políticas urbanas dedicadas a investimentos socialmente relevantes na promoção dos megaeventos e de seus legados.

Neste período que antecede a Copa, vê-se os brasileiros construindo e reformando estádios, hotéis, estradas, melhorando a infraestrutura dos portos e aeroportos, o que tem ajudado a gerar empregos. Porém, a Copa do Mundo do Brasil possui também o desafio de mostrar ao mundo a riqueza cultural e humana do nosso país, sem se esquecer de levar os benefícios econômicos e sociais ao conjunto da população. Não resta dúvida de que há um grande caminho a ser percorrido, no qual deve ser incorporado o olhar dos gestores e da sociedade brasileira, que passa por entenderem o real significado dos megaeventos esportivos. Daí o imperativo político de pensar a Copa do Mundo 2014, observando alguns aspectos, como o da dimensão temporal, que deve ser maior do que o Evento propriamente dito, de que as universidades podem contribuir para elevar o nível de informação e que as perspectivas de longo prazo devem ser pautadas pela sustentabilidade do desenvolvimento econômico e social. Sendo assim, os legados sociais podem ser consequência natural das ações educativas e sob esse olhar o desenvolvimento social e seus aspectos intangíveis. Ao se constituírem

como políticas sociais do Estado brasileiro e trabalhadas de forma intersetorial, as ações educativas serão o diferencial para os cidadãos: a melhoria que permanecerá após o Evento, em áreas importantes como o esporte, a educação e a segurança.



REFERÊNCIAS

BRUNET, F. In: PINTO, L.M.S. et al. (Org.). **Brasil 2016: A Olimpíada e os impactos desejados nas políticas públicas de esporte e lazer das cidades brasileiras**. São Bernardo do Campo/SP: Domaguil Artes Gráficas, 2010.

CHERNUCHENKO, D. **Sustainable Sport Facilities. In international Union of Architects (org.) Architecture and International Sporting Events**. Lausanne, 2003.

DA COSTA, L. In: Rodrigues, R. et al **Legados de Megaeventos Esportivos**. Brasília: Ministério do Esporte, 2008.

MACRURY, I. **Legados de Megaeventos Esportivos**. Brasília: Ministério do Esporte, 2008.

PREUSS, H. **Legados de Megaeventos Esportivos**. Brasília: Ministério do Esporte, 2008.

REIS, R. **Possíveis impactos dos estádios da Copa de 2014 nas competições nacionais**. Seminário TIC para Megaeventos Esportivos, São Paulo, ago. 2011.

Revista Brasil Sustentável: Impactos Socioeconômicos da Copa 2014. Copa Sustentável: responsabilidade socioambiental em Copa. São Paulo: Ernst & Young, 2010.

RODRIGUES, R. *et al.* Ed. **Legados de megaeventos esportivos**. Brasília: Ministério do Esporte, 2008.

TELLES, F. **Megaeventos esportivos: planejamento do legado e sustentabilidade das infraestruturas esportivas e recreativas**. XVIII Congresso da Associação Brasileira de Jornalistas de Turismo. Belém, set. 2011.



SUSTENTABILIDADE E O LEGADO DA COPA

Roberto Naime¹

A conceituação do desenvolvimento sustentável tem como marco o ano de 1987, quando a então presidente da Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento, Gro Harlem Brundtland, apresentou para a Assembleia Geral da ONU o documento “Nosso Futuro Comum”, que ficou conhecido como Relatório Brundtland (VEIGA, 2005, p. 191).

Nesse Relatório, o desenvolvimento sustentável foi conceituado como sendo “aquele que atende às necessidades do presente sem comprometer a possibilidade de as gerações futuras atenderem a suas próprias necessidades” (COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO, 1991, p. 46).

O processo de desenvolvimento sustentável é contínuo e muito complexo, o que possibilita várias abordagens para se explicar o conceito de

sustentabilidade. O termo desenvolvimento sustentável é claramente carregado de valores, nos quais existe uma forte relação entre os princípios, a ética, as crenças e os valores que fundamentam uma sociedade ou comunidade e sua concepção de sustentabilidade.

A diferença nas definições é decorrente das diferentes abordagens que se tem sobre o conceito. Assim sendo, o grau de sustentabilidade é relativo, dependendo do ponto de vista considerado, em função do campo ideológico ambiental ou dimensão em que cada ator se coloca (LAFER, 1996).

O relatório de Brundtland (1987) *World Commission on Environment and Development* (WCED) traz a definição mais conhecida: o desenvolvimento sustentável é aquele que atende às necessidades do presente sem comprometer a possibilidade de as gerações futuras atenderem a

1. Graduado em Geologia, mestre em Geociências e doutor em Geologia; atua como professor da Universidade Feevale e pesquisa sobre geobiossistemas.

suas próprias necessidades.

Barbieri (2007) define que desenvolvimento sustentável são os modelos de desenvolvimento centrados nas pessoas, com a preocupação primordial de incorporar novas tecnologias seguras sob o ponto de vista ambiental, de planejar inversões e procurar formas de refletir o valor da escassez dos recursos ambientais nos futuros processos de adoção de decisões.

O IBAMA (1996), por sua vez, concebe o desenvolvimento sustentável como o processo de transformação no qual a exploração dos recursos, a direção dos investimentos, a orientação do desenvolvimento tecnológico e a mudança institucional harmonizam-se, reforçando o potencial presente e futuro do meio ambiente, dando suporte para as atividades econômicas dessas populações, a fim de melhor atender às suas necessidades e aspirações, respeitando a livre determinação sobre a evolução de seus perfis culturais.

Para Naime (2005), o conceito de desenvolvimento sustentável deve ser interpretado como uma alternativa ao conceito de crescimento econômico absoluto, que está associado a crescimento material simples ou quantitativo da economia. Isso não quer dizer, entretanto, que como resultado do desenvolvimento sustentável o crescimento econômico deva estar totalmente abandonado.

Leff (2006) coloca, ainda, que o desenvolvimento sustentável é um projeto social e político que aponta para o ordenamento ecológico e a descentralização territorial da produção, assim como para a

diversificação dos tipos de desenvolvimento e dos modos de vida das populações que habitam o planeta. O princípio da sustentabilidade surge no contexto da globalização com a marca de um limite e um sinal que reorienta o processo civilizatório da humanidade.

Já Stern (2010), descreve que o desenvolvimento sustentável significa atender às necessidades da geração atual sem comprometer o direito de as futuras gerações atenderem às suas próprias necessidades, enfocando o modelo de crescimento numa evolução com parâmetros de menor geração de gases de efeito estufa, que considera um dos maiores perigos para a humanidade, juntamente com a pobreza.

Cabe salientar que a crise ambiental veio questionar a racionalidade e as teorias que impulsionaram e legitimaram o crescimento econômico, negando a natureza. A sustentabilidade ecológica aparece como um critério normativo para a reconstrução da ordem econômica, como uma condição para a sobrevivência humana e um suporte para chegar a um desenvolvimento duradouro, questionando as próprias bases de produção.

Kinlaw (1997) considera o desenvolvimento sustentável a macrodescrição de como todas as nações devem proceder em plena compatibilização com os recursos naturais e ecossistemas da Terra para manter e melhorar as condições econômicas gerais. Em outras palavras, o modelo econômico deve caminhar em sintonia e consonância com as condições naturais para atingir um estágio de sustentabilidade.

Almeida (2002) descreve que a sustentabilidade exige uma postura preventiva, capaz de identificar tudo que um empreendimento pode determinar para que os impactos positivos sejam maximizados e os negativos, minimizados. Os avanços tecnológicos que o homem é capaz de obter tornaram cada vez mais curto o tempo para que um impacto sobre o meio ambiente e sobre a sociedade sejam plenamente absorvidos.

Vieira (2001) lembra que a destruição da natureza ou da base material da produção caracteriza a crise ecológica como uma crise da civilização. As teorias de desenvolvimento econômico do século XX, assim como as políticas econômicas decorrentes, sempre ignoraram a condicionalidade ambiental, considerando apenas essa variável fundamental como uma externalidade.

É importante ressaltar, ainda, que as teorias vigentes, com preocupação principalmente econômica, não alcançaram seus intentos de prover o progresso social, melhorar a qualidade de vida e reduzir as desigualdades.

Mesmo tendo esse marco para sua conceituação, a noção de desenvolvimento sustentável exibe uma evolução de conceitos a partir do “ecodesenvolvimento”, que vinha sendo defendido desde 1972, ano de realização da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente, em Estocolmo (SACHS, 2004).

Segundo Veiga (2005), três são os entendimentos acerca do desenvolvimento com sustentabilidade. A primeira corrente seria a dos fundamentalistas e nesse entendimento o desenvolvimento teria o

mesmo significado de crescimento econômico. Essa noção ainda apresenta grande força na atualidade, tendo como principal exemplo de sua aplicação a comum medição do desenvolvimento com base no Produto Interno Bruto *per capita* de um país. Esse entendimento foi enfraquecido com o Programa das Nações Unidas para o desenvolvimento (PNUD), através do “Relatório do Desenvolvimento Humano” e do lançamento do “Índice de Desenvolvimento Humano” (IDH). A criação desse Programa e do índice teve como causa a percepção de que o crescimento econômico apresentado por alguns países na década de 1950 não trouxe consigo os mesmos resultados sociais ocorridos em outros países considerados desenvolvidos (VEIGA, 2005).

A segunda corrente de pensamento nega a existência do desenvolvimento, tratando-o como um mito; são os denominados de pós-modernistas. Para o grupo, a noção de desenvolvimento sustentável em nada altera a visão de desenvolvimento econômico, sendo ambas pertencentes ao mesmo mito. (SACHS, 1986). Giovanni Arrighi é um dos autores dessa vertente e divide os países em pertencentes do “núcleo orgânico”, “semiperiféricos” e “emergentes”, não acreditando ser possível, somente em condições excepcionais, que um país altere a sua posição. Ainda como pós-modernistas, encontram-se Oswaldo de Rivero, Majid Rahnema e Gilbert Rist. Nessa interpretação, o que os países em desenvolvimento precisariam buscar não seria o desenvolvimento e sim a sobrevivência, com todas as consequências ambientais que essa postura determina. Não se pode culpar alguém por executar

uma ação que agride o meio ambiente, quando a sobrevivência das pessoas depende disso.

O terceiro e mais complexo entendimento ganha força com o primeiro Relatório do Desenvolvimento Humano, em 1990, obtendo maior consistência nas palavras de Amartya Sen, em 1996 e 1997, com a noção de desenvolvimento como liberdade, de modo que só poderia ocorrer se fossem garantidos a todas as pessoas os seus direitos individuais. Assim, a liberdade, em nenhum momento, poderia se restringir e ser entendida como renda *per capita*, devendo abranger questões culturais, sociais, entre outras (VEIGA, 2005). Essa é a noção que mais se aproxima das discussões atuais sobre o desenvolvimento sustentável, tendo grande importância nesse processo de transformação. Isso explica a necessidade cada vez maior de participação das comunidades nas discussões ambientais, seja na avaliação de projetos em audiências públicas, seja na elaboração e implantação de políticas públicas de meio ambiente.

Goldsmith (1972) já definia o desenvolvimento sustentável como sendo quando uma sociedade tem seus propósitos e intenções de forma que possam ser atendidos indefinidamente com satisfação ótima para seus membros. Pronk *and* Haq (1992), por sua vez, asseveram que desenvolvimento sustentável ocorre quando o crescimento econômico traz justiça e oportunidades para todos os seres humanos do planeta, sem privilégios de algumas espécies, sem destruir os recursos naturais finitos e sem ultrapassar a capacidade de carga do sistema. Costanza (1991) considera, ainda, que deve ser inserida uma nova

variável na relação dinâmica entre o sistema econômico humano e um sistema maior com taxa de mudança, caracterizado por mudanças mais lentas, de caráter e denominação mais ecológica.

No Primeiro parágrafo do Capítulo 28 da Agenda 21 Global, encontram-se as bases da parceria necessária, nos planos nacionais e locais, para atingir os objetivos preconizados durante a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento. Como muitos dos problemas e soluções tratados na Agenda 21 têm suas raízes nas atividades locais, a participação e cooperação das autoridades locais será um fator determinante na realização de seus objetivos.

Quando foi realizada a primeira Copa do Mundo, no Uruguai, em 1930, jamais o tema de sustentabilidade fora associado com o Evento e essa visão prosseguiu praticamente até o fim do século passado. Neste século, todas as Copas passaram a ter o tema da sustentabilidade vinculado, na medida em que a grandiosidade do Evento passou a exigir um grande caderno de exigências em função das necessidades.

Quando a Copa é realizada num país de maior condição econômica, o tema de sustentabilidade, associado com a infraestrutura necessária para a grandiosidade do Evento, passa despercebido, pois geralmente o país já dispõe de infraestrutura instalada em condições adequadas. Por outro lado, quando o evento é realizado nos países em desenvolvimento, o cumprimento do caderno de encargos necessários para viabilizar a grandiosidade do Evento, infraestrutura esta que se tornará

permanente após a realização da Copa, então a discussão da sustentabilidade torna-se muito mais relevante e intensa.

As autoridades locais constroem, operam e mantêm a infraestrutura econômica, social e ambiental, supervisionam os processos de planejamento, estabelecem as políticas e regulamentações ambientais e contribuem para a implementação de políticas ambientais nacionais e subnacionais. As organizações traduzem tudo de forma muito pragmática.

Começam, por exemplo, por estimular a disseminação do conceito de *ecodesign*, quando aplicável. *Ecodesign* não é apenas inspiração com temas ecológicos; significa, outrossim, planejar e produzir produtos que possam ser totalmente reciclados quando terminar sua vida útil. No caso de embalagens de alimentos, que possam ser totalmente reaproveitadas ou recicladas, aplicando inicialmente a prática dos 3R (reduzir a geração de resíduos, reutilizar no mesmo estado em que se encontram ou reciclar, quando o material serve de matéria-prima para novo ciclo industrial, como as



latinhas de alumínio dos refrigerantes) (NAIME, 2005). Por reduzir os desperdícios de energia, passaram a adotar programas de eficiência

energética, calculando as iluminações e a potência dos motores que movimentam máquinas e produzindo energias alternativas, como solar e eólica. Outra possibilidade é a criação de programas permanentes de aperfeiçoamento e melhoria nessa área. A seguir, passaram a cuidar da racionalização do uso de recursos hídricos superficiais ou subterrâneos. Em todas as organizações que poluem água, a implantação de eficientes e eficazes sistemas de tratamento de efluentes foram implantados e o controle por padrões de descarga dos efluentes passaram a ser rigorosos.

Em conjunto com essas atividades, passaram a implantar cuidadosos sistemas de gestão de resíduos sólidos, tanto domésticos quanto industriais, privilegiando a prática dos 3R. Ao mesmo tempo, começaram a ser muito controladas as emissões atmosféricas, de organizações que produzem grande quantidade de gases, como polos petroquímicos e organizações que utilizam caldeiras. Passaram a ser implantados filtros, lavadores de névoas e outros equipamentos de prevenção de poluição. A seguir, foram criados programas de responsabilidade socioambiental muito amplos, envolvendo todas as partes interessadas (fornecedores, colaboradores, clientes, ONGs, governo, etc.). A sequência, em geral, inicia com a implantação de programas 5S, acompanhados de programas de treinamento de pessoal e melhoria contínuos, que logo evoluem para certificações de qualidade (série ISO 9000) e certificações ambientais (série ISO 14000).

A conscientização é igual nos setores público e

privado, mas, por razões operacionais, os resultados alcançados pelas organizações privadas é melhor. Destaca-se que, no geral, esses resultados são compulsoriamente perseguidos, porque deles dependem, muitas vezes, os mercados, tanto interno quanto externo.

Esses itens de sustentabilidade mais operacional que hegemonizam ainda as prioridades nos países em desenvolvimento podem ser resumidos nos seguintes itens:

- I. aplicação de conceitos de *ecodesign* aos produtos quando cabível;
- II. incorporação de conceitos de tecnologias mais limpas a produtos ou serviços, quando aplicável;
- III. eficiência energética;
- IV. otimização do uso de recursos hídricos;
- V. tratamentos de efluente industriais e esgotos domésticos;
- VI. gestão de resíduos sólidos;
- VII. monitoramento atmosférico; e
- VIII. programas de responsabilidade e participação socioambientais.

Nos países avançados de maior industrialização, essa abordagem denominada “operacional” está muito mais resolvida e a discussão está centrada num crescimento com menor produção de carbono, principal componente dos gases de efeito estufa (CO², CH₄, etc.), e na eliminação da pobreza.

Nos países em desenvolvimento, o foco maior ainda está nas questões operacionais da sustentabilidade, enquanto nos países pobres a preocupação é a sobrevivência, não havendo

hegemonia de nenhuma das duas abordagens expostas.

O abundante estoque de recursos naturais disponível nos primórdios da revolução industrial e a larga capacidade de absorver e reciclar os resíduos da produção afastava qualquer possibilidade de crise. Por outro lado, o ritmo e o volume da produção mundial, o tamanho da população, seu estilo de vida e consumo não representavam um problema a ser considerado. As críticas de hoje, por sua vez, surgem num contexto em que os problemas já são evidentes, modificam a qualidade de vida de milhões de pessoas, assumem uma escala planetária e permitem antever situações de alta gravidade e irreversibilidade em longo prazo, caso não se tomem providências efetivas (LIMA, 2004).

Foi, portanto, a partir da Revolução Industrial que os problemas ambientais começaram a sofrer um agravamento cada vez maior, pois a degradação da natureza, embora possa ter ocorrido em pequena escala nas sociedades anteriores ao capitalismo, é algo intrínseco ao capitalismo e à industrialização.

Já ficou demonstrado que, ao menos em linhas gerais, existe um consenso sobre sustentabilidade, que varia muito em função de muitas variáveis. Em função do estágio econômico, o primeiro mundo já implantou todas as operações já descritas e que são o principal escopo da sustentabilidade nos países em desenvolvimento, ocorrendo maior preocupação com o aquecimento global e a pobreza.

Nos países em desenvolvimento, as diretrizes operacionais ainda representam o principal foco da sustentabilidade e, nesse sentido, as demandas de

uma Copa do mundo certamente trazem muitos benefícios permanentes para o atendimento das necessidades das populações, como melhorias de infraestrutura e mobilidade em geral.

Nos países pobres, sustentabilidade ainda significa resolver as questões básicas da miséria, e a abordagem do problema lembra mais a pirâmide de Maslow do que o Relatório Brundtland.

Um dos focos privilegiados da crítica ao modelo de desenvolvimento econômico dominante é a contradição existente entre uma proposta de desenvolvimento ilimitado a partir de uma base de recursos finita. Segundo Sampaio (2002), dentro de

Ecodesign



uma concepção preventiva, a problemática ambiental reflete a percepção de que o volume de impactos destrutivos gerados pela ação antrópica sobre os ecossistemas tem-se ampliado a horizontes de longo prazo, de modo a repensar as atuais formas de desenvolvimento, tanto capitalistas como socialistas, favorecendo uma internalização efetiva do meio ambiente, enquanto recurso natural, espaço essencial e qualidade do *habitat*.

Conforme Bellen (2006, p. 25),

[...] o desenvolvimento sustentável é o que atende as necessidades das gerações presentes sem comprometer a possibilidade das gerações futuras atenderem suas próprias necessidades". Além disso, para considerar como sustentável, o desenvolvimento deve atender: "os aspectos referentes às dimensões: social e ecológica, bem como fatores econômicos, dos recursos vivos e não vivos e as vantagens de curto e longo prazos de ações alternativas (BELLEN, 2006, p. 23).

Assim sendo, novos conhecimentos e inovações em tecnologia, em gestão e em políticas públicas, cada vez mais, desafiam as organizações a fazer novas escolhas em relação aos impactos de suas operações, produtos, serviços e atividades sobre as economias, as pessoas e o planeta. A interação dos sistemas econômico e ecológico, nesse sentido, deve ser harmoniosa, visto que são vitais à sobrevivência humana. A vital importância do inter-relacionamento dos sistemas econômico e ecológico é o ser humano ou a humanidade que sofre influência direta em razão do comportamento dos sistemas.

Nos dias atuais, a população dos países em desenvolvimento é considerada quatro vezes maior que a dos países desenvolvidos, ou industrializados, sendo que uma parte bem expressiva da população vive em condições de pobreza ou de extrema pobreza. A solução proposta pela maioria dos economistas e políticos sempre foi o crescimento econômico, com conseqüente diminuição das desigualdades nas diferentes regiões do mundo. Contudo, o acelerado crescimento econômico mundial trouxe consigo a degradação do meio ambiente em função do excessivo uso dos recursos naturais. Assim, o potencial econômico do mundo em que se vive foi danificado na proporção em que o patrimônio natural foi perdendo as suas qualidades. Nessa situação, a riqueza individual das organizações percebida no desenvolvimento econômico da região sofre contraposição com o meio ambiente, apesar de buscar nos recursos naturais suas matérias-primas fundamentais.

Os fatores de produção ou recursos de produção da economia são constituídos pelo capital, recursos humanos, trabalho e inovações tecnológicas e sendo encontrados em todas as sociedades economicamente organizadas. Em resumo, o processo pela busca contínua do desenvolvimento sustentável prioriza a busca pela iniciativa proativa, com visão de longo prazo e com a implantação de instrumentos que permitam a mensuração e a evidenciação dos resultados obtidos.

O mundo evoluiu muito desde que Ter Stepanian (1970) disseminou seu conceito de tecnógeno (TER STEPANIAN, 1970), ou seja, de que não existem mais



Obras de saneamento básico

áreas intocadas pelo homem no planeta e que praticamente todo tipo de degradação necessita auxílio do homem para se recuperar. O que caracteriza o tecnógeno é que a ação humana é hegemônica sobre as ações geográficas, químicas e biológicas; não existem mais áreas genuinamente quaternárias. Portanto, o tecnógeno é uma ciência voltada para o futuro, preocupada em acompanhar as mudanças ambientais e riscos naturais devido à lenta ação de fatores imperceptíveis gerados pela atividade tecnogênica do homem.

Na verdade, a ideia preservacionista de sustentabilidade advém dessa conceituação, evoluindo e disseminando essa nova dimensão existencial da humanidade por todas as geografias e

realidades sociais (NAIME e GARCIA, 2004). Até atingirmos o atual estágio, em que sustentabilidade, conforme nos ensina Stern em sua obra, significa cada vez mais preocupações com um crescimento e um desenvolvimento de baixa produção de carbono para evitar uma maior acumulação de gases de efeito estufa, patrocinadores maiores de eventos associados a mudanças climáticas e à eliminação da pobreza.

As editoras Elsevier e Campus publicaram no Brasil, em 2010, a preciosa obra de Nicholas Stern, “O caminho para um mundo mais sustentável” (STERN, 2010). Nicholas Stern foi presidente do Banco Mundial e sempre foi um indivíduo profundamente engajado na questão da sustentabilidade e na construção de caminhos para um mundo melhor e mais sustentável. Até por dever de ofício, na condição de líder de tão importante instituição quanto o Banco Mundial, sempre esteve participando de articulações e construções de caminhos que envolviam questões financeiras para viabilização de acordos internacionais e ações que pudessem atingir metas consideradas necessárias por todos os atores globais envolvidos com a sustentabilidade. O prefácio da edição brasileira merece o irreparável depoimento de Israel Klabin, presidente da Fundação Brasileira para o Desenvolvimento Sustentável, que, através de uma lúcida abordagem, ressalta todas as grandes concepções desenvolvidas na obra.

A obra, cabe destacar, é referência porque permite traçar um paralelo imediato entre as concepções de sustentabilidade discutidas no mundo desenvolvido e

no chamado terceiro mundo, além de trazer reflexões acerca dos motivos e das dificuldades para a construção de acordos globais. Enquanto nos países periféricos as questões de sustentabilidade parecem estar mais vinculadas com realidades operacionais ainda não atingidas, nos países desenvolvidos, a questão fica mais objetivada no crescimento com baixa produção de carbono. Desde a introdução do livro, ficam eleitos os temas cruciais para atingir acordos internacionais para um crescimento com baixa produção de carbono: a luta contra a pobreza, particularmente na África, e o combate às mudanças climáticas. Posteriormente, fica enfatizado que um acordo global precisa ser eficaz no sentido de reduzir as emissões de gases de efeito estufa de forma eficiente, dentro de um cenário equitativo em relação às habilidades e responsabilidades de todas as partes. Na página 6, também fica enfatizado que é preciso encarar as questões do desenvolvimento econômico e das mudanças climáticas como partes de um todo.

Os objetivos da abordagem são explicitados ao final da introdução do texto de Nicholas Stern. É necessário buscar um padrão de crescimento e desenvolvimento muito mais limpo, mais seguro e mais sustentável, para todos.

A ideia é de que a próxima Copa, a ser realizada no Brasil, seja a primeira totalmente “verde”. O que isso significa? Que todas as concepções e iniciativas aqui exaustivamente discutidas sejam respeitadas e, inclusive, que a emissão de gás carbônico seja totalmente neutralizada num procedimento denominado no mercado de “carbono zero”.

Conforme já discutido, há um enorme potencial de disseminação didática de um conceito da maior importância, principalmente em classes sociais mais populares, em que o conhecimento dessa realidade é sempre difícil ou até negligenciado.

A grande contribuição da obra, entre várias informações preciosas garimpadas de realidades diversas de países considerados é de uma obviedade singela, mas, ao mesmo tempo, de uma importância vital. Estamos todos no mesmo barco, que se chama planeta Terra, e tudo o que alguma das partes interessadas ou dos navegantes do mesmo barco fizer para esta Terra, vai envolver e comprometer todos os participantes desta indescritível viagem chamada vida e que ocorre na Terra.

Fosse essa concepção realizada por qualquer ser humano, talvez não ganhasse a importância e a dimensão de ter sido realizada por um importante e reconhecido ator do cenário internacional. Nicholas Stern tem currículo, histórico e credibilidade para tornar translúcida a concepção de que todos estamos vinculados na missão ou no caminho de construir o caminho para um mundo mais sustentável. Nesse sentido, não importa se as obras decorrem de um caderno de encargos da Copa, que visa garantir a qualidade de um evento de alta grandiosidade; as populações beneficiadas vão usufruir de tudo após o término do Evento e agradecer, independentemente da motivação que gerou a instalação da benfeitoria ou infraestrutura considerada.

O legado prático da Copa pode ser obras de

infraestrutura e mobilidade, cuja execução é de extrema relevância e que trarão significativa melhoria na qualidade de vida das populações beneficiadas após o término do Evento. São avenidas, ruas, metrô, corredores expressos de transporte, obras gerais de saneamento envolvendo resíduos sólidos, drenagem pluvial, tratamento e distribuição de água e esgotos e mais uma série muito longa de benfeitorias que, certamente, serão usufruídas por parcelas significativas da população após o término do Evento e que representam alteração relevante da qualidade de vida nos locais em que ocorrerem.

Em nossa realidade de país em desenvolvimento, com grandes contrastes sociais, ainda tem pouca penetração a realização de eventos de carbono neutro, embora já existam até cartões de crédito que se alicerçam nesse conceito.

A Copa do mundo, ao patrocinar eventos que se caracterizam pela neutralização de carbono, divulga e populariza uma realidade de extrema importância, em que a sustentabilidade transcende fatores operacionais, alcançando objetivos diretos de favorecer aspectos ligados aos meios físico e biológico e, dessa forma, indiretamente ao próprio meio antrópico.

Por outro lado, conforme já destacado, todas as obras que forem feitas para melhorar a infraestrutura de saneamento, mobilidade e outras obras permanecem e vão melhorar as condições de vida de toda população que aqui vive, após o encerramento do evento, possibilitando que, no conjunto, existam grandes avanços para que a humanidade possa atingir, de uma forma mais veloz,

um consenso sobre a conceituação de sustentabilidade e, assim, atingir acordos globais que ainda não foram obtidos em encontros internacionais patrocinados pela Organização das Nações Unidas, tanto sobre questões vinculadas a aquecimento global e mudanças climáticas, quanto em fóruns relacionados à eliminação da pobreza.

Hoje existe um consenso de que é necessário o estabelecimento de pactos sociais com ampla

participação popular. Mesmo que ainda ocorram grandes interferências geradas por diferenças de situação econômica e aplicação sistemática de recursos, todos convergem para a ideia de que as soluções técnicas devem se subordinar às necessidades sociais avaliadas e expressas. Para tanto, é necessário participar e dialogar à exaustão antes de finalizar qualquer decisão.



Agricultura autossustentável

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, F. **O bom negócio da sustentabilidade**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

BARBIERI, J.C., **Gestão Ambiental Empresarial**, Ed. Saraiva, São Paulo, 2007.

BELLEN, Hans Michael van. **Indicadores de Sustentabilidade: uma análise comparativa**. Rio de Janeiro: Ed FGV, 2006.

CAVALCANTI, C. (org.). **Desenvolvimento e natureza; Estudos para uma sociedade sustentável**. São Paulo: Cortez, 1995.

COSTANZA, R. **Ecological economics: the science and management of sustainability**, New York 1991.

GOLDSMITH. **Blueprint of for survival**. Pinguin, Harmon ds Worth & Haughton Miffin, 1972.

KINLAW, Dennis C. **Empresa competitiva e ecológica: desempenho sustentado na era ambiental**. São Paulo : Makron Books, 1997.

LAFER, C. **Experiência ação e narrativa: reflexão sobre um curso**. Estudos Avançados, 2007.

LEFF, E., **Saber Ambiental**, Petrópolis, Vozes, 343 p., 2001.

LIMA, L. H. **Contabilidade ambiental – avanços internacionais e atraso no Brasil**. Anais do I Congresso Acadêmico sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável do Rio de Janeiro, FGV, Rio de Janeiro, 2004.

NAIME, Roberto e GARCIA, Ana Cristina de Almeida **Percepção ambiental e diretrizes para compreender a questão do meio ambiente**. Novo Hamburgo: Feevale, 2004. 135 p.

NAIME, Roberto. **Gestão de Resíduos Sólidos: Uma abordagem prática**. Novo Hamburgo: Feevale, 2005. 136 p.

PRONK, J. & HAK, M. (1992). **Sustainable Development: From Concept to Action. The Hague Report**. New York: United Nations Development Program.

SACHS, I. **Ecodesenvolvimento**: crescer sem destruir, São Paulo, Vértice, 1986.

SACHS, I. **Inclusão social pelo trabalho decente: oportunidades, obstáculos, políticas públicas**, Estudos Avançados, 2004.

SAMPAIO, C. A. C. **Planejamento para o desenvolvimento sustentável: um estudo de caso** e comparativo de municípios. Florianópolis: Bernúncia, 2002.

STERN, N. **O caminho para um mundo mais sustentável**. Editoras Elsevier e Campus, Rio de Janeiro, 2010, 209p.

TER STEPAMIAN, G. **Beginning of the Technogene**. Bulletin IEAG, nº 1, ago. 1970.

VALLE, C. E. **Qualidade Ambiental: como ser competitivo protegendo o meio ambiente: como se preparar para as norma ISO 14000**; Ed. Pioneira, 1995.

VEIGA, J. E. **Desenvolvimento sustentável: o desafio do século XXI**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

VIEIRA, S.. **Marca: o que os olhos não sentem os olhos não vêem**. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

IMAGENS DISPONÍVEIS EM:

http://3.bp.blogspot.com/_PsYcxwSyeM8/TQPaz3PdNEI/AAAAAAAAAag/AdLqiV82hqo/s1600/00.jpg. Acesso em 30 nov. 2011.

<http://1.bp.blogspot.com/-2-RIHu2Q2og/ThYTAtfwV1I/AAAAAAAAAcU/NEE1Odm7eCs/s1600/808589670.jpg>. Acesso em 30 nov. 2011.

http://4.bp.blogspot.com/_fQQAjwVI6pM/TF1yzU-AJTI/AAAAAAAAA5s/ZFlz2EkPxTc/s1600/P4240121.JPG. Acesso em 30 nov. 2011.



Os Jogos de Copa do Mundo de Futebol mobilizam grande quantidade de pessoas e recursos em todo o Planeta. São muitas obras de infraestrutura, prédios e preparativos em geral que exigem grandes investimentos para poucos dias de Evento. Nesse sentido, a tendência é, cada dia maior, de pensar prédios que se transformem em ganhos para a população local depois dos eventos. Hoje se vê a questão da infraestrutura urbana da mesma forma. Cidades, como Barcelona, utilizaram-se de jogos para dar um grande impulso de mudança no planejamento, na paisagem, no transporte, lazer, espaços culturais. Não fosse essa forma de utilizar a oportunidade para fazer as mudanças desejadas, seria um grande absurdo organizar esses megaeventos efêmeros e seguir fazendo investimentos enormes.

Aprimorando essa linha de raciocínio, surge uma nova tendência de utilização dos investimentos dos

jogos para implementar exemplos de sustentabilidade nos países sede. A FIFA lança agora, baseada na experiência da África do Sul, o programa Gol Verde, que sugere vários cuidados que devem ser tomados para reduzir os impactos causados pela movimentação e permanência de pessoas durante o período da Copa e também pelas obras preparatórias do Evento.

Toda a atividade humana produz impactos no meio e o ideal de uma atividade planejada é chegar a compensar esses impactos de forma a chegar a um equilíbrio, que podemos chamar de impacto zero, para efeito de balanço mensurável com a finalidade de redução dos danos. É possível mostrar que todo esse movimento de dinheiro pode não ser negativo para o meio ambiente se, aproveitando a visibilidade nacional e mundial que os jogos oferecem, forem realizadas e divulgadas novas formas de construir, transportar, alimentar e gerenciar recursos naturais

1. Graduado em biologia e arquitetura e urbanismo; presidente da AGAPAN - Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural e pesquisa sobre desenvolvimento sustentável e ecoalfabetização.

em cidades de forma compatível com a preservação da qualidade da vida planetária.

Parte dessas mudanças já está sendo exigida pela própria FIFA através de suas recomendações, que, cabe salientarmos, têm que ser moderadas, o que não tira o mérito, mas não extingue as necessidades e possibilidades reais.

Dentro dessa visão estratégica, cabe-nos aproveitar a oportunidade e ir além do exigido, pois assim pode-se aproveitar a oportunidade para fazer mudanças significativas, e até para virar referência na questão e criar uma onda de mudança que, além de trazer transformações maravilhosas para os cidadãos, divulga positivamente o local, servindo para estimular outros locais a fazerem também suas mudanças e, ainda, para fomentar um novo tipo de turismo verde.

O caso do Rio Grande do Sul é especialmente importante por tratar-se do estado pioneiro na grande maioria das questões ambientais. O estado tem a primeira ONG ambientalista brasileira (AGAPAN), a primeira secretaria municipal de meio ambiente (SMAM), o primeiro órgão estadual de meio ambiente (hoje SEMA), o primeiro mestrado em ecologia (UFRGS junto com São Carlos), é berço da lei de agrotóxicos, da lei dos CFCs, do gerenciamento das bacias hidrográficas, da primeira cooperativa de orgânicos, da primeira grande feira de produtos agroecológicos, único a fazer controle real da caça, entre tantas inovações ambientais que demonstram o interesse tremendo que a ecologia desperta em nosso povo.

Nada mais natural para um pioneiro do que continuar inovando na área ambiental fazer um belo trabalho em relação a uma Copa Verde. Está claro que o que fizermos aqui servirá também ao país, com suas enormes possibilidades ambientais e às copas que virão, para as quais a Copa do Brasil poderá ser a grande referência.

Sendo assim, a importância deste estudo é a de, no mínimo, levantar dúvidas e estimular reflexões sobre as possibilidades que a Copa Verde nos traz. O ideal será se, além disso, possamos indicar alguns caminhos para o debate e a prática.

A SITUAÇÃO

O Comitê Organizador Sul-africano da Copa do Mundo da FIFA 2010 comprometeu-se a seguir os princípios de sustentabilidade e promover a responsabilidade ambiental na organização e acolhida da competição em seu país, gerando, a partir dessa experiência, o desenvolvimento do programa ambiental chamado Gol Verde 2010, que abrange o amadurecimento e a educação da consciência sobre as questões ambientais pertinentes à organização do Evento no ano de 2010.

É daí que vem o programa Gol Verde da FIFA, que traz uma nova demanda para os países-sede das Copas do Mundo de Futebol: reduzir os impactos gerais causados pelo Evento. Para isso, são listados objetivos que dizem muito da nova visão encampada pela organização. São eles:

Compensação de carbono

- Que todos os veículos da frota da FIFA e do transporte público sigam os padrões Euro II de utilização eficiente de combustível e emissões de carbono.
- Que o transporte público seja usado pelos espectadores para reduzir as emissões de carbono.

Energia

- Que uma auditoria/avaliação cobrindo um período de pelo menos seis meses seja realizada nos estádios para determinar o padrão de valor e os locais onde a economia de energia pode ser feita.
- Que as recomendações da auditoria sobre a utilização eficiente de energia sejam implementadas nos estádios.
- Que a eletricidade utilizada dentro dos estádios durante os eventos seja "renovável ou ecológica", adquirida de fontes autorizadas e registradas pelo órgão de Certificação de Energia Renovável e Comercial da África do Sul, entre elas a energia solar, a energia eólica, as pequenas hidroelétricas, o biogás produzido pelas estações de tratamento de esgoto e o gás metano derivado dos aterros sanitários.

Lixo

- Que as refeições para viagem vendidas nos estádios e parques sejam embaladas com parcimônia e matérias recicláveis.
- Que copos e recipientes multiuso sejam utilizados para a maior parte das bebidas servidas nos estádios e parques. Será introduzido um sistema de reembolso de depósito como incentivo à

devolução dos copos e recipientes usados.

- Que seja empregado material reutilizável na construção de instalações temporárias.
- Que seja reduzido o uso de jornais, painéis publicitários e material promocional.
- Que o lixo seja separado na fonte com a introdução de um sistema de pelo menos dois compartimentos para as áreas públicas dos estádios e um sistema de múltiplos compartimentos para os centros de alimentação e outros locais (centros de voluntários, de mídia e de hospitalidade/VIP) dos estádios e parques, obtendo assim a distinção dos itens recicláveis dos não recicláveis.
- Que o sistema de múltiplos compartimentos cuide das garrafas de vidro, dos papéis, dos plásticos, do lixo orgânico e do lixo comum, e que o sistema de dois compartimentos cuide dos recicláveis e do lixo comum.

Água

- Que uma auditoria/avaliação do consumo de água seja realizada nos estádios para determinar o padrão de valor e os locais onde a economia de água pode ser feita.
- Que sejam usados mictórios sem o emprego de água nos banheiros.
- Que seja usada água de chuva ou de superfície nos irrigadores, banheiros e mictórios e para a limpeza dos estádios.

Transporte

- Que os motoristas sejam treinados a dirigir de forma ecológica para a redução do consumo de

combustível.

- Que o transporte público local, incluindo bicicletas e outros meios de transporte não mecanizados, seja responsável por um mínimo de 50% dos deslocamentos para e dos estádios nos dias de jogos.

Biodiversidade

- Que todos os impactos negativos sobre a biodiversidade ou o meio ambiente sejam minimizados durante o planejamento e a realização do evento.

- Que todos os locais oficiais de encontros e eventos promovam, quando possível, a biodiversidade e a flora da região nos seus paisagismos ao redor das instalações.

Os objetivos chamados compensação de carbono nada mais são que a recomendação para que os veículos utilizados pela FIFA e pelos transportes



públicos sigam o padrão Euro II de utilização eficiente de combustíveis.

Quanto à energia utilizada nos estádios, é demandada uma auditoria de pelo menos seis meses para recomendar o uso eficiente de energia nesses espaços e que ela seja oriunda de fontes renováveis, como a solar e o biogás. Nesse aspecto, abrem-se boas possibilidades, pois, fazendo um reestudo dos estádios com a finalidade de otimização, podem ser feitas grandes mudanças, gerando muita economia. A iluminação ainda é uma grande fonte de gastos nesses locais e o uso de lâmpadas fluorescentes já faz uma grande diferença no consumo, mas estão surgindo as lâmpadas LED, diodos emissores de luz, que farão uma grande revolução no consumo de energia para iluminação e durabilidade das lâmpadas. O problema é que por enquanto elas têm algumas restrições de uso, mas é um grande momento para iniciar nesse processo. Por outro lado, é uma excelente possibilidade para iniciar a produção de energia local em estádios que têm sempre grandes áreas ensolaradas para produção de energia fotovoltaica e para aquecimento solar de água, que é um dos grandes consumidores de energia. Alguns estádios podem também fazer uso de energia eólica, mas aí depende da média de ventos da região.

Quanto ao lixo, a orientação é no sentido não só de separação por vários tipos de compartimentos para os diferentes tipos de lixo com vista à reciclagem, mas sugere, ainda, que seja dada prioridade a embalagens multiuso de materiais recicláveis, que sejam usadas com parcimônia e,

sobretudo, que seja fomentada a devolução de copos e utensílios através de sistema de reembolso de depósito. Muito importante, nesse ínterim, o controle sobre materiais em papel que geram grandes desperdícios e muito lixo.

Sobre a água, é também solicitada auditoria para gerar recomendações de otimização de uso, que já é diretamente sugerida através do uso de mictórios secos e utilização de água da chuva ou de superfície, que seria dos corpos de água, para irrigação, banheiros e limpeza dos estádios.

Na questão dos transportes, é sugerida a educação dos motoristas para dirigir economicamente e também que o transporte público, somado às alternativas de baixo impacto, como bicicleta, sejam responsáveis por, pelo menos, 50% do movimento para os estádios. Essa meta não parece nem um pouco ambiciosa, visto que transporte público sempre é passível de acomodações momentâneas.

Por último, em relação à biodiversidade, é bastante difícil avaliar os impactos negativos que não sejam bem específicos e, principalmente, voltados às espécies endêmicas que possam existir nas áreas mais afetadas por obras ou movimento de pessoas. É interessante a ideia de valorização da flora nativa nos paisagismos e instalações, não só pelo aspecto de proteção e valorização da biodiversidade local mas também pela coerente economia de água e outros tratamentos com as espécies completamente coerentes e adaptadas.

UM CONCEITO

A fim de que saibamos do que estamos falando, precisamos de um conceito operacional de desenvolvimento sustentável, uma vez que existe uma disputa entre diferentes pontos de vista que levam a caminhos bem distintos.

Aqui utilizaremos a visão que inclui quatro facetas do desenvolvimento: ambientalmente sustentado, socialmente justo, economicamente viável e culturalmente respeitoso. Inicialmente, é importante frisar que a sustentabilidade do desenvolvimento refere-se à faceta ambiental e não às outras, que pouco ou nada dizem; a justiça social é difícil de definir, mas começa bem através da participação de todos; a Economia é meio e não fim, portanto dela só se requer a viabilidade; a cultura, por sua vez, é uma forma requintada de respeitar toda a experiência humana em um dado ecossistema e tem nela o sistema de valores que nos serve de referência à realização existencial (MILANEZ, 2003).

Referenciados nesse conceito, podemos dizer que a questão da sustentabilidade de um projeto não se extingue na redução de seus impactos, muito menos no balanço de carbono de suas demandas. A sustentabilidade de um projeto está extremamente vinculada às mudanças que ele provoca no meio ambiente, mas totalmente permeada pela necessidade de estar em harmonia com a cultura local e suas populações. Vem daí a necessidade de usar práticas que, se não estão incorporadas na cultura, possam fazê-lo como parte do processo evolutivo cultural. Ao contrário disso, a padronização

cultural que tem acontecido, fruto indireto da globalização do mercado, só tem contribuído para que mais pessoas no mundo estejam com dificuldades de encontrar referências sobre as quais possam realizar uma existência satisfatória.

AS POSSIBILIDADES

Se nos é dada a chance de promover aquilo em que acreditamos, mas que não conseguimos implementar devido ao custo geralmente elevado, temos que aproveitar a oportunidade da Copa para tentar tirar proveito, o mais duradouro possível, para a maior extensão da população.

Entre todas as formas de provocar mudanças, não há nada que se equipare à educação, especialmente se voltada a ações práticas que fazem com que sedimente e evolua a matéria aprendida.

Dito isso, a maior forma de provocarmos a população para as mudanças de visão e de comportamento de que precisamos para transformar a nossa sociedade em sustentável, é através da educação para a sustentabilidade. Essa educação, que pode ser chamada também de ecopedagogia, não se limita à passagem de novos conteúdos, mas está principalmente focada em provocar mudanças de atitude, possíveis, principalmente, por meio de vivências profundas e transformadoras.

Jamais conseguiremos uma sociedade sustentável sem mudar nossos hábitos e costumes. Poucas coisas são mais difíceis na vida que isso, pois temos que sair da nossa zona de acomodação

e, mesmo saindo, temos uma grande tendência de retorno. É exatamente essa característica humana, a resistência, que faz tão difíceis as transformações, mesmo quando elas são para salvar a nossa própria vida, como em alguns casos de necessidade de mudança alimentar ou ligados à prática de exercícios. Semelhante grau de dificuldade envolve mudanças relacionadas à forma como exercemos o consumo, que é uma das bases da insustentabilidade planetária. A forma como consumimos água, luz, combustíveis, eletrodomésticos, roupas, embalagens e alimentos, e até relações humanas, é base de grande parte dos problemas que temos enfrentado em nossa sociedade. Até a forma estressada como trabalhamos está ligada a esse esbanjamento, pois somos escravos de uma sociedade que nos cobra cada vez mais trabalho para mantermos o nível de vida e comodidade, o que não nos permite conviver com os filhos para que possamos pagar, dentre outras coisas, os psicanalistas de que eles necessitarão pela nossa falta. De certa forma, para termos comodidade, não temos mais descanso. Da mesma forma, ambientalmente falando, para termos uma boa vida, carro, tevê, estamos perdendo a qualidade de vida, a saúde.

Educar, no sentido aqui utilizado, é aproveitar oportunidades para gerar mudanças com a decisão crítica participativa do educando. O desafio de construir uma sociedade sustentável não se resolve com centenas ou milhares de pensantes encontrando soluções para o resto das pessoas. Ao contrário disso, são necessários os recém-completos sete



Viveiro de árvores nativas

bilhões de pessoas pensando e agindo para viabilizar essa mudança. Não podemos abrir mão de ninguém. O lado bom disso é que praticamente todas as pessoas estão sentindo a necessidade dessa mudança e a estão buscando da forma que sabem. Por que digo que são necessários todos? Porque não basta conhecer as soluções, todos temos de praticá-las; não podemos praticá-las pelos outros. A história tem mostrado que as pessoas dificilmente se envolvem na implementação de decisões das quais não participaram (MILANEZ, 1998).

Outra constatação que o estudo da ecologia tem demonstrado é que não existem verdades universais. A exemplo dos ecossistemas, as soluções têm que ser locais. São outros materiais, outras espécies, outro clima, outro relevo, outra cultura e assim por diante. Soluções sustentáveis, doa a quem doer, tendem a ser locais (MILANEZ, 1992). Por isso, elas envolvem muita gente, por outro lado, fazendo com que todos sejam importantes e acolhidos no processo. Uma sociedade sustentável pode abrir mão do engajamento do arquiteto? E do operário? E do administrador? E do dentista? E da doméstica? Existe uma só pessoa que essa sociedade possa desprezar? Ela precisa de todos, com a mesma radical importância, para reconstruir a teia que não soubemos copiar da natureza, que, por milhões de anos, soube fugir da competição e buscar a cooperação entre as espécies para construir um planeta sem lixo, nem poluição, que nós, tão rapidamente, em 10.000 anos, ou, mais intensamente, dois séculos, soubemos destruir (CAPRA, 2002).

Outro desafio para a educação é o de ensinar como funciona a natureza. Fazer as conexões entre as coisas para que possa ser entendida a interdependência. É impossível planejar qualquer coisa numa cidade sem ter noção de como funciona seu meio ambiente, as bacias hidrográficas, suas vertentes. Para onde vão as consequências do lixo que enterramos no fundo do pátio; Como funciona na cidade; Quais as consequências da capina química (HASS, 2006). Além disso, é imprescindível nos questionarmos sobre como acumulamos metais pesados e agrotóxicos no nosso corpo e quais as consequências disso; Por que estamos diante de uma epidemia de obesidade, depressão e deficiência de atenção. Temos que conhecer minimamente as consequências de uma usina de carvão para entendermos a importância de energia hídrica, eólica e solar. Também é essencial que se desmistifique a produção caseira de energia, de alimentos e até soluções de planejamento urbano. Só assim as pessoas perceberão que podem e devem ajudar, pois todas as mentes juntas podem encontrar soluções incríveis para problemas complexos.

Nunca estivemos tão cercados de possibilidades, conhecimento e desafios. Para buscarmos obter sustentabilidade, podemos seguir as cartilhas que, em grande quantidade, sugerem métodos de medir e escolher tecnologias alternativas para tratar águas, produzir energia, aquecer, iluminar, transportar, isolar, administrar lixo, poluição aérea e tantas outras atividades que causam impacto. O mais importante, porém, é sabermos aonde queremos ir e de que dispomos para isso.

No que diz respeito ao transporte, o evento de uma Copa pode servir para ir bem mais longe que ensinar motoristas a dirigir economicamente. Podemos testar carros e bicicletas elétricos, construir ciclovias, forçar o uso de ônibus híbridos e a implementação de metrô elétricos, assim como de ônibus com combustíveis renováveis e elétricos poderiam ser testados e as equipes da Copa deveriam ser transportadas somente com veículos elétricos para dar um exemplo saudável. Criar rotas para caminhadas e mostrar que vários deslocamentos podem ser saudáveis e prazerosos se feitos dessa forma também seriam outras possibilidades. Podemos, ainda, premiar as pessoas que fazem o circuito a pé com alimentação orgânica para que sintam a diferença na sua disposição e oferecer circuitos turísticos para pedestres com guias gratuitos (HALLIDAY, 2008).

Os estádios por seu enorme área para captação solar podem ser grandes laboratórios de produção de energia solar fotovoltaica e aquecimento de água solar. Poderiam ser feitas, inclusive, experiências em refrigeração solar. A energia também é fonte de campos magnéticos que podem prejudicar a saúde e por isso precisa ser bem planejada em sua disposição e circulação (BUENO, 2006).

Ainda, se o paisagismo das obras for feito com plantas nativas, além da beleza e coerência turísticas, a manutenção fica baratíssima, pois não é necessário irrigação e a manutenção é baixíssima. A flora nativa facilitaria e poderia ser estimulada a acolher animais nativos nesses jardins, o que serviria, também, para um processo educativo para a

nossa população, que, na maioria, desconhece o que é nativo ou exótico (BOFF, 1999).

Além das tecnologias modernas de iluminação, como o LED, podemos utilizar a oportunidade para mostrar, na prática, o funcionamento de iluminações alternativas de baixo custo, como janelas zenitais com difusores e até garrafas *pet* com água. É importante que arquitetos e *designers* passem a utilizar essas formas alternativas para mostrar que é possível fazer isso com bom gosto (HALLIDAY, 2008).

Seria importantíssimo, também, que fossem feitos investimentos em formas alternativas de aquecimento e resfriamento de ambientes, pois as pessoas estão buscando cada vez mais essas facilidades e consumindo quantidades incríveis de energia e dinheiro para isso. Uma edificação bem planejada pode praticamente dispensar o uso desses equipamentos e ter uma qualidade de ar e luz muito mais saudável dentro dos ambientes (KEELER, 2010).



A economia e tratamento de água podem ser também demonstrados através de dispositivos domésticos, como bacias com dois tipos de descargas, torneiras e chuveiros de fluxo baixo e com temporizadores, reciclagem das águas servidas para bacias sanitárias e irrigação de jardins; fazer tratamentos de água nos próprios jardins para que as pessoas vejam as possibilidades estéticas que eles oferecem (ROAF, 2006).

Os materiais empregados para a construção, tanto das edificações como de equipamentos, por sua vez, devem ser criteriosamente estudados. Existem materiais que são “energívoros”, requerem grande quantidade de energia para serem fabricados e outros provocam muita poluição em sua mineração e fabricação, como é o caso dos metais. Também existem materiais que liberam substâncias tóxicas para o meio, como é o caso de tintas e plásticos, que liberam no ar compostos voláteis cancerígenos. As madeiras que são certificadas devem ser tratadas de forma que o tratamento não as torne tóxicas também. Além disso, tijolos devem ter origem certificada e, se forem produzidos com baixo consumo de energia, muito melhor, como no caso dos agregados por microrganismos (BUENO, 2006).

O processo que poderia ser mais rico é o de questionamento da produção de lixo, pois não basta separar e reciclar o lixo, temos que reduzir drasticamente a sua produção para pararmos de desperdiçar a natureza com embalagens que só servem para enganar o consumidor. Um trabalho feito com profundidade nesse sentido seria algo que as pessoas certamente levariam para seus locais de

origem e também ficaria aqui através da experiência de nossos cidadãos. O lixo é um símbolo de nossa sociedade, que produz coisas e acaba intoxicada e empobrecida por elas.

Para um Planeta sustentável, não podemos deixar de lado a alimentação, ainda mais que estamos falando de jogos e atletas e que nos encontramos no estado que tem a mais longa caminhada na construção de uma agroecologia para alimentar a todos os nossos cidadãos. Se pudéssemos oferecer a oportunidade, a muitas pessoas, de utilizarem, por uma ou duas semanas, a alimentação orgânica e sentirem a diferença no seu próprio corpo, teríamos aí uma revolução. Um dos grandes desafios para que se consiga perceber a diferença na alimentação é a continuidade por algum tempo. Como as pessoas estão longe de suas casas, são obrigadas a comer em restaurantes. Se fosse oferecida uma opção natural, além de ser coerente, poderia servir para mudar muitas vidas (FUKUOKA, 1991).

CONCLUSÃO

Embora através de um evento como a Copa do Mundo de Futebol não possamos abarcar a complexidade que é a mudança necessária para alcançarmos um desenvolvimento sustentável, trata-se de uma oportunidade importante para que se possa experimentar e conhecer várias tecnologias que podem nos auxiliar em tal tarefa. O mais importante, porém, reside na oportunidade educativa, de “ecoalfabetização”, que temos para interagir com a nossa população e questionar tantos dogmas que estão desqualificando nossas vidas (MILANEZ, 2011).

Como educadores, devemos saber que eventos como este mexem com as pessoas e as predispõem a se colocarem de forma mais aberta a mudanças e, por isso, não podem ser desprezados por aqueles que ainda acreditam que podemos construir um Planeta viável para seres felizes viverem nele.

REFERÊNCIAS

AUBERT, Claude. **L'Agriculture biologique**. Paris: Le Courrier Du Livre, 1977.

CAPRA, F.; CIPOLLA, M.B. **As Conexões Ocultas**; ciência para uma vida sustentável. São Paulo: Cultrix, 2002.

COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO. **Nosso Futuro Comum**. Rio de Janeiro. Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1988.

Conferências das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento. **Agenda 21**. Brasília, Câmara dos Deputados, Centro de Documentação e Informação, Coordenação de Publicações, 1995.

BOFF, L. **Saber cuidar: ética do humano – Compaixão pela terra**. Petrópolis: Vozes, 1999. 199p.

BUENO, Mariano. **El libro práctico de La casa sana**. Barcelona: RBA, 2004.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE FUTEBOL – FIFA. Disponível em:
<<http://pt.fifa.com/worldcup/archive/southafrica2010/organisation/greengoal/objectives.htm>> Acesso em: 25 out 2011.

FÓRUM BRASILEIRO DE ONGS e Movimentos Sociais para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento. **Brasil Século XXI. Os Caminhos da Sustentabilidade Cinco Anos Depois da Rio-92**. Rio de Janeiro: Fase, 1997.

FUKUOKA, Masanobu. **The natural way of farmaing: the theory and practice of green philosophy**. Nova York: Japan Publication, 1991.

GAUZIN-MÜLLER, Dominique. **25 casas ecológicas**. Barcelona: GG, 2005.

HALLIDAY, Sandy. **Sustainable construction**. Oxford: Elsevier, 2008.

HASS, Robert. Aprendendo a conhecer a bacia fluvial. In: STONE, M.; BARLOW, Z., orgs. **Alfabetização Ecológica; a educação das crianças para um mundo sustentável**. São Paulo: Cultrix, 2006.

KEELER, Marian; BURKE, Bill. **Fundamentos de projetos de edificações sustentáveis**. Porto Alegre: Bookman, 2010.

MILANEZ, F B. **O Golpe do Terceiro Mundo**. Porto Alegre, ECOFUND/AJE, 1992.

MILANEZ, Francisco. Desenvolvimento Sustentado. In: VIOLA, Solon A.; Ritter, P. orgs. **Cidadania e Qualidade de Vida**. Canoas. Centro Educacional La Salle de Ensino superior (CELES), 1998.

MILANEZ, Francisco. Desenvolvimento Sustentável. In: CATTANI, A. D. (Org.). **A outra economia**. Porto Alegre: Veraz Editores, 2003.

MILANEZ, Francisco. **Ecoalfabetização: manual de sobrevivência em um planeta em extinção**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011.

ROAF, Susan; FUENTES, Manuel; THOMAS, Stephanie. **Ecohouse: a casa ambientalmente sustentável**. Porto Alegre: Bookman, 2005.

IMAGENS DISPONÍVEIS EM:

<http://www.cuiaba2014.mt.gov.br/media/files/images/Plantio%20de%20mudas%20Projeto%20Copa%20Verde%20MT.jpg>. Acesso em 30 nov. 2011.

http://download.ultradownloads.com.br/wallpaper/47782_Papel-de-Parede-Muda-de-Arvore_1440x900.jpg. Acesso em 30 nov. 2011.

http://atitudesustentavel.uol.com.br/pequenossustentaveis/files/2011/11/festival_If-a-Tree-falls_1.jpg. Acesso em 30 nov. 2011.

http://3.bp.blogspot.com/_Y5fiVsfVuts/S_0l8q2NbbI/AAAAAAAAAC8/4S4qLaAjhZY/s1600/1.JPG. Acesso em 30 nov. 2011.



ENTRE O ESPORTE E OS LEGADOS PRETENDIDOS, POSSÍVEIS E CONFLITANTES DA COPA DO MUNDO DE 2014: OU O PLANEJAMENTO URBANO BOM PRA QUEM?

Bruno Cesar Euphrasio de Mello¹

Se fosse feita uma pesquisa sobre o esporte mais popular entre os gaúchos, com certeza o futebol sairia na frente com larga vantagem. E também se a mesma pesquisa incluísse uma questão sobre o prazer dos gaúchos em morarem em seu estado, a vantagem seria ainda maior. Isso quer dizer que os gaúchos querem receber a Copa do Mundo de 2014 em seu estado? Ou, dito de outra forma, será que o povo gaúcho identifica a acolhida à Copa do Mundo como um bom projeto para seu estado? Creio que a relação não seja tão direta e estreita assim como talvez possa supor a opinião irrefletida.

Sobre o evento da Copa do Mundo de Futebol FIFA de 2014 parece pairar um relativo consenso. O lugar-comum acredita que os projetos advindos a

partir do Evento podem ser uma grande oportunidade aos estados e municípios brasileiros. Mas o que não está declarado são os pressupostos que fundamentam essa relativa unanimidade e, se olharmos com um pouco mais de cuidado, veremos que há mesmo pensamentos heterogêneos acerca dos legados pretendidos e possíveis da Copa do Mundo FIFA de 2014.

Assim sendo, ponderaremos sobre esses consensos e dissensos, iniciando pelo esclarecimento dos pressupostos, quase sempre implícitos, não declarados, que sustentam essas propostas.

Partamos da reflexão do professor e pesquisador Carlos Vainer (2005), que, provocativamente, relembra-nos do óbvio: por trás das propostas de

1. Arquiteto e Urbanista formado pela UFRGS; Mestre em Planejamento Urbano e Regional pelo PROPUR-UFRGS; atua como Professor do curso de Arquitetura e Urbanismo da FEEVALE.

planejamento urbano e de intervenções na cidade estão presentes em qualquer ocasião ideias que as legitimam, modelos ideais que as orientam. Segundo suas próprias palavras, “por trás de todo projeto urbano está presente, de uma maneira ou de outra, uma utopia” (p. 136). Cabe salientar que a lista de “utopias” vinculadas às intervenções nas cidades brasileiras que Carlos Vainer apresenta é esclarecedora, motivo pelo qual, neste estudo abordaremos três delas.

A primeira, que segundo o estudioso ganhou força com a ditadura militar, é o modelo do planejamento urbano intitulado por ele de *centralista-tecnocrático*. Esse modelo toma por base o pressuposto de que o quadro técnico, com seu conhecimento especializado, seria o corpo capaz de realizar diagnósticos e apontar propostas de soluções mais adequadas e precisas, sem intervenções que não fossem as estritamente objetivas, com plena isenção de interesses particulares. Mas o que seria objetividade e isenção nos rumos da cidade, espaço próprio da pluralidade de pensamentos? Essa interrogação provavelmente nunca tenha encontrado resposta. O modelo centralista-tecnocrático seria o caminho da impossibilidade de embate e disputa sobre seus rumos já que as divergências inexistiriam com a isenção técnica. Esta seria a cidade do aparente pensamento único, espaço próprio de regimes de exceção que têm seu grande líder (ou um conjunto deles legitimados pelo seu conhecimento técnico) que tudo sabe, sobretudo sobre o que é o interesse comum. A crise desse modelo, conforme o

pesquisador, dá-se juntamente com o crescimento dos movimentos sociais urbanos, que, pouco a pouco, tencionam a transferência das decisões das mãos e do controle dos especialistas, democratizando as escolhas e ampliando a possibilidade de intervenção.

Outros dois modelos que Vainer apresenta estão em franco confronto contemporaneamente. Um é o modelo da *cidade-empresa*, que entende que ela deve estar sempre em busca de negócios, em competição com outras cidades na atração de recursos, oferecendo vantagens e, por exemplo, abrindo mão de impostos para tal. Segundo esse modelo, a cidade deve ser administrada como uma empresa, buscando produtividade, prospectando oportunidades e bons negócios. E como quem mais entende de negócios são os empresários, essas cidades deveriam ser administradas e geridas por eles. Nessa utopia de cidade, todos os conflitos devem ser banidos, deve reinar a unidade e o estabelecimento de grandes consensos sociais (se é que isso é possível) para que as divergências não atrapalhem os negócios.

Vainer (2005, p. 139), por sua vez, pergunta “como fazer com que as cidades tão injustas e desiguais como as nossas se apresentem unidas em torno de um único e mesmo projeto?” Uma empresa tem dono, está claramente colocado o papel de quem manda e de quem obedece. Os empregados, a rigor, não são chamados a discutir os rumos da empresa e os patrões também não chamam assembleias para votar democraticamente suas decisões centrais. Essa proposta de administração e

planejamento das cidades, entretanto, é a que vem fundamentando as decisões ao redor do Megaevento da Copa do Mundo FIFA 2014 no Brasil, uma vez que a Copa é vista como a oportunidade do momento.

Assim, a legislação do País e as regras de organização do espaço devem ser flexibilizadas para se submeter a essa “grande” ocasião. O megaevento parece assim como o grande legitimador de toda e qualquer mudança realizada nas leis, sem que precise passar pelo moroso, enfadonho e eterno atravancador do progresso, o debate da representação legislativa. Assistimos recorrentemente a notícias na imprensa sobre o embate entre governos e dirigentes promotores da Copa do Mundo acerca da exclusividade de promoção de marcas, da criação de territórios FIFA, onde só valeria o estatuto dessa entidade privada; notícias sobre a divergência entre a lei que determina a meia entrada e a intenção da FIFA em não seguir essa regra; a vontade dessa mesma entidade em não acompanhar a legislação, que fixa a proibição de venda de bebidas alcoólicas nos estádios e arredores para não desrespeitar seu acordo comercial com uma grande marca de cerveja, dentre outros casos possíveis de serem citados. O projeto de lei geral da Copa ainda está em debate por conta dessas indefinições, o que nos permite inferir que não é a Copa do Mundo que se adéqua à cidade (e aos interesses de seus habitantes), mas a cidade que se adéqua ao projeto da FIFA (e ao interesse de seus promotores).

Os que acreditam nesse projeto de cidade imaginam que “o maior desafio do planejamento

urbano contemporâneo é aumentar o potencial competitivo das cidades no sentido de responder às demandas globais e atrair recursos humanos e financeiros internacionais” (BRANDÃO, 2002), o que explicita uma vinculação direta com a ideia de cidade-empresa. Seria esse realmente o maior desafio colocado ao planejamento urbano atual ou seria a capacidade de as cidades responderem às demandas locais e aos anseios de quem de fato nelas habita? Ou seria ainda o desafio da ampliação da possibilidade de democratização dos processos decisórios, entendendo que a construção da cidadania passa por essa participação e intervenção diretas nos rumos e nos projetos para a cidade?

De acordo com Vainer (2005), a esse modelo de cidade-empresa contrapõe-se o modelo de *cidade-democrática-conflituosa*, que parte da ideia de descentralização dos processos decisórios e ampliação da participação dos habitantes da cidade nos rumos e destinos que o local onde moram deve tomar. Aqui se acredita que os conflitos, ao invés de um obstáculo, são desejáveis e construtores de cidadania. Parte-se da ideia de que não há uma absoluta unidade entre os cidadãos, mas uma pluralidade de ideias e projetos, muitos deles em franca oposição, cuja coexistência é vital para importantes transformações. Assim, as cidades não competem como adversárias, umas querendo derrotar as outras, mas buscam a solidariedade e o desenvolvimento compartilhado.

A cidade aqui é entendida como o lugar da divergência de interesses e da disputa de projetos. Nesse sentido, Carlos Nelson Ferreira dos Santos

(1988) faz uma analogia elucidativa ao afirmar que a cidade é como um jogo de cartas. Para ele, os pontos de semelhança entre jogo de cartas e cidade residem no estabelecimento de opositores e parceiros aliados; no fato de o jogo dever ocorrer sobre um suporte (a mesa ou o sítio próprio da cidade); e, mais do que tudo, na determinação de regras que devem ser respeitadas para um jogo justo e honesto, além de bem conhecidas e esclarecidas para que todos joguem em nível de igualdade. Além disso, mesmo com essas semelhanças e com as óbvias diferenças minimizadas com essa analogia, talvez uma das diferenças fundamentais entre a cidade e o jogo de cartas esteja no fato de que o jogo da cidade nunca termina; enquanto existir cidade a disputa será feita lance a lance com vitórias e derrotas para todos os lados. Assim, o problema da democracia na cidade passaria:

por este duplo fundo de agulha: conhecimento dos princípios através dos quais os espaços se formam e são ocupados; capacidade de participar de forma ativa nas decisões, negociando direitos e vantagens. Em outras palavras: só pode haver jogo limpo quando cada um

souber o que são suas cartas, o quanto valem e tiver domínio sobre as próprias jogadas (SANTOS, 1988, p. 51).

Dessa forma, contrariamente ao senso comum, fica impossível dizer de antemão quais são os projetos pretendidos e possíveis para as cidades. Essa resposta não é direta como dois e dois são quatro; depende de escolhas, opções, pressupostos, as tais utopias fundamentadoras de que fala Vainer. E quem pode responder a essa questão se não os próprios cidadãos?

Evidentemente que essa concepção de cidade-democrática-conflituosa não nega a existência dos negócios, tampouco a importância dos técnicos, mas coloca todos em diálogo e disputa. Essa é a ideia de Santos (198, p. 55) sobre o papel do especialista-



técnico (urbanista, engenheiro, arquiteto ou planejador), que:

tem de assumir um novo papel, dentro de tal perspectiva. Ele é aquele que segue a partida com interesse, procura esclarecer dúvidas e pontos obscuros e funciona como mediador, aconselhando a atualização dos estatutos e modos de agir, à medida que se verifique sua superação (SANTOS, 1988, p. 55).

O quadro técnico, assim, poderia – ou até mesmo deveria – fazer o contraponto às intenções episódicas de tendências aleatórias e necessidades de respostas imediatas, fruto de algum tipo de pressão política ou especulativa ou empresarial. Não é essa uma proposta de retorno da tecnocracia, mas a de dar a oportunidade de um debate fundamentado e da revelação de possibilidades para a população. Assim, um dos pontos-chave da democracia estaria contemplado, o da equidade e ampla difusão de conhecimento. Ainda conforme indica Santos (1988, p. 55):

Conhecidos universalmente os princípios, todos serão capazes de participar das soluções. Melhor ainda: todos se sentirão responsáveis e acompanharão os efeitos e conseqüências com envolvimento, ao mesmo tempo pessoal e coletivo.

Deve, assim sendo, haver um quadro técnico não só valorizado, mas também com um novo papel. É o que vai poder subsidiar escolhas, mediar interesses e participar também dos conflitos, deixando de ser aquele ente presumidamente isento.

Esse conceito de cidade como espaço próprio do debate de ideias, da pluralidade de vozes acerca dos caminhos de sua administração e da orientação de seus rumos, acolhendo as opiniões de todos (ou da maior parte) e não só dos especialistas – sejam eles os especialistas técnicos ou os especialistas empresários – é mesmo bem antiga. A origem está nos gregos e essa concepção está presente em pelo menos um dos tantos gregos célebres:

No entanto, verifico que quando nos reunimos em assembleias, por precisar a cidade deliberar sobre assunto de construção, mandam chamar arquitetos para opinarem a respeito do edifício a ser levantado; se se trata de construção de navios, recorrem a carpinteiros náuticos, e assim com tudo o mais que eles julgam poder ser ensinado ou aprendido. Porém se qualquer outra pessoa, que eles não consideram profissional, se abalançar a dar conselhos, por mais belo que seja, ou rico, ou de boa família, não somente não lhe dão ouvidos, como se riem dele e o pateiam, até que, atemorizado com a assuada, desista de falar ou que os arqueiros o retirem do recinto, por mandado dos prítanes. É assim que eles se comportam, sempre que se trata de questões técnicas. Quando, porém, a deliberação diz respeito à administração da cidade, qualquer individuo pode levantar-se para emitir opinião, quer seja carpinteiro, quer seja ferreiro, sapateiro, mercador ou marinheiro, rico ou pobre, nobre ou vil, indiferentemente, sem que ninguém apresente objeção, como nos casos anteriores, por pretenderem dar conselhos sem haverem estudado em parte alguma essa matéria (PLATÃO, 2002, p. 62-63).

Há exemplos importantes de governos contemporâneos a nós que, ao longo de suas

trajetórias, têm experimentado participar de iniciativas que tencionam a descentralização das decisões, tornando-as mais democráticas, mais participativas, entendendo que a disputa de pontos de vista e de projetos é salutar para a vida nas cidades. Estes devem ter (ou pelo menos deveriam ter) ponto de vista distinto ao da cidade empresa, apresentado acima. Se buscarmos um pouco na memória, lembraremos de propostas promovidas, organizadas ou apoiadas por governos, movimentos populares, associações comunitárias e outras nessa direção, como, por exemplo, o já célebre orçamento participativo, a participação na aprovação do Estatuto da Cidade, a criação do Ministério das Cidades com suas Conferências da Cidade, os debates públicos sobre os planos diretores participativos com seus conselhos municipais de debate, as construções de conjuntos habitacionais através de cooperativas de autogestão. E por que abrir mão dessa forma de pensar e fazer a cidade?

Assim os legados pretendidos com a acolhida da Copa do Mundo FIFA de 2014 não são óbvios, tampouco claros e diretos, mas sim relativos. E os processos de planejamento e execução de projetos vinculados à vinda da Copa de 2014 para o Brasil dependem do pressuposto que servirá como seu ponto de partida. Ou seja, devem responder, antes de tudo, a uma pergunta fundamental: é bom pra quem? Penso que todos devem ganhar com a Copa, ou pelo menos, a maior parcela possível da população.

Alguém poderia imaginar que o desafio então estaria em conciliar os pressupostos de cidade-

empresa e de cidade-democrática, mas talvez essa seja uma conciliação impossível. O poder público tem aí o papel de mediar essa disputa entre os interesses particulares e os processos de decisão coletivos, o interesse imediato dos negócios e o planejamento de longo prazo estabelecido nos Planos Diretores Participativos, que, geralmente, estão em declarado confronto. Resta-nos esperar que essa mediação seja em favor da maior parte da população.

Modestamente, acreditamos que os municípios – seus quadros técnicos, administrativos e políticos – que pretendem participar em alguma medida da realização da Copa de 2014 no Brasil deveriam refletir sobre alguns pontos que talvez sejam fundamentais, quais sejam: A população tem consciência da intenção da municipalidade em concorrer a ser sede de alguma atividade vinculada à Copa do Mundo de 2014? Ela foi consultada em relação ao seu ponto de vista sobre essa intenção? Está de acordo? Por outro lado, há quadro técnico na prefeitura capacitado para dialogar com propriedade com a população, empresários, governo do estado e promotores da Copa acerca da vinculação do Evento com os projetos dos municípios? Mais ainda, que projetos já constantes no planejamento urbano do município podem ser alavancados a partir do evento Copa do Mundo? Projetos desconectados com propostas de longo prazo e já amplamente dialogadas e acordadas no município tenderiam a servir somente para responder a interesses momentâneos.

A obviedade reinante imagina que inexoravelmente o lugar dos investimentos da Copa devem estar vinculados ao turismo, gastronomia, promoção mercadológica da cultura local, construção da infraestrutura da cidade (leia-se quase que exclusivamente estádios). Que mais projetos poderiam estar em pauta? Uma boa possibilidade de ponto de partida para pensar outros legados para a sociedade com o evento Copa do Mundo de Futebol FIFA em 2014 pode ser o documento Carta Mundial pelo Direito à Cidade de 2004/2005, o qual indica que o direito à cidade é entendido como:

interdependente a todos os direitos humanos internacionalmente reconhecidos, concebidos integralmente, e inclui, portanto, todos os direitos civis, políticos, econômicos, sociais, culturais e ambientais que já estão regulamentados nos tratados internacionais de direitos humanos. Este supõe a inclusão do direito ao trabalho em condições equitativas e satisfatórias; de fundar e afiliar-se a sindicatos; de acesso à seguridade social e à saúde pública; de alimentação, vestuário e moradia adequados; de acesso à água potável, à energia elétrica, o transporte e outros serviços sociais; a uma educação pública de qualidade; o direito à cultura e à informação; à participação política e ao acesso à justiça; o reconhecimento do direito de organização, reunião e manifestação; à segurança pública e à convivência pacífica. Inclui também o respeito às minorias e à pluralidade étnica, racial, sexual e cultural, e o respeito aos migrantes.

Mapear oportunidades, então, acaba sendo algo mais complexo do que aparentemente é. A ideia de efeitos positivos com o megaevento também, pois tem que estar ancorada a algum pressuposto, evidente ou não, em relação ao tipo de “utopia” de cidade que alicerça as escolhas. E desperdício de oportunidades para uns pode ser um grande negócio para outros; depende de onde se olha. E o que é pretendido não é possível, o que é possível já não é mais o pretendido, o pretendido gera uma grande controvérsia e a proposta que acolhe o conflito pode ser a mais pretendida.

Projeto Terminal de Passageiros do Porto de Recife



REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Zeca. O papel do desenho urbano no planejamento estratégico: a nova postura do arquiteto no plano urbano contemporâneo. *Arquitextos*, São Paulo, 03.025, Vitruvius, jun 2002.

<<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/03.025/773>>.

CARTA Mundial pelo Direito à Cidade. Acessada em 06 de novembro de 2011 e disponível em <<http://www.forumreformaurbana.org.br/>>

PLATÃO. Protágoras, Górgias, Fedão; tradução de Carlos Alberto Nunes. 2ª Edição. Belém: EDUFPA, 2002.

Projeto de Lei que dispõe sobre as medidas relativas à Copa das Confederações FIFA de 2013 e à Copa do Mundo FIFA de 2014, que serão realizadas no Brasil.

SANTOS, Carlos Nelson Ferreira dos. A cidade como um jogo de cartas. Niterói: Universidade Federal Fluminense: EDUFF; São Paulo: Projeto Editores, 1988.

VAINER, Carlos. Planejamento urbano democrático no Brasil, in Diogo Alfonso ERBA et al. *Cadastro multifinalitário como instrumento de política fiscal e urbana*, Rio de Janeiro, Ministério das Cidades, 2005.



O LEGADO DA COPA DO MUNDO 2014: UMA REFLEXÃO SOBRE ACESSIBILIDADE

*Haide Maria Hupffer¹
Mary Sandra Guerra Ashton²
Camila Fagundes³*

Ao anunciar o Brasil como sede da Copa do Mundo de 2014, iniciou-se um processo de criação de comissões, captação de recursos financeiros, projetos de reformas e propostas de construção de infraestrutura para atender a essa demanda, além das inúmeras sugestões de cursos de capacitações, com o intuito de bem atender aos visitantes e mostrar a hospitalidade do povo brasileiro. Esses, entre outros fatos, passam a gerar uma tensão que toma conta dos brasileiros. A maioria das capitais e municípios disputa um espaço na Copa. Todos, incansáveis, buscam participar de alguma maneira desse grandioso evento e usufruir dos benefícios que possam ser gerados.

A partir da necessária organização do país para esse megaevento esportivo, este artigo busca salientar a urgência de pensar em propostas abrangentes, que possam beneficiar a sociedade receptiva, também, no Pós-copa do Mundo. Convém lembrar que o Século XXI assiste a novas formas de convívio social, entre elas destaca-se a questão da mobilidade e inclusão social voltada aos aspectos ligados à acessibilidade, inclusive com amparo legal. Para tanto, impõem-se várias questões, como, por exemplo: o que ficará no Brasil como legado da Copa do Mundo de 2014? Quais os benefícios gerados para a sociedade brasileira? Qual o nível de acessibilidade nos municípios? Os espaços públicos

-
1. Doutora em Direito pela Unisinos; atua como docente e pesquisadora no Mestrado em Qualidade Ambiental e no Curso de Direito da Universidade Feevale.
 2. Doutora em Comunicação Social; atua no ensino, extensão e pesquisa na Universidade Feevale.
 3. Bacharel em Turismo; atua como bolsista de iniciação científica na Universidade Feevale.

estão adaptados, facilitando a livre locomoção de todas as pessoas? Qual o legado que ficará no Brasil após a Copa do Mundo para pessoas portadoras de deficiência? Haverá um melhor ambiente coletivo de construto social?

A essas inquietudes, somam-se os números. No Brasil, existem 24,5 milhões de pessoas com alguma deficiência ou lesão que a impossibilite de exercer o livre deslocamento. É comum encontrar barreiras impeditivas e, por vezes, constrangedoras para a livre circulação dessas pessoas. A autonomia das pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida depende da eliminação de barreiras nos espaços urbanos, possibilitando a realização das tarefas do dia a dia. Ao se considerar que os deslocamentos motivados pela Copa de 2014 atraia para o Brasil um número maior ainda de pessoas com essas necessidades, tem-se a dimensão da necessidade de elaborar e implantar projetos que deem conta dessa demanda.

Desse modo, este trabalho busca uma reflexão acerca das questões que envolvem a acessibilidade na Copa de 2014 e o legado desse megaevento esportivo para o Brasil. Inicialmente, será apresentado um pouco da história e importância da Copa do Mundo, seguido dos conceitos e dimensões do legado, finalizando com a contextualização de acessibilidade e inclusão social como direito de todos.

COPA DO MUNDO 2014 – BRASIL MEGAEVENTOS ESPORTIVOS

O francês Jules Rimet, ao assumir o cargo de presidente da FIFA, criou a Copa do Mundo, em 1928, mas sua primeira edição ocorreu apenas em 1930. Primeiramente, sua ideia era reunir as principais seleções de futebol do mundo para a disputa do mundial. Era apenas uma competição esportiva motivada por lazer e, diante das dificuldades financeiras, foi o próprio Jules que patrocinou os primeiros troféus. Após a edição de 1986, no México, o evento passou a tomar nova dimensão: os jogadores passaram a receber salários, surgiram os patrocinadores, geração de lucro e disputa entre os países para sediar esse grandioso evento.

Considerado o segundo maior megaevento do mundo, a Copa do Mundo de Futebol FIFA acontece de quatro em quatro anos no país eleito como sede do evento e compreende um período de trinta dias, normalmente no mês de junho, composto por uma agenda de 64 partidas, fazendo com que cada seleção jogue, no mínimo, três partidas durante cada Copa. Atualmente o evento conta com trinta e duas seleções, aumentando, de fato, o interesse dos países em sediar o evento e dos patrocinadores. Das trinta e duas seleções que participam do mundial, cada uma tem direito a inscrever vinte e três jogadores, envolvendo um total de setecentos e trinta e seis atletas (OLIVEIRA *et al*, 2008).

Nesse contexto, o Brasil inteiro se reforma a partir da certeza de sediar a Copa Do Mundo de 2014. Um

megaevento esportivo que demanda uma reestruturação geral, envolvendo questões sociais, econômicas e políticas. Projetos de melhorias da infraestrutura, cursos de capacitações, captação de recursos, organização em grande escala estão entre as prioridades do Brasil até 2014. De igual forma, estados brasileiros que não foram escolhidos para sediar a Copa do Mundo estão se preparando para melhorar as estruturas turísticas e a divulgação de suas belezas naturais.

O Brasil receberá em torno de 750 mil turistas estrangeiros, destes 600 mil utilizarão o transporte aéreo, o que representa um aumento de 1,5 milhões de pessoas em circulação no país devido ao megaevento. Além disso, é estimado um deslocamento entre as cidades-sede de 21 milhões de pessoas, entre turistas estrangeiros e turistas nacionais, criando a expectativa de receber 500 mil turistas após o fim do megaevento.

O SEBRAE (2011) estima um investimento inicial equivalente a R\$ 30 bilhões de reais, gerando quase quatro milhões de empregos. Os possíveis benefícios para a economia brasileira circulam em torno das micro e pequenas empresas, pois aproximadamente 300 mil delas podem ser beneficiadas com a Copa do Mundo de Futebol FIFA 2014, gerando em todo o país 930 oportunidades de novos negócios para micro e pequenas empresas nas 12 cidades-sede. Dentre as mais procuradas, estão as áreas de turismo, agronegócio, construção civil, tecnologia da informação, madeira e móveis, entre outros. Além disso, o SEBRAE (2011) pretende investir R\$ 48 milhões de reais em seminários organizados em

todas as cidades-sedes do Brasil, promovendo uma possível melhoria nas formas de gestão dessas micro e pequenas empresas. Na rede hoteleira, espera-se um investimento de cerca de R\$ 2,5 bilhões de reais na construção de 92 estabelecimentos, qualificando mais de 1,3 mil hotéis e pousadas para 2014.

Entre os anos 2010 e 2019, serão agregados na economia brasileira cerca de 183,2 bilhões de reais. Para 2014, apenas em infraestrutura prevê-se um impacto de 33 bilhões de reais, desse total, 5,7 bilhões serão na reforma de estádios, 11,6 bilhões em mobilidade urbana e 5,5 bilhões em portos e aeroportos. O restante será destinado à telecomunicação, segurança, energia, hotelaria e saúde. Para o Produto Interno Bruto (PIB), o impacto esperado até 2019 é de 135 bilhões de reais, pelo fato de que todos os investimentos realizados permanecerão no Brasil, continuando o consumo e, principalmente, o turismo (MTUR, 2010).

Para Silva (2010), só no setor do turismo o mundial gerará 9,4 bilhões de reais, 710 mil vagas de novos empregos, dos quais 330 serão permanentes e 380 temporários. Os postos de trabalho permanentes vão aumentar a massa salarial em 6,8 bilhões de reais e os temporários em 1,6 bilhões, gerando um incremento de 5 bilhões de reais no consumo das famílias brasileiras entre 2010 e 2014, o equivalente à venda de mais de 7 milhões de geladeiras (MTUR, 2010). Se o Brasil receber o número de turistas esperados para a Copa de 2014, ocorrerá uma “[...] movimentação econômico-financeira gerada pelos deslocamentos de pessoas de seu local habitual, resultando na geração de

renda e criação de novos mercados que ficará até o pós-evento” (OLIVEIRA, 2002, p. 46).

Para Barbosa (2006, p. 108), “[...] ao analisar o fenômeno turismo, devem-se levar em conta dois aspectos importantes: o interesse dos turistas e o interesse do local que recebe os turistas.” Os turistas procuram regiões que oferecem atividades que ocupem seu tempo livre e que atendam a seus interesses. Os locais turísticos visam atrair os turistas para ocupar o seu tempo livre por meio do consumo turístico, visitar as atrações que o local já possui ou que poderá criar. O relacionamento entre essas duas partes produz resultados que levam o local visitado ao desenvolvimento econômico, à medida que a localidade se organiza e dinamiza o setor turístico.

Entre as características dos megaeventos esportivos, pode-se citar: são acontecimentos de curta duração, com data de início e final pré-estabelecidos; necessidade de alto nível de investimentos financeiros no país-sede envolvendo vários setores; reformas e grandes obras; demandam adequações na infraestrutura disponível para receber os atletas e delegações, os jogos e os visitantes; atraem um significativo fluxo de turistas de diversas nacionalidades; possui extensão de cobertura televisiva de ressonância global; coloca o país em destaque antes e durante a realização do evento, entre outros (RUBIO, 2005; TADINI, 2007; VILLANO e TERRA, 2008).

A organização de um megaevento envolve importantes decisões que deverão ser tomadas sobre o desenvolvimento físico e o uso da paisagem urbana de maneira correta, contribuindo com o

processo de desenvolvimento socioeconômico do país. Para a organização de eventos desse porte, devem ser consideradas três etapas fundamentais:

- **o pré-evento:** entendido como o período que antecede o grande evento. Nessa fase, são realizados os projetos e a previsão orçamentária para a captação dos investimentos necessários; o planejamento é a parte decisiva do evento, definido em um documento, denominado plano, no qual se faz o detalhamento de todo o processo, bem como do seu desenvolvimento. Devem, ainda, constar todas as obras que serão realizadas, estabelecidos os prazos, designados os responsáveis e os valores. É nesse momento que se estabelecem metas, objetivos e resultados esperados, entre eles o legado



que esse evento deixará ao país (MATIAS, 2008). De acordo com a Fundação Getúlio Vargas (2010), obras de construção civil, infraestrutura, qualificação profissional entre outras, são o grande marco dessa fase.

Qualquer cidade postulante precisa de investimentos que vão do transporte público, passando pela estrutura de moradia, para abrigar delegações e turistas, até uma sofisticada rede de telecomunicação para proporcionar a circulação das imagens e notícias das competições (RUBIO, 2005, p. 04).

Rubio (2005) comenta que para receber um megaevento é preciso investimento em todos os setores da cidade ou região-sede, infraestrutura, restaurantes, área para a instalação de mídia, hotéis, postos de saúde, entre outros, corrigindo a precariedade, para que possamos receber os turistas da melhor maneira possível e, assim, gerar benefícios para a população local.

- **o evento:** é a fase da realização do evento.

Precisa do acompanhamento de todos os envolvidos e deverá seguir tudo o que foi colocado no planejamento, com participação coletiva, envolvendo o setor público, privado e sociedade em geral. É marcada pela chegada dos participantes, atletas, delegações e turistas, bem como pela distribuição destes nos meios de hospedagem.

- **o pós-evento:** marcado pelo encerramento do mesmo, incide na avaliação administrativa, técnica e, principalmente, dos participantes. Essa fase também é marcada pela reunião e análise do material divulgado ao longo do evento, demonstrando os

objetivos que foram alcançados e os resultados finais do evento, bem como a identificação do legado deixado pelo megaevento (MATIAS, 2008).

No caso da visibilidade internacional, ocorrerá uma mudança da imagem brasileira no exterior, fortalecimento das qualidades do país, uma maior exposição dos produtos, serviços, paisagens naturais, entre outros. No turismo, um maior aproveitamento do potencial turístico, divulgação de atrativos turísticos regionais e ampliação do turismo interno, além de um salto na qualidade dos serviços ligados à atividade turística. Na infraestrutura, melhoria na qualidade de vida dos brasileiros, tecnologias modernas, maior conforto nos estádios, plataforma para ganhos de produtividade no setor privado e criação de novos polos de desenvolvimento. Custódio e Gouveia (2007) comentam acerca da importância de realizar um megaevento em um país, pois desempenha papel significativo na imagem e reconhecimento do país-sede; pode ser considerado como um novo destino ou uma marca nova, capaz de atrair turistas por muitos anos. Desse modo, é preciso que o Brasil se prepare para receber os turistas, criando e dinamizando sua oferta, tornando-se capaz de manter o turista por um período mais longo no destino.

LEGADOS DE MEGAEVENTOS ESPORTIVOS

A palavra legado pode possuir o sentido de herança, porém é mais do que isso, o legado não marca apenas “algo que aconteceu no passado, ele vive e continua a causar impacto no presente. É um presente deixado para as gerações futuras” (MAXWELL, 2007, p. 378). O legado exige um método, é estratégico e intencional, é um trabalho que deve ser planejado e perseguido com afinco, dedicação e retidão e responde à pergunta: o que queremos deixar para a sociedade depois de tal acontecimento?

Para Rubio (2007, p. 14), “os legados de eventos esportivos são multifacetados, são dinâmicos e dependentes de fatores locais e globais.” Assim, para o legado cultural poderá ser escolhida uma determinada temática, que tenha identidade com o

local onde acontecerá o evento ou, ainda, poderá ser um tema de âmbito global, no intuito de chamar a atenção ou sensibilizar a população mundial, que, a partir desse apelo, poderia se mobilizar buscando transformações positivas. Barretto (2000), citando G. Simmel, sublinha a importância do legado cultural na questão da identidade do cidadão com sua história e sua cultura. Seria um reforço daquilo que determinada sociedade pretende destacar ou até mesmo perpetuar. Deve-se levar em conta que um megaevento esportivo deixa o país exposto à mídia mundial por uma média de 10 anos, a contar desde a eleição do país sede até o pós-evento. Desse modo, um mesmo evento poderá deixar legados diferentes se realizado por duas ou mais vezes num mesmo país.

Da Costa (2008, p.3 9) salienta que a Copa de Futebol de 2014, a ser realizada no Brasil, terá seu enfoque centrado na proteção ambiental. Isso significa que terá como tema-base as questões que envolvem a sustentabilidade, se estendendo até os Jogos Olímpicos de 2016, que terão como sede o Rio de Janeiro.

Portanto, o legado é o que se espera após o encerramento da Copa do Mundo de Futebol FIFA 2014. Rubio (2009, p. 78) explica que legado “é a herança direta ou indireta em forma de instalações materiais, cultura, ideal criado em torno do evento, educação, informação, documentação ou de recursos gerados pela realização do megaevento”. Ribeiro (2008), por sua vez, comenta que o legado ideal é aquele que consegue impactar de maneira positiva em todos os setores, do esporte, economia,



cultura, meio ambiente e social, capaz de continuar gerando benefícios por muitos anos, de maneira sustentável. Legado é “o sentido de uma duradoura e positiva herança. Tais heranças advêm de impactos, causados por diferentes ações, que podem mudar de natureza com o passar do tempo” (VILLANO; TERRA, *in* DACOSTA *et al*, 2008, p. 104).

Conforme mencionado, o legado pode assumir uma postura estratégica e é intencional (MAXWELL, 2007), assim a temática norteadora baseada no meio ambiente merecerá destaque na Copa de 2014. Importante lembrar que o legado compreende várias dimensões. Para Da Costa (2008, p. 49), entre os possíveis legados de uma Copa do Mundo de Futebol, resultado de um planejamento consistente e responsável, poderá gerar:

- **legados do evento em si:** construções esportivas, construções de infraestrutura, mobilidade urbana, ampliação de aeroportos, geração de empregos temporários e permanentes, abertura de novas possibilidades de trabalho especializado, promoção e realização de outros eventos, aumento da procura de práticas de educação física por parte da população.

- **legados da candidatura do evento:** aprendizado do processo de candidatura como projetos e organização do evento, planejamento urbanístico do país candidato e cidades.

- **legados da imagem do Brasil:** projeção da imagem do país, projeção das cidades- sede e de sua cultura urbana dentro e fora do país, projeção dos principais pontos turísticos e das belezas

naturais, projeção de oportunidades econômicas e de serviços que o país poderá oferecer, nacionalismo e confiança cívica, bem como o orgulho regional e nacional.

- **legados de governança:** planejamento participativo, cooperação de diferentes órgãos administrativos, parceria público-privada, liderança do poder público local.

- **legados de segurança:** remodelação do sistema de segurança, unificação de procedimentos para megaeventos, metodologia para enfrentamento de situações críticas, diálogo e esforços federais, estaduais e municipais entre os diferentes setores de segurança pública, treinamento e capacitação para megaeventos, tecnologia de ponta, mobilização de efetivos, aquisição de equipamentos, infraestrutura, integração de sistemas.

- **legados do conhecimento:** treinamento e capacitação de pessoal, ecos dos voluntários que transmitem conhecimentos, transferência de conhecimento na gestão do evento.

Desse modo, observa-se que obras comuns, como estádios e obras de mobilidade urbana, trazem perspectivas de grandes mudanças para o dia a dia das cidades. A proposta de melhorias em vários setores e infraestrutura suficientes para atender à demanda de atletas e turistas também se configura como legado da Copa de 2014.

ACESSIBILIDADE E MOBILIDADE COM AUTONOMIA

As pessoas com deficiência somam 24,5 milhões de brasileiros, responsáveis por uma parcela de 14,5% da população, conforme os dados do Censo de 2000 (IBGE). Destes, 11,5% têm deficiência mental; 0,44% apresentam quadros de tetraplegia, paraplegia, hemiplegia; 5,32% vivem com a falta de um membro ou parte dele; 57,16%, com alguma dificuldade de enxergar; 16% têm alguma dificuldade de ouvir; 22,7% têm alguma dificuldade para caminhar; 10,5%, grande dificuldade de enxergar; 4,27%, grande dificuldade de ouvir; 9,54%, grande dificuldade de caminhar; 0,68% são incapazes de ouvir; 2,3%, incapazes de caminhar; e, finalmente, 0,6%, incapazes de enxergar. A essa parcela, provavelmente, já se devem somar outros tantos, já que esses dados são do Censo de 2000.

Observando apenas o significativo número de pessoas com grande dificuldade ou incapacidade de caminhar, qualquer cidadão brasileiro percebe a necessidade de locais acessíveis/adaptados que permitam a sua locomoção e mobilidade livremente, de maneira facilitada e com autonomia.

Sassaki (1999) considera em seus estudos a existência de seis barreiras excludentes: Arquitetônica (não permite a acessibilidade da pessoa com dificuldade de locomoção), comunicacional (a linguagem verbal ou visual utilizada não alcança todas as pessoas), atitudinal (atitude preconceituosa), metodológica (métodos de ensino, trabalho e lazer homogêneos), instrumental

(instrumentos utilizados para trabalhar e brincar que não atendem às limitações), programática (leis, portarias, regulamentos e políticas que perpetuam a exclusão). Enquanto a sociedade não remover as barreiras nessas seis áreas, essa parcela da população vai continuar excluída (SASSAKI, 1999).

Segundo Ely e Dischinger (2003), a acessibilidade é fundamental para a inclusão e participação de todas as pessoas na sociedade, independentemente de suas limitações ou restrições. Desse modo, considera-se que as adaptações e reformas na infraestrutura urbana possam impedir ou reduzir a liberdade de acesso, transformando-se em barreiras físicas para as pessoas com deficiência participarem de megaeventos como o caso da Copa do Mundo de 2014.

O direito ao lazer é citado no Artigo 6º da Constituição Federal como direito de cada cidadão. Além disso, o Artigo 217 cita que é dever do Estado fomentar práticas desportivas formais e não formais como direito de cada um (Constituição Federal, 1988).

Surge, assim, a necessidade de uma avaliação dos ambientes públicos de lazer por profissionais preparados e especialistas na área. As várias formas de deficiência demandam diferentes tipos de adaptações para garantir a segurança e a facilidade na locomoção dos portadores de necessidades especiais, tornando-se acessível para todos os tipos de deficiências. A Lei de Acessibilidade, conforme o Decreto-Lei 5296, de 02 de dezembro de 2004, define acessibilidade como sendo a condição para a utilização, com segurança e autonomia, total ou

assistida, dos espaços, das edificações, dos serviços de transporte e dos dispositivos, sistemas e meios de comunicação e informação por pessoa com deficiência ou mobilidade reduzida.

Portanto, para atender às necessidades dessa parcela da população foram criadas políticas de acessibilidade, programas públicos específicos voltados à inclusão social e adaptação dos espaços públicos. Desse modo, considera-se que as adaptações estruturais e reformas urbanas, incluindo rampas em passeios públicos, transporte coletivo adaptado, banheiros públicos, ambientes de trabalho adaptados, elevadores, entre outros, que retiram ou reduzem as barreiras físicas, facilitando a locomoção e o acesso das pessoas com deficiência, sejam itens imprescindíveis nos projetos para a Copa do Mundo de 2014.

Na elaboração dos projetos, deve-se ter presente que a inclusão social é “um processo bilateral no qual as pessoas, ainda excluídas, e a sociedade buscam, em parceria, equacionar problemas, decidir sobre soluções e efetivar a equiparação de oportunidades a todos” (SASSAKI, 1999, p. 3). Ou seja, os gestores públicos precisam ouvir os portadores de necessidades especiais para uma correta avaliação das demandas, visto que as várias formas de deficiências demandam diferentes tipos de adaptações, a fim de garantir a segurança e a facilidade na locomoção dos deficientes e de pessoas com mobilidade reduzida.

A acessibilidade nas cidades pode ser vista como uma política pública de inclusão social, promovendo o respeito, na medida em que favorece o exercício



da cidadania a todos, ou seja, deve ser tratada como um tema transversal a todos os órgãos governamentais e da sociedade civil. O governo federal disponibiliza aos municípios brasileiros um programa de orientação para a implantação de propostas de acessibilidade, o programa Brasil Acessível, que tem como objetivo estimular e apoiar os governos municipais e estaduais no desenvolvimento de ações que garantam acessibilidade para pessoas com restrição de mobilidade aos sistemas de transportes, equipamentos urbanos e a circulação em áreas públicas (BRASIL ACESSÍVEL, 2006).

O que se observa na sequência de leituras e

informações disponíveis sobre a Copa do Mundo de Futebol FIFA 2014 é uma lacuna nas questões relacionadas a acessibilidade. Essas medidas poderão estar sendo pensadas, mas pouco está sendo divulgado a respeito da acessibilidade. Desse modo, este artigo propõe uma reflexão, justamente, no aspecto da acessibilidade e inclusão social. Adotar as medidas propostas pelo desenho universal e em conformidade com a ABNT NBR de 2006 para pessoas com deficiência demanda a organização por meio de um planejamento integrado, observando as melhores propostas para a implantação das melhorias estruturais nas cidades, incluindo todo o ambiente urbano, inclusive os destinados ao lazer.

No Brasil, para sediar a Copa do Mundo de Futebol de 2014, muito deve ser feito para receber com dignidade os turistas com necessidades especiais, uma vez que atualmente não existem condições de acessibilidade condizentes. Projetar a igualdade social pressupõe garantir a acessibilidade a todos, independentemente das diferenças, e entender a diversidade como regra e não como exceção.

Nessa reflexão, surge um novo paradigma, em que esses valores agregados conduzem a acessibilidade a uma cultura na qual as necessidades das pessoas com deficiência e com restrição de mobilidade assumem um caráter estratégico de ação efetiva do Estado. Assim, a Copa do Mundo de Futebol 2014 pode ser esse momento privilegiado de o Brasil efetivar os ditames constitucionais e, assim, deixar um legado prático para as presentes e futuras gerações. Nesse sentido,

Ross (1998) contribui ao dizer que a inclusão dá-se se forem observados estes sete princípios: celebração das diferenças sem preconceitos; direito de decidir e tomar decisões; valorização da diversidade; direito de contribuir; promoção do aprendizado cooperativo; promoção da solidariedade humana; valorização da cidadania e da qualidade de vida.

Portanto, a realização da Copa do Mundo de Futebol de 2014 seria uma excelente oportunidade para o Brasil construir uma imagem favorável acerca da acessibilidade e da adaptação dos ambientes utilizados na Copa. O montante de investimentos para a realização desse megaevento poderia ser aproveitado para melhorias na infraestrutura e mobilidade, também, das pessoas com deficiência.

CONCLUSÕES

Por meio da utilização da temática da Copa do Mundo de Futebol FIFA de 2014, a ser realizada no Brasil, buscou-se compreender algumas questões inerentes ao tema acessibilidade e legado. Inicialmente, observou-se o crescimento e o destaque desse megaevento esportivo em nível mundial, seguido da necessidade de reformas na estrutura física, infraestrutura e cursos de capacitações que já vêm sendo realizados no Brasil para sediar a Copa. Destacou-se, ainda, o número de empregos e de massa salarial que será gerado, além dos investimentos em infraestrutura e qualificação geral.

Salientou-se, ainda, a importância de projetos abrangentes nas dimensões sociais, culturais e de infraestrutura geral, alinhados às políticas públicas e de acordo com a legislação brasileira, no intuito de beneficiar a sociedade, também, depois do evento. Observou-se também a importância da tomada de decisões baseada num planejamento e organização capazes de gerar investimentos que tenham seu reflexo nos benefícios sociais, imagem positiva e atenção para as questões da acessibilidade e mobilidade urbana, priorizando a eliminação de barreiras para o livre acesso de todos. Para tanto, utilizaram-se as ideias de Sasaki, estudioso da acessibilidade e inclusão social que salienta a necessidade de preparar tanto os ambientes quanto a sociedade para a inclusão.

Buscou-se explicar os legados, fundamentados por Rubio e Da Costa, destacando a importância de

organização e planejamento antecipado, além de refletir a vontade e identidade local. O legado pode ser compreendido como tudo aquilo que ficará de herança direta da Copa no Brasil. Desse modo, a sociedade é o foco do benefício gerado pelo legado do evento, uma vez que herdará o que foi construído: instalações materiais, cultura, imagem do país, entre outros. Assim, o legado poderá, ainda, ser utilizado como estratégia para impactar positivamente e por longos anos depois da realização do evento.

Logo, foi possível compreender a importância desse megaevento para o Brasil, seu reflexo nos vários setores da economia, nas melhorias que estão sendo realizadas, na capacitação e profissionalização em nível global e no incremento do turismo, além de possível destaque como destino acessível.

REFERÊNCIAS

- ASHTON, M. S. G.; HUPFFER, H. M. **Cidade Acessível e o Direito ao Lazer**. *In*: Estado de Direito. Brasil, nº. 30, Ano V, 2011, p. 29. ISSN 2236-2584.
- ASHTON, M. S. G. **Turismo e Acessibilidade: a democratização dos espaços citadinos**. *In*: Anais do VIII Seminário ANPTUR 2011 – Turismo, conhecimento, tecnologias e Inovação.
- BARBOSA, L. G. M; MARTELOTTE, M. C.; ZOUAIN, D. M. Os impactos econômicos do turismo no município do Rio de Janeiro e suas implicações no desenvolvimento local. **Visão e Ação**, vol. 8, n.3 p. 397-409 set-dez.2006.
- BARRETTO, M. **Turismo e Legado Cultural**. Campinas, SP: Papirus, 2000.
- BRASIL ACESSÍVEL. **Programa Brasileiro de Acessibilidade Urbana**. Brasília, Ministério das Cidades, 2006.
- BRASIL. CONSTITUIÇÃO FEDERAL DE 1988.
- CUSTÓDIO, M. J. F.; GOUVEIA, P. M. D. C. B. Evaluation of the Cognitive Image of a Country/Destination by the Media during the Coverage of Mega-events: the case of UEFA EURO 2004 in Portugal. *International Journal of Tourism Research* v **9**, 285–296 2007.
- DA COSTA, L. *et al.* **Legados de Megaeventos Esportivos**. Brasília: Ministério do esporte, 2008.
- ELY, V. M. B.; DISCHINGER, M. **Projetos de Espaços de Lazer para Todos**. Anais do Congresso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina, 2004.
- MATIAS, Marlene. Os efeitos dos megaeventos esportivos nas cidades. **Turismo e Sociedade**, Curitiba, v.1, n. 2, p. 175-198, out. 2008.
- MAXWELL, J. C. **21 Minutos de Poder na Vida de um Líder**. Rio de Janeiro, RJ: Thomas Nelson Brasil, 2007.
- MINISTÉRIO DO TURISMO. Dispõe de informações acerca desta entidade. Disponível em: <<http://www.turismo.gov.br/turismo/home.html>>. Acesso em 20 de agosto de 2010.

RUBIO, Kátia. Os jogos olímpicos e a transformações das cidades: os custos sociais de um megaevento. **Revista eletrônica de geografia y ciências sociais**. Buenos Aires, v. 9, n. 194, ago 2005.

_____. (org.). **Megaeventos esportivos, legado e Responsabilidade social**. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo, 2007.

_____. **Esporte, educação e valores olímpicos**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.

OLIVEIRA, Antônio Pereira. **Turismo e desenvolvimento: planejamento e organização**. São Paulo: Atlas, 2002.

OLIVEIRA, Ailton F. Santana de; BACH, Paulo Cezar Teixeira; MELO, Leonardo Bernardes S. de; SOARES, Antonio Jorge G. **Copa da Alemanha 2006: Futebol globalizado e o mundo de negócios na pós-modernidade**, 2008.

RIBEIRO, Fernando Telles. Legado de Megaeventos Esportivos Sustentáveis: a importância das instalações esportivas. *In: DACOSTA et al. Legado de Megaeventos Esportivos*. Brasília: Ministério do Esporte, 2008.

ROSS, P. R. **Necessidades Educacionais em Projetos de Educação Inclusiva**. *In: Anais do III Congresso Ibero-Americano de Educação Especial*. Foz do Iguaçu. p.243-247.

SASSAKI, Romeu Kasumi. **Inclusão: construindo uma sociedade para todos**. 3. ed., Rio de Janeiro: WVA, 1999.

TADINI, Rodrigo Fonseca. **Voluntariado nos jogos Pan Americanos Rio 2007: uma análise da capacitação promovida pelo comitê organizador Rio 2007**. São Paulo: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Turismo, 2007.

VILLANO, Bernardo; TERRA, Rodrigo. Definindo a temática de Legados de Megaevento Esportivos. *In: DACOSTA et al. Legado de Megaeventos Esportivos*. Brasília: Ministério do Esporte, 2008.

IMAGENS DISPONÍVEIS EM:

<http://www.novositeprefeituraguaira.com/wp-content/uploads/2011/06/P1010006.jpg>. Acesso em 06 dez. 2011.

<http://www.andradina.sp.gov.br/fotos/.acessidp.jpg>

http://3.bp.blogspot.com/_LvoE9AY8j3Q/TSyWnVHbM_I/AAAAAAAAAuc/_DNolnX4jZs/s1600/0238.JPG. Acesso em 06 dez. 2011.

http://3.bp.blogspot.com/_H-AmDI_9xrA/S9hJspNC7OI/AAAAAAAAALkE/RmqTj48-vMI/s1600/onibus_acessibilidade.jpg. Acesso em 06 dez. 2011.

http://2.bp.blogspot.com/_R_t_s0ef-6I/TOcpLGXJ7RI/AAAAAAAAACc/WkxIUtw-XWk/s1600/Post3.jpg. Acesso em 06 dez. 2011.

http://4.bp.blogspot.com/_NH4rrnlYeMY/TUCz2JpTlml/AAAAAAAAAPU/tpxulOEn1oE/s1600/Abrajet+RS++Obra+Copa+2014.jpg. Acesso em 06 dez. 2011.



MINISTÉRIO DO TRABALHO

SECRETARIA DE EMPREGO E SALÁRIO



SECRETARIA DE TRABALHO
E
PREVIDÊNCIA

ASSINATURA DO FUNCIONÁRIO

QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL: O LEGADO INTANGÍVEL DA COPA 2014

Maurício Nunes Santos¹

A realização da Copa do Mundo da FIFA Brasil 2014 no Rio Grande do Sul proporcionou benefícios não só à cidade-sede, Porto Alegre, mas a todo o Estado. Mais do que um megaevento esportivo, a Copa do Mundo é um grande evento midiático e econômico. Ao todo, foram mais de 16 mil jornalistas credenciados para acompanhar o evento, sendo 160 detentores de direitos televisivos em todo o mundo, cerca de 700 licenciados (TV, internet e rádio). A final registrou uma audiência recorde de 3,6 bilhões de telespectadores no mundo. Alguns jogos em Porto Alegre também estiveram entre os com melhores audiências da Copa, como *França x Honduras*, que registrou a maior audiência esportiva do ano na França e a partida das oitavas de final, *Alemanha x Argélia*, que teve a maior audiência

da TV alemã em quatro anos.

Além disso, graças à Copa, a atividade turística atingiu a marca de 3,5% do PIB gaúcho (superando a média de 2% dos últimos anos). Durante o evento, o RS recebeu a visita de 350 mil turistas, sendo 160 mil estrangeiros. Tradicionalmente habituado a hospedar os vizinhos argentinos e uruguaios, o estado atraiu durante a Copa, além de cerca de 80 mil argentinos, 18 mil australianos, 11 mil norte-americanos e 7 mil alemães. A vinda desses turistas representou, no período, uma movimentação financeira de R\$ 1 bilhão na economia gaúcha, uma ocupação média de 70% dos hotéis e 50% no aumento de demanda de bares e restaurantes.

Ciente da relevância de sediar o megaevento, bem como de suas responsabilidades nos

1. Foi coordenador-executivo do Comitê Gestor da Copa (CGCopa), vinculado à Secretaria Estadual de Esporte e Lazer, responsável pelo gerenciamento e articulação das ações e projetos relacionados à Copa do Mundo de 2014.

preparativos, o Governo do Estado do Rio Grande do Sul entendeu como prioritárias as ações relacionadas à Copa do Mundo da Fifa Brasil 2014. Visando a estruturação do trabalho, foi criada, em 1º de janeiro de 2011, a Secretaria Estadual do Esporte e de Lazer integrando em sua estrutura o Comitê Gestor da Copa 2014 no RS (CGCopa). O CGCopa teve por finalidade integrar as diversas Câmaras Temáticas que executavam e articularam as ações preparatórias, bem como promover a transversalidade entre as diversas áreas do governo afins e temáticas.

Como articulador do processo, também coube ao Governo do Estado, por meio da SEL/CGCopa, promover as condições para realização das atividades da FIFA e seus parceiros. Todas as ações sempre tiveram foco não apenas na qualificação do RS para receber a Copa, mas no legado para a sociedade gaúcha, seja físico ou intangível.

Além de preparar a infraestrutura do Rio Grande do Sul para sediar jogos, receber delegações e turistas durante a Copa do Mundo da FIFA Brasil 2014™, o Governo do Estado investiu na capacitação de profissionais. Afinal, além de proporcionar estruturas adequadas, foi preciso oferecer também atendimento qualificado a todos aqueles que visitaram o estado gaúcho durante o período. O resultado foi positivo, principalmente se levarmos em conta o alto índice de satisfação demonstrada pelo turista. Em uma pesquisa realizada pelo Ministério do Turismo, mais de 95,6% dos visitantes que estiveram na Capital durante o Mundial pretendem voltar e 98% dos estrangeiros

aprovaram a hospitalidade gaúcha.

Desenvolver a qualificação profissional, entretanto, é investir em um legado intangível e duradouro. O aprendizado adquirido pode ser compartilhado. Dessa forma, diversas áreas do *trade* turístico e da economia do Rio Grande do Sul foram beneficiados, mas, sobretudo, cada um dos cidadãos que teve acesso aos cursos de forma gratuita. Muitos deles, pela primeira vez na vida tendo a oportunidade de se qualificar.

Para tanto, diferentes setores governamentais gaúchos proporcionaram o acesso aos cursos, sejam eles do Governo do Estado, prefeituras ou Governo Federal, que beneficiaram um total de 63.262 pessoas capacitadas no Rio Grande do Sul.

A Secretaria Estadual do Esporte e do Lazer, por meio do Comitê Gestor da Copa 2014 RS (CGCopa), em parceria com a Fundação para o Desenvolvimento de Recursos Humanos (FDRH), promoveu cursos de qualificação profissional na modalidade de ensino a distância do Governo: *Mediação de Conflitos e Gerenciamento de Crise; Articulação Regional e Recepção de Grandes Eventos; Inglês Básico; Inglês Intermediário e Espanhol Básico*. Foram 1,5 mil profissionais qualificados, gratuitamente, nas áreas de Segurança, Turismo e Idiomas. As aulas eram gratuitas. A utilização do modelo online permitiu abranger um maior número de pessoas em diferentes regiões do Estado, não restringindo o atendimento à capital, atingindo assim o objetivo de qualificar não só para a Copa, mas para desempenhar com ainda mais qualidade as suas atividades nos seus diferentes

ramos de atuação. O investimento total da SEL foi de R\$ 700 mil no convênio entre a secretaria e a FDRH, que contou com a parceria da Feevale e do Senac.

A FDRH também gerenciou a qualificação de mais de 1,8 mil pessoas em 82 municípios, através do Programa de Qualificação dos Gestores Públicos para a Copa do Mundo 2014, elaborado pela instituição também em parceria com a Feevale. A capacitação orientou gestores quanto à recepção para megaeventos em áreas como captação de recursos e segurança. Iniciado em 2011, o investimento total do programa foi de R\$ 1,265 milhão.

A Secretaria Estadual do Turismo capacitou 4.015 profissionais em parceria com prefeituras, Sistema S e Instituto Federal. Entre esses, 1955 profissionais foram qualificados com recursos próprios da Setur em um investimento de R\$ 1.416.504,00, nos seguintes eixos:

O Senac realizou a qualificação de gestores públicos e privados para desenvolver competências e habilidades para o planejamento, gestão e organização da atividade turística em nível regional para 75 gestores, com turmas em Caxias do Sul, Porto Alegre e Pelotas. O programa foi executado em 2012 com o valor de R\$ 112.389,00.

Através de um convênio com Sindicato de Hotéis, Restaurantes, Bares e Similares (SHRBS), a Setur qualificou profissionais dos setores de hotelaria, gastronomia e entretenimento da Região Uva e Vinho na Serra Gaúcha, abrangendo 1.002 profissionais da região. Os municípios contemplados pelo programa foram Caxias do Sul, Bento Gonçalves, Vila Flores,

Antônio Prado, São Marcos, Protásio Alves e Flores da Cunha. A capacitação foi realizada a partir do 2º semestre de 2012 até o final do 1º semestre de 2013 e o investimento total foi de R\$ 143.040,00

O Estado ainda realizou curso uma edição de Curso de Ensino a Distância (EaD), em parceria com a FACCAT. O objetivo foi realizar a implementação de um Programa de Qualificação de Recursos Humanos para o turismo com o foco na acessibilidade, na modalidade educação a distância. A capacitação atingiu 48 profissionais no RS e foi executado em 2013, com investimento de R\$ 19.200,00.

Com grande faixa de fronteira seca, que atraiu a vinda de turistas por terra, o Governo do Estado promoveu a iniciativa SEBRAE Parada Tri Legal, uma seleção e qualificação de 30 empreendimentos comerciais que são ponto de parada de turistas ao longo da BR 116/RS, de Jaguarão a Vacaria. A qualificação foi realizada em parceria com o SEBRAE visando a promoção destes locais e a melhoria no atendimento e nos serviços oferecidos. O valor total do projeto foi de R\$ 557.500, sendo R\$ 473.875,00 investidos pela Setur e R\$ 83.625,00 de contrapartida do Sebrae.

Com a intenção de promover a qualificação e o aperfeiçoamento de profissionais que atuassem no atendimento direto ao turista, a capacitação SENAC, Excelência na hospitalidade para Copa 2014 abrangeu profissionais tanto de Porto Alegre, cidade-sede da Copa do Mundo 2014, quanto de cidades do interior. Ibirubá, Tramandaí, Cidreira, Torres, Uruguaiana, Santana do Livramento, Vacaria e

Lajeado foram municípios contemplados pela qualificação. O curso *Excelência na hospitalidade para a Copa 2014* teve como público alvo taxistas, comerciários, frentistas, motoristas, cobradores. Além disso foi ofertado o curso de *Sommelier* nos municípios de Bento Gonçalves, Monte Belo e Garibaldi. Ao todo, 800 vagas foram ofertadas.

Através da Consulta Popular, o Governo do Estado destinou R\$ 713.364,80 para capacitar 2060 pessoas em diversas áreas profissionais. As demandas da Consulta Popular partem da comunidade, que se mobiliza e busca os recursos. Os recursos foram utilizados em duas capacitações. A primeira delas foi a Qualificação Rota do Yucumã, promovida para 435 pessoas envolvidas com a atividade turística e áreas afins nos municípios pertencentes a área geográfica da Rota do Yucumã, tanto da iniciativa pública quanto privada. Proporcionou a novas pessoas a inserção no mercado de trabalho através de qualificações voltadas ao setor turístico, tornando-os competitivos com foco no mercado. A qualificação da região foi realizada em 2013 e teve um investimento de R\$ 80 mil.

Já a Qualificação AMTURVALES, envolveu a Associação dos Municípios de Turismo da Região dos Vales (AMTURVALES). Qualificou 825 profissionais, entre empresários e pessoas envolvidas no setor turístico que atuam no segmento econômico do turismo, visando ao fortalecimento e desenvolvimento do receptivo local e regional. O curso foi realizado em 2013 ao custo de R\$ R\$ 501.600. Em outro projeto, a AMTURVALES capacitou 800 profissionais que atuam na prestação

de serviços turísticos da iniciativa privada, comunidade local e poder público da Região do Vale do Taquari. Essa capacitação ocorreu em 2013, com investimento de R\$ 131.764,80.

Além do investimento estadual, ocorreram capacitações promovidas pelo Governo Federal no RS e que beneficiaram 27.622 pessoas, que se capacitaram em diversas cidades do RS e áreas de trabalho, do turismo à segurança pública.

Por meio de recursos federais, foram investidos R\$ 12,5 milhões na capacitação de servidores da segurança pública para Copa 2014. Mais de 6,5 mil agentes da Brigada Militar, Polícia Civil, SUSEPE e Instituto Geral de Perícias receberam, desde 2011, qualificação para atuar em situações com multidões, prevenção de ações terroristas, além de noções turísticas. O Policiamento Montado também recebeu uma capacitação específica, que inclui a criação de cavalos geneticamente modificados e aptos para trabalhar diante de grandes aglomerados, e policiais preparados para lidar com estes animais. O Centro de Policiamento Montado do RS recebeu PMs de todo o Brasil, que buscaram capacitação no espaço que virou referência no país.

Outros cursos visaram demonstrar a cultura gaúcha aos visitantes. O Programa RS Mais Gastronomia, da Casa Civil do Gabinete do Governador, por meio do Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec) do Ministério da Educação, realizou a Capacitação Profissional em Gastronomia Regional e Serviços. Foram ofertadas dez mil vagas em 80 municípios gaúchos entre março de 2013 a junho de 2014.

Profissionais, empreendedores e ambulantes de rua receberam noções de qualidade e atendimento ao público, bem como informações turísticas. A capacitação visava promover o Estado através de uma de suas maiores riquezas, a diversificada culinária gaúcha. O valor do investimento ultrapassou R\$ 261 mil.

O Estado também se beneficiou pelo PRONATEC Copa na Empresa, programa do Governo Federal que teve o objetivo de proporcionar aos empresários do setor a cursos de aperfeiçoamento profissional aos seus empregados e colaboradores. Os cursos foram, em geral, ministrados no próprio local de trabalho, cedido pelo empregador, na frequência e horários mais convenientes. Em um acordo de cooperação com Ministério do Turismo, o Rio Grande do Sul qualificou 3313 pessoas nos seguintes cursos: Inglês, espanhol, francês e libras; garçom, sommelier, sushiman, organizador de eventos, auxiliar de cozinha. Foram contemplados os seguintes municípios: Porto Alegre, Canoas, Novo Hamburgo, Cambará do Sul, Santana do Livramento, Jaguarão, Uruguaiana, Chuí, São Borja, Bento Gonçalves, Garibaldi, Caxias do Sul, Canela, Gramado, Nova Petrópolis e São Miguel das Missões.

Numa iniciativa do Ministério do Desenvolvimento Social, o programa de Formação Inicial Continuada (FIC), realizado em parceria com Instituto Federal do RS. Foram capacitados 10.602 alunos em cursos de Turismo, Hospitalidade e Lazer (Línguas) e Desenvolvimento Educacional e Social.

Além de investimentos estaduais e federais, a

cidade-sede da Copa do Mundo, Porto Alegre também organizou cursos específicos aos servidores municipais e empreendedores que atuaram diretamente na prestação de serviços públicos durante a Copa. A capacitação Escola Social POA e Dicas Turísticas atingiu 11.290 pessoas e teve um investimento de R\$ 939.386,96.

O planejamento e a preparação para Copa do Mundo proporcionaram sucesso e superação de desafios. Os números de visitantes, investimentos e gastos de turistas retratam a crença que orientou o trabalho desde o início: a capacidade que temos de organizar um evento que deixa um legado estrutural e econômico para todo o estado. Vemos a qualificação profissional como um dos alicerces deste sucesso, além de um eixo essencial para a divulgação do RS por meio da nossa culinária, dos nossos costumes, e de nossos atrativos turísticos. Se hoje celebramos o sucesso da Copa, temos a convicção que tal desempenho passou por cada uma dos 63.262 pessoas capacitadas no Rio Grande do Sul.





EDUCANDO PARA UM MUNDO SUSTENTÁVEL

Francisco Milanez¹

Os Jogos de Copa do Mundo de Futebol mobilizam grande quantidade de pessoas e recursos em todo o Planeta. São muitas obras de infraestrutura, prédios e preparativos em geral que exigem grandes investimentos para poucos dias de Evento. Nesse sentido, a tendência é, cada dia maior, de pensar prédios que se transformem em ganhos para a população local depois dos eventos.

Surge daí a tendência de utilização dos investimentos dos jogos para implementar exemplos de sustentabilidade nos países sede. A FIFA lança, baseada na experiência da África do Sul, o programa Gol Verde, que sugere vários cuidados que devem ser tomados para reduzir os impactos causados pela movimentação e permanência de pessoas durante o período da Copa e também pelas obras preparatórias do Evento.

O Governo do Estado do Rio Grande do Sul, através de sua Escola de Governo, usa a oportunidade da Copa verde para propor e realizar cursos sobre o tema do desenvolvimento sustentado principalmente voltados a preparar gestores públicos para desenvolverem em suas atividades profissionais projetos práticos de sustentabilidade para contribuir a construção de um estado sustentável. O foco dos cursos foi o de encorajar e aparelhar os participantes para a produção de propostas em suas áreas de atuação. Para isto foram propostas vivências trabalhando a autoimagem e a criatividade individuais e coletivas junto com bases teóricas sobre o tema.

A educação para a sustentabilidade, que pode ser chamada também de ecopedagogia, não se limita à passagem de novos conteúdos, mas está principalmente focada em provocar mudanças de

1. Professor, biólogo, arquiteto e urbanista. Coordenador do Plano RS Sustentável.

atitude, possíveis, principalmente, por meio de vivências profundas e transformadoras.

UM CONCEITO

A fim de que saibamos do que estamos falando, é necessário um conceito operacional de desenvolvimento sustentável, uma vez que existe uma disputa entre diferentes pontos de vista que levam a caminhos bem distintos.

Aqui utilizaremos a visão que inclui quatro facetas do desenvolvimento: ambientalmente sustentado, socialmente justo, economicamente viável e culturalmente respeitoso. Inicialmente, é importante frisar que a sustentabilidade do desenvolvimento refere-se à faceta ambiental e não às outras; a justiça social é difícil de definir, mas começa bem através da participação de todos; da economia que é meio e não fim, só se requer a viabilidade; o respeito à cultura é uma forma de proteger o acúmulo da experiência humana em um dado ecossistema, que tem nela o sistema de valores que nos serve de referência à realização existencial (MILANEZ, 2003).

Referenciados nesse conceito, podemos dizer que a questão da sustentabilidade de um projeto não se extingue na redução de seus impactos, muito menos no balanço de carbono de suas demandas. A sustentabilidade de um projeto está extremamente vinculada a resiliência às mudanças que ele provoca no meio ambiente permeada pela necessidade de estar em harmonia com a cultura local e suas populações. Vem daí a necessidade de práticas que,

se não estão incorporadas na cultura, possam fazê-lo como parte do processo evolutivo cultural. Ao contrário disso, a padronização cultural que tem acontecido como fruto indireto da globalização do mercado só tem contribuído para que mais pessoas no mundo estejam desorientadas e com dificuldades de encontrar referências sobre as quais possam realizar uma existência satisfatória.

OS DESAFIOS

Jamais conseguiremos uma sociedade sustentável sem mudar nossos hábitos e costumes. Poucas coisas são mais difíceis na vida que isso, pois temos que sair da nossa zona de acomodação e, mesmo saindo, temos uma grande tendência de retorno. É exatamente essa característica humana, a resistência, que faz tão difíceis as transformações, mesmo quando elas são para salvar a nossa própria vida. Isso se observa em casos de necessidade de mudança alimentar ou ligados à prática de exercícios. Semelhante grau de dificuldade envolve mudanças relacionadas à forma como exercemos o consumo, uma das bases da insustentabilidade planetária. A forma como consumimos água, luz, combustíveis, eletrodomésticos, roupas, embalagens e alimentos, e até relações humanas, é base de grande parte dos problemas que temos enfrentado em nossa sociedade. Até a forma estressada como trabalhamos está ligada a esse esbanjamento, pois somos escravos de uma sociedade que nos cobra cada vez mais trabalho para mantermos o nível de

vida e a comodidade. Isso não nos permite conviver com os filhos e faz com que tenhamos que pagar psicanalistas que eles necessitarão pela nossa ausência, por isto mais ausência. De certa forma, para termos comodidade, não temos mais descanso. Da mesma forma, ambientalmente falando, para termos uma boa vida, carro, televisão, estamos perdendo a qualidade de vida, a saúde.

Educar, no sentido aqui utilizado, é aproveitar oportunidades para gerar mudanças com a decisão crítica participativa do educando. O desafio de construir uma sociedade sustentável não se resolve com centenas ou milhares de pensantes encontrando soluções para o resto das pessoas. Ao contrário, são necessários os recém completos sete bilhões de pessoas pensando e agindo para viabilizar essa mudança. Não podemos abrir mão de ninguém. O lado bom disso é que praticamente todas as pessoas estão sentindo a necessidade dessa mudança e a estão buscando da forma que sabem. Por que digo que são necessários todos? Porque não basta conhecer as soluções, todos têm de praticá-las; não podemos praticá-las pelos outros. Além disso, a história tem mostrado que as pessoas dificilmente se envolvem na implementação de decisões das quais não participaram (MILANEZ, 1998).

Outro desafio desta educação é o de ensinar como funciona a natureza. Fazer as conexões entre as coisas para que possa ser entendida a sua interdependência. É impossível planejar qualquer coisa numa cidade sem ter noção de como funciona seu meio ambiente, as bacias hidrográficas, suas

vertentes. Para onde vão as consequências do lixo que enterramos no fundo do pátio; quais as consequências da capina química (HASS, 2006). É imprescindível nos questionarmos sobre como acumulamos metais pesados e agrotóxicos no nosso corpo e quais as consequências disso; porque estamos diante de epidemias de obesidade, depressão e deficiência de atenção. Temos que conhecer minimamente as consequências da queima de carvão para entendermos a importância de energia hídrica, eólica e solar. É essencial que se desmistifique a produção caseira de energia, de alimentos e até soluções de planejamento urbano. Só assim as pessoas perceberão que podem e devem ajudar, pois todas as mentes juntas podem encontrar soluções incríveis para problemas complexos.

Outra constatação que o estudo da ecologia tem demonstrado é que não existem verdades universais. A exemplo dos ecossistemas, as soluções têm que ser locais. São outros materiais, outras espécies, outro clima, outro relevo, outra cultura e assim por diante. Soluções sustentáveis, doa a quem doer, tendem a ser locais (MILANEZ, 1992). Por isso, elas envolvem muita gente, fazendo com que todos sejam importantes e acolhidos no processo. Uma sociedade sustentável precisa de todos, com a mesma radical importância, para reconstruir a teia que não soubemos copiar da natureza, que, por milhões de anos, soube fugir da competição e buscar a cooperação entre as espécies para construir um planeta sem lixo, nem poluição, que nós, tão rapidamente, em 10.000 anos, ou, mais

intensamente, dois séculos, soubemos destruir (CAPRA, 2002).

Nunca estivemos tão cercados de possibilidades, conhecimento e desafios. Para buscarmos obter sustentabilidade, podemos seguir as cartilhas que, em grande quantidade, sugerem métodos de medir e escolher tecnologias alternativas para tratar águas, produzir energia, aquecer, iluminar, transportar, isolar, administrar lixo, poluição aérea e tantas outras atividades que causam impacto. O mais importante, porém, é sabermos aonde queremos ir e de que dispomos para isso.

No que diz respeito ao transporte podemos testar carros e bicicletas elétricos, construir ciclovias, usar ônibus híbridos e elétricos. Criar rotas para caminhadas e mostrar que vários deslocamentos podem ser saudáveis e prazerosos se feitos dessa forma. Oferecer circuitos turísticos para pedestres com guias gratuitos (HALLIDAY, 2008).

Os estádios, por seu enorme área para captação solar, podem ser grandes laboratórios de produção de energia solar fotovoltaica e aquecimento de água solar. Poderiam ser feitas, inclusive, experiências em refrigeração solar. A energia também é fonte de campos magnéticos que podem prejudicar a saúde e por isso precisa ser bem planejada em sua disposição e circulação (BUENO, 2006).

Ainda, se o paisagismo das obras for feito com plantas nativas, além da beleza e coerência turísticas, a manutenção fica baratíssima, pois não é necessário irrigação e a manutenção é baixíssima. A flora nativa facilitaria e poderia ser estimulada a acolher animais nativos nesses jardins, o que

serviria, também, para um processo educativo para a nossa população, que, na maioria, desconhece o que é nativo ou exótico (BOFF, 1999).

Além das tecnologias modernas de iluminação, como o LED, podemos utilizar a oportunidade para mostrar, na prática, o funcionamento de iluminações alternativas de baixo custo, como janelas zenitais com difusores e até garrafas *pet* com água. É importante que arquitetos e *designers* passem a utilizar essas formas alternativas para mostrar que é possível fazer isso com bom gosto (HALLIDAY, 2008).

Seria importantíssimo, também, que fossem feitos investimentos em formas alternativas de aquecimento e resfriamento de ambientes, pois as pessoas estão buscando cada vez mais essas facilidades e consumindo quantidades incríveis de energia e dinheiro para isso. Uma edificação bem planejada pode praticamente dispensar o uso desses equipamentos e ter uma qualidade de ar e luz muito mais saudável dentro dos ambientes (KEELER, 2010).

A economia e tratamento de água podem ser ainda demonstrados através de dispositivos domésticos, como bacias com dois tipos de descargas, torneiras e chuveiros de fluxo baixo e com temporizadores, reciclagem das águas servidas para bacias sanitárias e irrigação de jardins; fazer tratamentos de água nos próprios jardins para que as pessoas vejam as possibilidades estéticas que eles oferecem (ROAF, 2006).

Os materiais empregados para a construção, tanto das edificações como de equipamentos, por sua vez, devem ser criteriosamente estudados.

Existem materiais que são “energívoros”, requerem grande quantidade de energia para serem fabricados e outros provocam muita poluição em sua mineração e fabricação, como é o caso dos metais. Também existem materiais que liberam substâncias tóxicas para o meio, como é o caso de tintas e plásticos, que liberam no ar compostos voláteis cancerígenos. As madeiras que são certificadas devem ser tratadas de forma que o tratamento não as torne tóxicas também. Além disso, tijolos devem ter origem certificada e, se forem produzidos com baixo consumo de energia, muito melhor, como no caso dos agregados por microrganismos (BUENO, 2006).

O processo que poderia ser mais rico é o de questionamento da produção de lixo, pois não basta separar e reciclar o lixo, temos que reduzir drasticamente a sua produção para pararmos de desperdiçar a natureza com embalagens que só servem para enganar o consumidor. Um trabalho feito com profundidade nesse sentido seria algo que as pessoas certamente levariam para seus locais de origem e também ficaria aqui através da experiência de nossos cidadãos. O lixo é um símbolo de nossa sociedade, que produz coisas e acaba intoxicada e empobrecida por elas.

Para um Planeta sustentável, não podemos deixar de lado a alimentação, ainda mais que nos encontramos no estado que tem a mais longa caminhada na construção de uma agroecologia para alimentar a todos os nossos cidadãos. Como as pessoas estão longe de suas casas, são obrigadas a comer em restaurantes. Se fosse oferecida uma opção natural, além de ser coerente, poderia servir

para mudar muitas vidas (FUKUOKA, 1991).

CONCLUSÃO

Embora através de um evento como a Copa do Mundo de Futebol não possamos abarcar a complexidade que é a mudança necessária para alcançarmos um desenvolvimento sustentável, trata-se de uma oportunidade importante para que se possa experimentar e conhecer várias tecnologias que podem nos auxiliar em tal tarefa. O mais importante, porém, reside na oportunidade educativa, de “ecoalfabetização”, que temos para interagir com a nossa população e questionar tantos dogmas que estão desqualificando nossas vidas (MILANEZ, 2011).

Como educadores, devemos saber que eventos como esse mexem com as pessoas e as predispõem a se colocarem de forma mais aberta a mudanças e, por isso, não podem ser desprezados por aqueles que ainda acreditam que podemos construir um Planeta viável para seres felizes viverem nele.

Os cursos ministrados sobre desenvolvimento sustentável mostraram, através da avaliação dos participantes, que se trata de uma experiência que deve ser continuada e que pode efetivamente facilitar oportunidades de mudanças pessoais e coletivas em direção ao que definimos como desenvolvimento sustentável e à recuperação qualidade de vida e saúde para todos que acompanha este desenvolvimento.

REFERÊNCIAS

AUBERT, Claude. **L'Agriculture biologique**. Paris: Le Courrier Du Livre, 1977

CAPRA, F.; CIPOLLA, M.B. **As Conexões Ocultas**; ciência para uma vida sustentável. São Paulo: Cultrix, 2002.

COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO. **Nosso Futuro Comum**. Rio de Janeiro. Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1988.

BOFF, L. **Saber cuidar: ética do humano – Compaixão pela terra**. Petrópolis: Vozes, 1999. 199p

BUENO, Mariano. **El libro práctico de La casa sana**. Barcelona: RBA, 2004.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE FUTEBOL – FIFA. Disponível em:

<<http://pt.fifa.com/worldcup/archive/southafrica2010/organisation/grengoal/objectives.htm>> Acesso em: 25 out 2011.

FÓRUM BRASILEIRO DE ONGS e Movimentos Sociais para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento. **Brasil Século XXI. Os Caminhos da Sustentabilidade Cinco Anos Depois da Rio-92**. Rio de Janeiro: Fase, 1997.

FUKUOKA, Masanobu. **The natural way of farmaing: the theory and practice of green philosophy**. Nova York: Japan Publication, 1991.

GAUZIN-MÜLLER, Dominique. **25 casas ecológicas**. Barcelona: GG, 2005.

HASS, Robert. Aprendendo a conhecer a bacia fluvial. In: STONE, M.; BARLOW, Z., orgs. **Alfabetização Ecológica**; a educação das crianças para um mundo sustentável. São Paulo: Cultrix, 2006.

KEELER, Marian; BURKE, Bill. **Fundamentos de projetos de edificações sustentáveis**. Porto Alegre: Bookman, 2010.

MILANEZ, F B. **O Golpe do Terceiro Mundo**. Porto Alegre, ECOFUND/AJE, 1992.

MILANEZ, Francisco. Desenvolvimento Sustentado. In: VIOLA, Solon A.; Ritter, P. orgs. **Cidadania e Qualidade de Vida**. Canoas. Centro Educacional La Salle de Ensino superior (CELES), 1998.

MILANEZ, Francisco. Desenvolvimento Sustentável. In: CATTANI, A. D. (Org.). **A outra economia**. Porto Alegre: Veraz Editores, 2003.

MILANEZ, Francisco. **Ecoalfabetização: manual de sobrevivência em um planeta em extinção**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011.

ROAF, Susan; FUENTES, Manuel; THOMAS, Stephanie. **Ecohouse: a casa ambientalmente sustentável**. Porto Alegre: Bookman, 2005.

HALLIDAY, Sandy. **Sustainable construction**. Oxford: Elsevier, 2008.





MARCANDO GOL, CORRENDO PARA O ABRAÇO, LEVANTANDO A TAÇA!

Stella Bittencourt¹

Terminada a Copa do Mundo 2014, é chegada a hora de avaliar o que ficou para o país, os chamados “legados”. O tema deste artigo não é o desfecho da Seleção Brasileira dentro de campo. O assunto aqui é gestão. O treinador da Seleção Brasileira, dentro de suas crenças, tentou selecionar a melhor equipe, buscando os melhores exemplares que o futebol tinha à disposição. Ofereceu um alto “salário e benefícios” e uma “bonificação”, caso conquistassem a meta de erguer a taça – a de entrar para a história do Futebol. Sabemos que há melhores momentos na nossa história do que essa escrita por essa equipe. Incompetência? Azar? Indisciplina? Falta de vontade? Talvez um misto de tudo isso tenha levado ao fiasco de não atingir a meta que estava estabelecida no planejamento.

Trazendo essa situação para o nosso mundo cotidiano diferente do “padrão FIFA”, creio que nós, gestores, passamos pela pele do Felipão todos os dias: como selecionar melhor nossa equipe? Como motivá-los e fazê-los acreditar que não trabalham para nós, mas pela CAUSA sobre a qual nossa organização se debruça e alimenta esperanças diariamente de soluções que, muitas vezes, são demoradas e doloridas? Sabemos que lidar com nossos colaboradores ao estilo Felipão – xingando, sendo austeros, compulsivos e contundentes – não dá certo. Sendo bonzinhos ao extremo e não dando real valor aos talentos individuais, tampouco funciona. Planejamento prévio, precisão, técnica, espírito coletivo e um pouco de humildade, somados à vontade de vencer, instaurada no coração (e nas pernas) de cada gestor (jogador) há a possibilidade

1. Stella Gomes Bittencourt é psicóloga pela Universidade Santa Úrsula. Possui MBA Executivo em Gestão por Processos. Qualificada pelo Project Management Institute (PMI) - USA. Atua como docente nos cursos de Elaboração de Projetos Sociais e Siconv da Rede Escola de Governo desde 2011, tendo capacitado mais de 1000 servidores públicos e agentes sociais no período entre 2011 e 2014. É coautora do livro "Um Viés Biocêntrico na Elaboração de Projetos, Desafios e Profissionalização do Terceiro Setor".

do êxito.

Cabe aos gestores, levar esse exemplo para as mesas de reuniões com as equipes e planejar as ações, armar táticas e, conseqüentemente, “fazer gols e trazer a taça”. Às vezes, no nosso dia a dia, tomamos goleadas, mas é importante lembrarmos sempre das várias vezes que “erguemos a taça”, recordando o que fizemos de certo e de errado com a equipe naquelas conquistas.

Para contar do legado que deixa o Curso de Elaboração de Projetos Sociais e Siconv, levando em conta o megaevento Copa do Mundo, me permitam contextualizá-lo como uma das muitas iniciativas da Rede Escola de Governo (REG), instituída em agosto de 2011, da qual a parceira Universidade Feevale integrava como executora de algumas ações por reconhecida capacidade técnica de execução.

A Fundação para o Desenvolvimento de Recursos Humanos – FDRH elaborou o projeto “Escola da Copa: Formação de Gestores Públicos e Agentes Sociais”, focalizando sua função de qualificar o processo de administração e gestão do Estado, visando melhorar o atendimento à sociedade por meio da qualificação e ações de capacitação do servidor público, de maneira a valorizá-lo na execução das suas atribuições estabelecendo parcerias com universidades.

O projeto proposto consistia na criação de um programa de formação de gestores públicos e agentes sociais vinculados às áreas envolvidas com a COPA 2014, a ser realizada no Brasil, entre os meses de junho e julho daquele ano, evento para o qual todo o país estava mobilizado, particularmente o

estado do Rio Grande do Sul por ter sua capital como uma das doze cidades sedes do evento. Neste contexto o programa desenvolveu cursos de formação entre 20 (vinte) e 60 (sessenta) horas tratando da atuação em eventos de grande porte, com atenção no planejamento e gerenciamento de diferentes projetos. Foram realizados também, seminários de alinhamento, acompanhamento e avaliação, encontros e palestras com a comunidade, utilizando recursos de TI para monitoramento e registro dos projetos desenvolvidos.

O programa contribuiu para que os gestores públicos e sociais, no exercício de suas funções, estejam hoje preparados para saber orientar e tomar decisões, junto com a comunidade, sobre projetos e ações relacionadas a eventos a serem realizados em suas localidades, tendo em conta suas vocações específicas e as exigências a serem contempladas, multiplicando esses conhecimentos entre seus pares e nas suas comunidades, sabendo o que fazer e como fazer frente às oportunidades e às imponderações que a realização de eventos oferece, na medida em que se apropriaram de conhecimentos práticos sobre sua composição. Propôs uma metodologia que gerava o desenvolvimento de competências entendidos como conhecimentos práticos, habilidades e atitudes, visando compreender que os eventos, em geral, são excelentes instrumentos que servem para mobilizar, articular e integrar comunidades e setores sociais em torno de motivos transversais tais como; vocações econômicas, socioambientais e culturais. Deixando legado pedagógico, potencializando seus efeitos,

permitindo a multiplicação dessa qualificação para demais órgãos e secretarias municipais, com melhoria na gestão de forma geral e em especial na gestão de projetos.

Adquirir conhecimentos práticos sobre eventos em geral estimulou e inspirou os gestores a planejar com mais qualidade e competência os acontecimentos programados nas comunidades gaúchas, os já consagrados ou não.

O desenvolvimento de um projeto dessa envergadura exigia o envolvimento de profissionais qualificados e com competências multidisciplinares, bem como a estrutura física e tecnológica que permitisse o desenvolvimento das inúmeras ações.

Afora a dinamização da economia, os eventos: Copa das Confederações, Copa do Mundo de Futebol FIFA (2014), e as Olimpíadas (2016), ampliam a visibilidade nacional e internacional do estado e dos municípios gaúchos, pois o mundo todo olha e escuta atentamente a informações, divulgação e promoção da riqueza cultural e natural, dos encantos turísticos e dos produtos econômicos das localidades onde este acontece. Portanto, eventos de grande porte precisam ser compreendidos no contexto das políticas, das estratégias e das ações do País e do estado do Rio Grande do Sul para atender aos requisitos impostos na sua execução e buscar se beneficiar das oportunidades que oferece. Nesse sentido tal programa foi pensado para incluir ações que produziram efeitos para além do espaço e do tempo da Copa 2014, isto é, que beneficiou a população brasileira e gaúcha permanentemente, na medida em

que construiu um legado ao país e ao Estado em termos de infraestrutura, de tecnologia e de capital humano, com a participação de profissionais capacitados.

Considerando que evento é um acontecimento planejado em torno de um motivo (esporte, produto, ideia, pessoa) que atrai muitos visitantes e as coloca em interação com a comunidade receptora, promove o município, dinamiza a economia local, articula atores políticos, sociais e econômicos, integra social e culturalmente a comunidade entre si e com os visitantes e os sensibiliza para questões ambientais, já que a presença massiva de pessoas não residentes impacta fortemente no ambiente natural e social. Essas características não podem ser ignoradas no planejamento, na organização e na gestão do acontecimento. Portanto, é preciso que os eventos sejam planejados, organizados e geridos levando em conta que todos os atores envolvidos possam contribuir, participativamente, para satisfazerem seus interesses e os interesses gerais da comunidade.

Visando assessorar o Estado e os municípios gaúchos no gerenciamento de seus projetos, o objetivo mais abrangente do programa foi o de oferecer a elaboração e a execução de um programa de ações formativas de gestores públicos e agentes sociais, tomando como referência a Copa do Mundo de Futebol FIFA de 2014, constituindo redes e garantindo a participação e a transversalidade das diferentes ações envolvidas.

Um dos processos de Formação deste Programa de Gestores 2014 da REG foi à realização de cursos,

que em seu conteúdo programático dedicava tempo a uma oficina, para Elaboração de Projetos Sociais e SICONV.

Inicialmente foi realizado um curso de 60 (sessenta) horas/aula para doze turmas das secretarias e órgãos do estado com a participação da equipe da FDRH-RS, tendo em vista que o corpo técnico qualificado e instrumentalizado oferece melhor assessoramento. O curso tratou do âmbito relacionado a instrumentos de gestão pública para o ofício de gestão de projetos, apresentando e capacitando os gestores no uso do Portal dos Convênios do Governo Federal, o SICONV, um novo paradigma nas transferências voluntárias da União.

Em seguida, foram ministrados 06 (seis) cursos compactos, de 24 (vinte e quatro) horas/aula, com conteúdo semelhante, direcionados aos servidores das secretarias municipais e estaduais. Esses cursos foram regionalizados no Estado do Rio Grande do Sul, assegurando rotatividade entre as cidades de regiões definidas.

Os objetivos específicos eram: fornecer subsídios para incentivar a reflexão sobre a função do Estado nas políticas sociais e seus desafios, contagiar o público prioritário atendido pela rede sobre a captação de recursos a partir da elaboração de projetos sociais, tendo em vista a Copa do Mundo FIFA 2014, apresentar ferramentas de gestão que contribuíssem na construção de indicadores sociais relacionados aos projetos redigidos e apresentados aos órgãos financiadores, debater os principais conceitos relacionados a projetos sociais com ênfase em uma adequada redação, oferecer um ambiente

idêntico às dinâmicas de formação de equipes multidisciplinares para a elaboração de Projetos Sociais e analisar a origem dos recursos no Brasil, conhecer os tipos de transferências de recursos pelos órgãos federais, apresentar a ferramenta para que os usuários tivessem segurança ao acessarem o Portal de Convênios, apresentar soluções para as possíveis falhas da ferramenta, Interpretar artigos da Portaria Interministerial 507/2011.

O conteúdo programático do Curso de Elaboração de Projetos Sociais e Siconv relativo às horas ministradas que tratava da elaboração de projetos contemplaram quatro pontos, a saber: Conceitos gerais de Projetos Sociais, Aspectos teóricos de Projetos Sociais, Marco Lógico e Redação de Projetos Sociais. Foram propostas duas atividades não presenciais. A primeira foi a de assistir ao filme Quanto Vale ou é Por Quilo, do diretor Sérgio Bianchi (Brasil, 2005) e redigir um texto elaborado pelo grupo, discorrendo sobre seu tema central, destacando pontos de correlação com o curso. Esta atividade visava criar um ambiente de troca de ideias relativas a questões sociopolíticas a serem consideradas quando da elaboração de um projeto social com base na reflexão crítica as ações que envolvem os projetos sociais, em seus infinitos aspectos e a relação entre Estado e Sociedade Civil. A segunda atividade versava sobre os 10 (dez) eixos temáticos que aportavam ações para a Copa 2014, que eram: Mobilidade Urbana, Energia, Telecomunicações, Segurança, Recursos Humanos, Estrutura portuária e aeroportuária, Saneamento, Hotelaria e turismo, Estádios e Estruturas de Apoio e

Financiamento. Temas esses contemplados com recursos federais sob a forma de programas dentro do Portal de Convênios. Cada grupo formado escolhia um eixo e pesquisava informações como: previsões orçamentárias, levando em consideração obras e serviços; que montante de recursos já estava disponível e quais projetos se encontram em andamento no Estado, por tópico eleito. A finalidade das atividades era a de estimular a pesquisa em parceria, por meio dos grupos organizados para a redação dos projetos, criando um espaço de discussão entre os mesmos, externo ao ambiente de sala de aula.

O curso atendeu a gestores das secretarias e órgãos públicos estaduais e municipais e gestores de entidades da sociedade civil dos municípios envolvidos com a Copa no Estado. O acompanhamento das ações ocorreu em todas as fases de realização das turmas. A avaliação foi realizada mediante uma metodologia participativa, processual e permanente.

A realização da formação dos gestores de órgãos públicos e da sociedade civil desenvolveu resultados imediatos atingindo os objetivos de aperfeiçoamento e qualificação de serviços ligados à gestão pública provocando mudanças permanentes que ultrapassaram o período da Copa. Os resultados permanentes marcaram de forma significativa os municípios contemplados com o curso, pois com a qualificação dos gestores houve a possibilidade de ampliação das ações para o aproveitamento de oportunidades.

Dentre alguns resultados da execução dos cursos

de capacitação de gestores para captar recursos da união através do Sistema de Convênios, destaco a apropriação de ferramentas e multiplicação da metodologia desenvolvida para melhoria da gestão com ênfase no planejamento, no gerenciamento dos projetos e na capacidade de avaliação e retorno. Mudança de postura referente às novas relações sociais e seus impactos e uma maior motivação dos gestores, pois o planejamento e a execução das ações aperfeiçoavam os efeitos do evento Copa do Mundo.

O ponto de partida para o desenvolvimento do programa foi o planejamento detalhado das ações que acontecerão ao longo de todo o período, até sua conclusão com apresentação dos resultados. Além disso, se fazia necessário a total transparência entre os atores. Neste sentido, a equipe gestora, juntamente com alguns atores envolvidos diretamente no projeto, elaborou documento contendo o detalhamento de todas as ações, com cronograma, metas, entre outros. No processo desta construção muito se aprendeu.

Para que o Curso de Elaboração de Projetos Sociais e Siconv alcançasse seus objetivos, foi necessário um minucioso trabalho de identificação dos atores, ou seja, todos aqueles que estariam direta ou indiretamente ligados ou beneficiados com a Copa. Sendo o conceito de atores amplo, não se restringindo àqueles que estariam realizando as atividades. A identificação dos atores fez-se necessária, pois era de fundamental importância na mobilização e direcionamento das ações. O resultado desse estudo forneceu subsídios para a

elaboração de módulo nos cursos de elaboração de projeto, que deu atenção especial aos impactos gerados pelo evento.

O estudo realizado potencializou os efeitos positivos e o legado da Copa. Em cada uma das regiões ou municípios abrangidos pelas ações houve oportunidades, sendo que estas apresentaram características diversas, em função das próprias características geográficas, socioeconômicas e culturais de cada região ou município. Contudo, foi necessário que os municípios tivessem ações para que essas oportunidades não fossem desperdiçadas.

Ao oferecer o Curso aos gestores e agentes sociais, criavam-se as condições para que as ações definidas pelos mesmos fossem executadas e para que as oportunidades fossem aproveitadas da melhor forma. Além disso, o efeito pedagógico ajudou aos municípios a criarem e aproveitarem novas oportunidades, ampliando assim os efeitos das ações aprendidas nas horas investidas em sala de aula.

Foi realizado um seminário de avaliação e apresentação dos resultados com os participantes do projeto encerramento as atividades do programa, em dezembro de 2013.

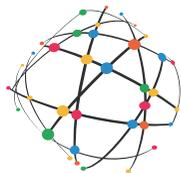
Na conclusão do Programa Gestores 2014 foram apresentados relatórios com resultados, avaliação e análise de todas as ações com destaque especial ao Curso de Elaboração de Projetos Sociais e Siconv que devido a sua relevância para os municípios ganhou força para uma nova edição.

O sucesso alcançado gerou novas ações de capacitação através de atividade integrante do

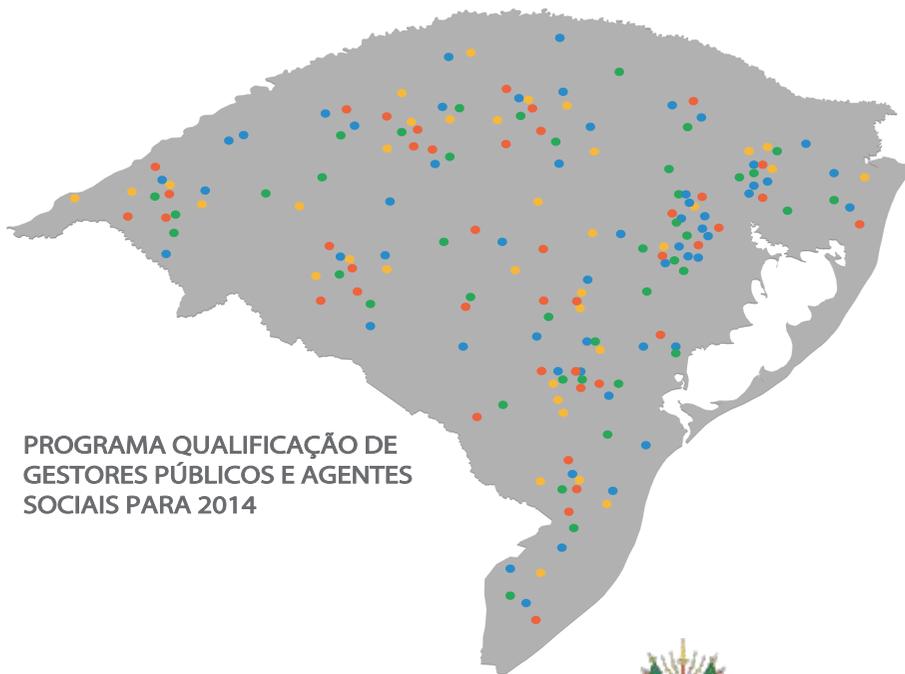
Programa Democracia e Aperfeiçoamento da Gestão Pública Convenio 792189/2013, firmado entre a Fundação para os Recursos Humanos e o Ministério Público de Orçamento e Gestão realizados pela Rede Escola de Governo, por meio da Fundação para o Desenvolvimento dos Recursos Humanos e a Universidade Feevale. Foi captado através do Portal de Convênios o total de R\$ 770.000,00 (setecentos e setenta mil reais) sendo R\$ 70.000,00 (setenta mil reais) de contrapartida do Governo do Estado para a execução de um curso com 60 (sessenta) horas/aula, com realização de 21 turmas contemplando 800 participantes ao longo do ano de 2014.

O efeito pedagógico ajudou os municípios a criarem e aproveitarem novas oportunidades, ampliando assim os efeitos das ações desenvolvidas neste curso tendo em vista que em 2011 quando a REG foi constituída o Estado do Rio Grande do Sul tinha uma captação de recurso federal inexpressiva. Quando da assinatura do convênio mencionado anteriormente, depois da realização do Programa de Gestores 2014, já ocupava a segunda posição entre os 27 (vinte e sete) Estados da Federação em execução de convênios pelo Siconv. Fruto de uma construção coletiva, comprometida com resultados, contando com a participação de profissionais competentes e engajados na construção de uma gestão pública participativa.





**Rede Escola
de Governo**



**PROGRAMA QUALIFICAÇÃO DE
GESTORES PÚBLICOS E AGENTES
SOCIAIS PARA 2014**



**Rede Escola
de Governo**



WWW.GESTORES2014.ORG.BR

**PROGRAMA DE QUALIFICAÇÃO DOS
GESTORES PÚBLICOS PARA A COPA DO
MUNDO 2014**



O PROGRAMA DE QUALIFICAÇÃO DOS GESTORES PÚBLICOS PARA A COPA DO MUNDO 2014, desenvolvido pela Rede Escola de Governo da Fundação para o Desenvolvimento de Recursos Humanos (FDRH) em parceria com a Universidade Feevale viabilizou ações que qualificaram o processo de administração e gestão de políticas públicas, para melhorar o atendimento às demandas da sociedade por meio da formação dos servidores público e agentes sociais.

O projeto consistiu na criação de um programa de formação de gestores públicos, de agentes da sociedade civil e de executores vinculados à COPA 2014, para atuarem em eventos de grande porte, com atenção no planejamento e gerenciamento de projetos diversificados. Essa iniciativa está diretamente associada à **Copa do Mundo de Futebol da FIFA**, que será realizada no Brasil de 12 de junho a 13 de julho de 2014.

O programa trabalhou com uma metodologia que promoveu o desenvolvimento de competências (conhecimentos práticos, habilidades e atitudes) para compreender que os eventos, em geral, são instrumentos para **mobilizar, articular e integrar** comunidades e setores sociais em torno de motivos transversais (vocações econômicas, socioambientais e culturais). A ideia é divulgar e promover produtos, conceitos, marcas, cidades e valores.

O programa atendeu gestores das secretarias e órgãos públicos estaduais e municipais e pessoas ligadas a entidades da sociedade civil tanto dos municípios envolvidos com a Copa no Estado quanto do municípios candidatos a campo base.

Tais projetos incluíram ações que produziram efeitos para além do espaço e do tempo da Copa 2014, beneficiando a população brasileira e gaúcha de forma permanente, na medida em que visaram a construção de um legado de infraestrutura, tecnologia e formação.

Ao todo, foram realizadas 12 temáticas, em 27 cidades, que contou com participantes de 168 municípios do Rio Grande do Sul, envolvendo 2.910 alunos. Vamos conhecê-las.

1 ELABORAÇÃO DE PROJETOS SOCIAIS E SICONV (versão compacta e completa)

O curso tratou de instrumentos de gestão pública para a elaboração de projetos e de gestão de projetos. Apresentou e capacitou os gestores no uso do Portal dos Convênios do Governo Federal, o SICONV.

Locais de realização do curso: Porto Alegre, Canoas, Garibaldi, São Miguel das Missões, Canguçu, Taquari, Carazinho, Lajeado, Santa Maria, Bento Gonçalves, Erechim, Triunfo e Novo Hamburgo.

Fotos dos cursos de Elaboração de Projetos Sociais e SICONV – 60 horas



Fotos dos cursos compactos de Elaboração de
Projetos Sociais e SICONV – 24 horas



Fotos dos cursos compactos de Elaboração de Projetos Sociais e SICONV – 40 horas



2 GESTÃO DE PROJETOS SOCIAIS PARA A CULTURA

Ofereceu ferramentas conceituais e operacionais para que servidores públicos e agentes sociais possam a partir do processo de formação, elaborar projetos sociais para a cultura e captar recursos pelas transferências voluntárias, pela Lei de Incentivo a Cultura, pela Lei Rouanet, e pelo Pro-cultura, e através do Portal de Convênios – SICONV.

Local de realização do curso: Santana do Livramento.



Fotos do curso de Elaboração e Gestão de Projetos Sociais para a Cultura

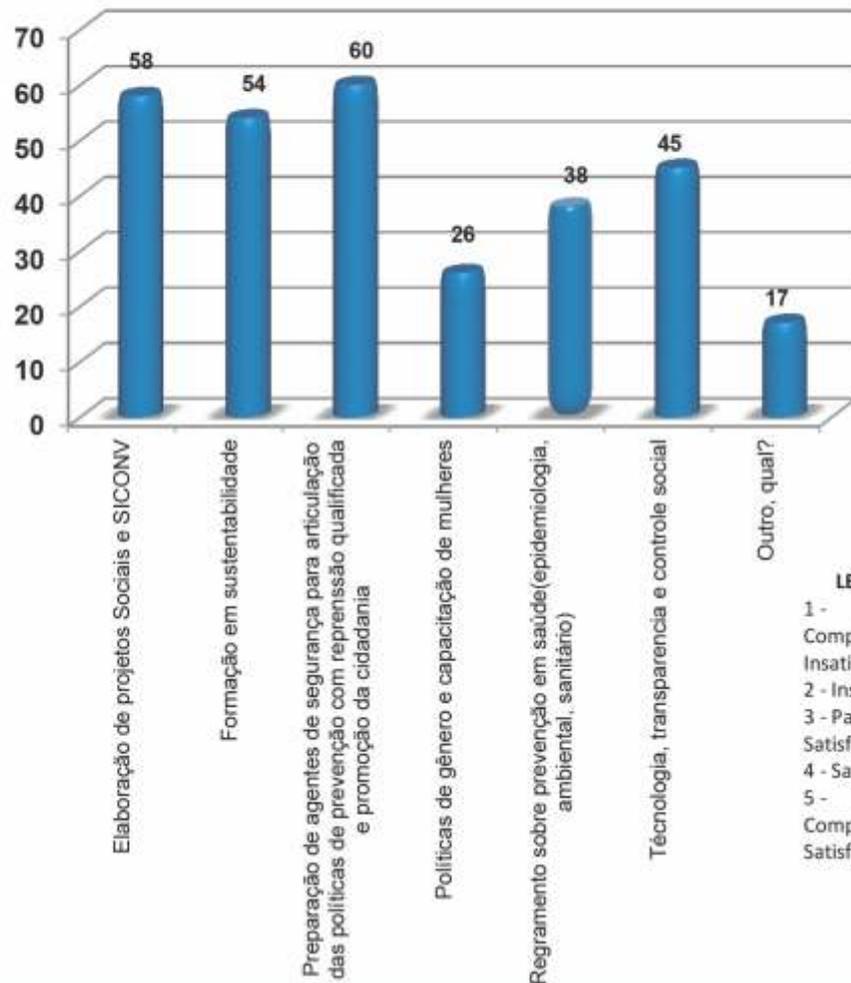
3 MEDIAÇÃO DE CONFLITOS E GERENCIAMENTO DE CRISES

A partir da demanda advinda das pesquisas realizadas durante os Seminários de Mapeamento de Oportunidades, esse curso foi oferecido em 2 edições. A primeira já estava programada. A segunda foi oferecida justamente para atender a demanda do público.

A ação aperfeiçoou o conhecimento dos agentes das instituições que compõem o sistema da Segurança Pública e órgãos afins nas áreas de Segurança e Turismo e Mediação de Conflitos e Gerenciamento de Crise.

Locais de realização dos cursos: Pelotas, Porto Alegre, Capão da Canoa, Caxias do Sul, Passo Fundo, Santana do Livramento e Bagé.

4) Na sua opinião, qual formação é prioridade para Gestores Públicos da região?



LEGENDA

- 1 - Completamente Insatisfeito
- 2 - Insatisfeito
- 3 - Parcialmente Satisfeito
- 4 - Satisfeito
- 5 - Completamente Satisfeito

Fotos dos cursos de Mediação de Conflitos e Gerenciamento de Crise



4 MITOS E VERDADES SOBRE O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL: COPA VERDE

Promoveu ações envolvendo a comunidade na elaboração de projetos complementares voltados a modelos produtivos para a melhoria da qualidade de vida, ao estímulo do uso equilibrado dos recursos naturais, do consumo de alimentos saudáveis, da valorização da história e da cultura, a promoção e valorização da economia local.

Locais de realização dos cursos: Porto Alegre, Cachoeirinha, Canoas, Bento Gonçalves, Novo Hamburgo, Arroio do Sal e São Lourenço do Sul.

Fotos dos cursos de Mitos e Verdades sobre o Desenvolvimento Sustentável: Teoria e Prática



5 POLÍTICAS DE GÊNERO E CAPACITAÇÃO DE MULHERES

Aproximou os conceitos básicos das políticas de gênero bem como oportunizou vivências que desafiaram os participantes a elaborar um projeto de âmbito local propondo ações que visem mudanças individuais e coletivas. O destaque foi para a importância do trabalho feminino e sua contribuição no desenvolvimento municipal e regional.

Locais de realização dos cursos: Sapiranga, Torres e Esteio.



Fotos dos cursos de Políticas de Gênero e Capacitação de Mulheres

6 MEDIAÇÃO DE CONFLITOS E GERENCIAMENTO DE CRISE (modalidade a distância)

Aperfeiçoou o conhecimento dos agentes das instituições que fazem parte do sistema da Segurança Pública e órgãos afins nas áreas de Mediação de Conflitos e Gerenciamento de Crise.

O curso ocorreu na modalidade de ensino à distância, através de um ambiente virtual de aprendizagem, criado pela Universidade Feevale.

7 ARTICULAÇÃO REGIONAL E RECEPÇÃO DE GRANDES EVENTOS (modalidade a distância)

Ofereceu formação aos profissionais envolvidos na organização, recepção e avaliação de grandes eventos.

O curso ocorreu na modalidade de ensino a distância, através de um ambiente virtual de aprendizagem, criado pela Universidade Feevale.



Fotos do lançamentos dos cursos online



8 SEMINÁRIOS REGIONAIS DE MAPEAMENTO DE OPORTUNIDADES DOS MEGAEVENTOS NOS MUNICÍPIOS

Mapeou as oportunidades e os desafios trazidos pelos megaeventos, com enfoque especial para a Copa do Mundo de 2014. Os Seminários também foram momentos que permitiram aos participantes a socialização de suas experiências e, com isso, potencializaram os efeitos das ações previstas para o recebimento dos eventos em cada uma das regiões.

Locais de realização dos Seminários: Bento Gonçalves, Osório, Santo Ângelo, Bagé, Pelotas e Novo Hamburgo.

Fotos dos Seminários Regionais de Mapeamentos de Oportunidades



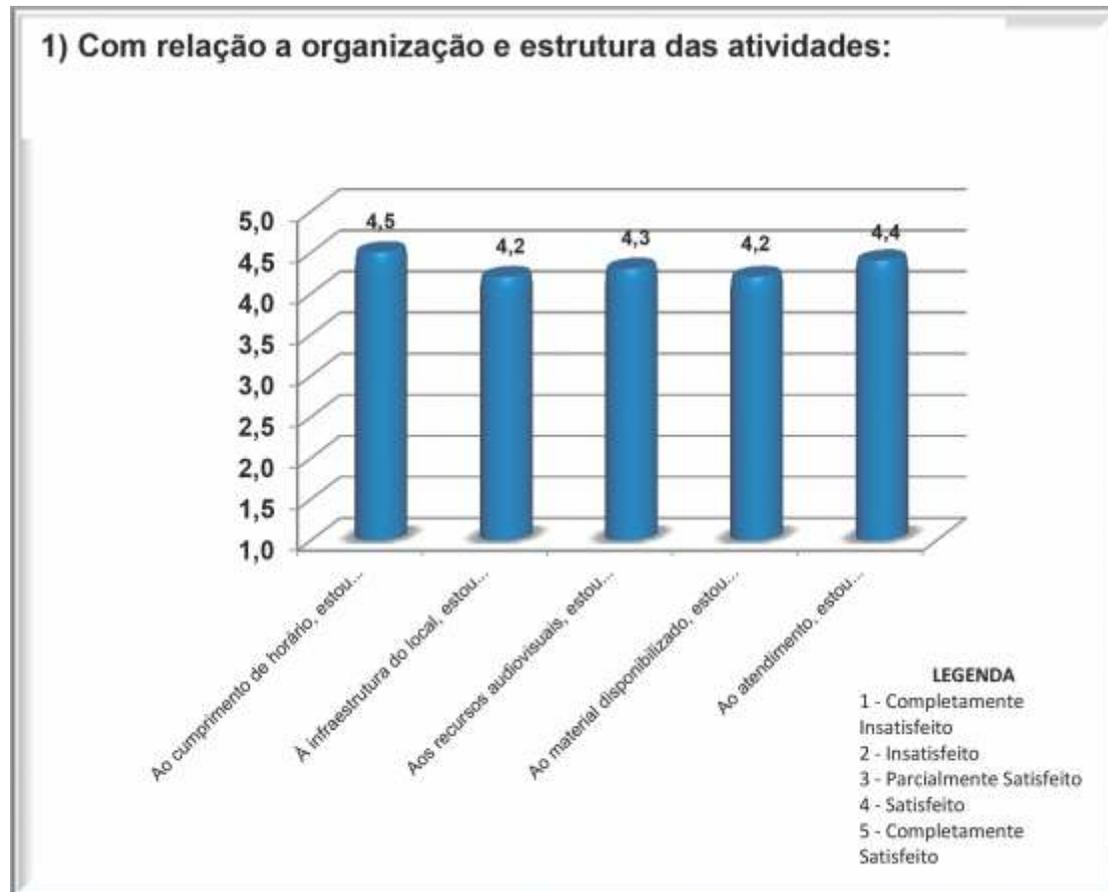
Quadro resumo das ações realizadas

| Curso | Número de alunos | Período de realização |
|--|------------------|---|
| ELABORAÇÃO DE PROJETOS SOCIAIS E SICONV – 24 horas | 101 | Agosto a outubro de 2012 |
| ELABORAÇÃO DE PROJETOS SOCIAIS E SICONV – 40 horas | 247 | Fevereiro de 2013 a abril de 2014 |
| ELABORAÇÃO DE PROJETOS SOCIAIS E SICONV – 60 horas | 631 | Janeiro a dezembro de 2012 |
| GESTÃO DE PROJETOS SOCIAIS PARA A CULTURA | 30 | Novembro a dezembro de 2013 |
| MEDIAÇÃO DE CONFLITOS E GERENCIAMENTO DE CRISES | 261 | Dezembro de 2011 a maio de 2012 |
| MEDIAÇÃO DE CONFLITOS E GERENCIAMENTO DE CRISES - sob demanda | 60 | Novembro de 2012 |
| MITOS E VERDADES SOBRE O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL: COPA VERDE – 56 horas | 29 | Abril de 2012 |
| MITOS E VERDADES SOBRE O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL: COPA VERDE – 24 horas | 153 | Junho de 2012 a julho de 2013 |
| POLÍTICAS DE GÊNERO E CAPACITAÇÃO DE MULHERES | 100 | Setembro de 2012 e março e maio de 2013. |
| MEDIAÇÃO DE CONFLITOS E GERENCIAMENTO DE CRISE (curso a distância) | 445 | 30 de novembro de 2012 a 27 de fevereiro de 2013 |
| ARTICULAÇÃO REGIONAL E RECEPÇÃO DE GRANDES EVENTOS (curso a distância) | 376 | 23 de novembro de 2012 a 23 de fevereiro de 2013. |
| SEMINÁRIOS REGIONAIS DE MAPEAMENTO DE OPORTUNIDADES DOS MEGAEVENTOS NOS MUNICÍPIOS | 477 | 21 de março de 2012 até 13 de agosto de 2012. |
| Total | 2910 | |

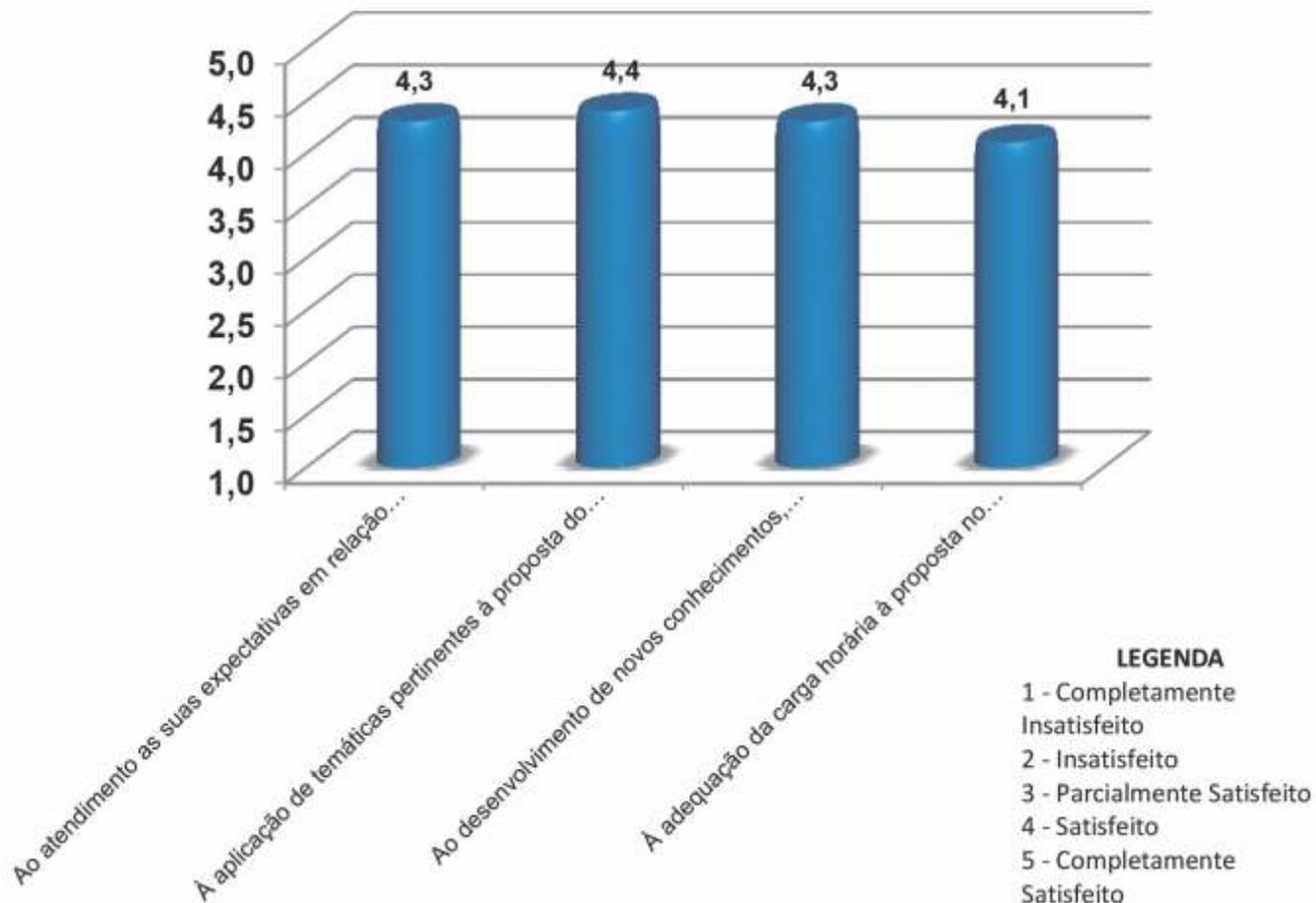
9 MÉDIA DAS AVALIAÇÕES CURSOS E SEMINÁRIOS

Em todos os cursos e seminários, os participantes responderam a um questionário que teve por objetivo avaliar a satisfação dos participantes em relação ao curso, às dinâmicas apresentadas e aos conteúdos. Foi utilizada uma escala de 0 (zero) a 5 (cinco), onde 0 representava *totalmente insatisfeito* e 5 *totalmente satisfeito*, conforme os gráficos apresentados abaixo:

MÉDIA DAS AVALIAÇÕES CURSOS

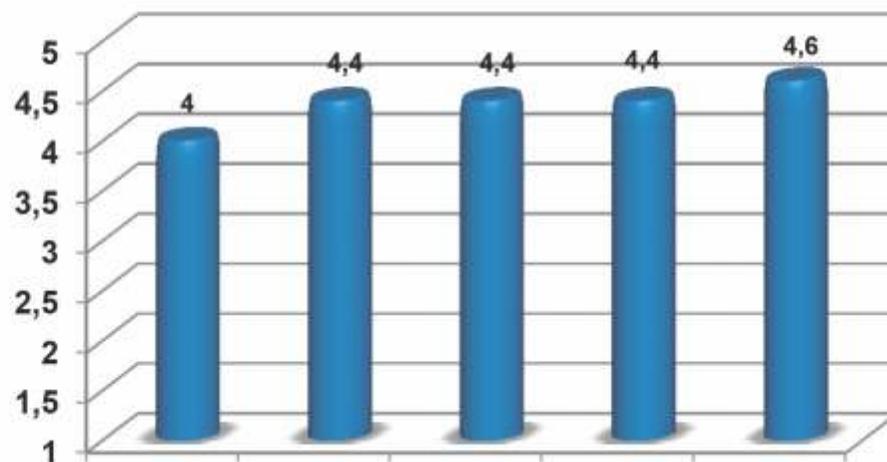


2) Com relação à realização da atividade:



MÉDIA DAS AVALIAÇÕES SEMINÁRIOS

1) Com relação à adequada organização e estrutura da atividade:

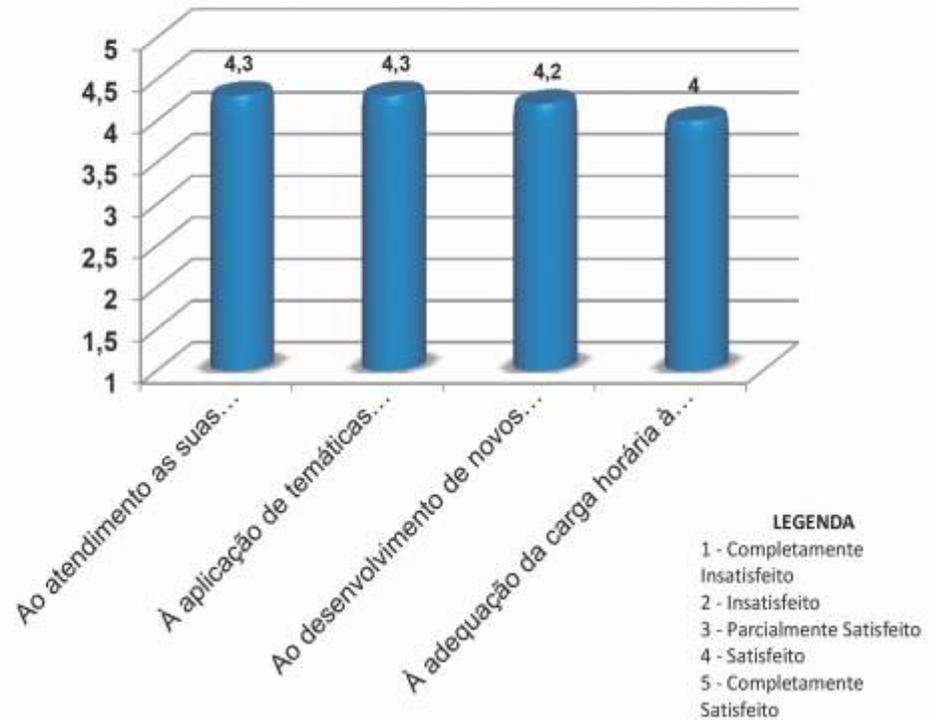


Ao cumprimento de horário, estou...
A infraestrutura do local, estou...
Aos recursos audiovisuais, estou...
Ao material disponibilizado, estou...
Ao atendimento, estou...

LEGENDA

- 1 - Completamente Insatisfeito
- 2 - Insatisfeito
- 3 - Parcialmente Satisfeito
- 4 - Satisfeito
- 5 - Completamente Satisfeito

2) Com relação à realização da atividade:



10 AO FINAL DE TUDO ISSO...

O PROGRAMA DE QUALIFICAÇÃO DOS GESTORES PÚBLICOS PARA A COPA DO MUNDO 2014, resultado da parceria entre FDRH e a Universidade Feevale, destaca-se que os cursos e seminários atingiram 168 municípios do Estado do Rio Grande do Sul. Isto propiciou a dinamização da economia, através de oportunidades para ampliar a visibilidade nacional e internacional do estado e dos municípios gaúchos, em que o mundo todo estará com o olhar a informações, divulgação e das localidades que acolherão o megaevento.

Certamente estamos preparados para receber turistas e delegações de Argentina, Holanda, França, Nigéria, Honduras, Austrália, Coreia do Sul, Argélia, além de outras nacionalidades que por ventura vierem ao nosso estado. O Programa QUALIFICAÇÃO DOS GESTORES PÚBLICOS PARA A COPA DO MUNDO 2014 fomentou a formação da gestão pública e da sociedade civil que interessou-se por essa grande oportunidade.

Que venha a Copa, estamos esperando!

Texto: Prof. Dr. Gustavo Roese Sanfelice



APÊNDICE



A HISTÓRIA DE TODAS AS COPAS

Organização:
Gustavo Roes Sanfelice

URUGUAI 1930



Campeão: Uruguai

Vice-campeão: Argentina

Terceiro: EUA

Quarto: Iugoslávia

Jogos: 18

Gols: 70

Média de gols: 3,89

Público: 434.500

Média de público: 24.139

Cidades/Estádios: Montevideu (Centenário, Pocitos e Central Park)

Data (início/final): 13/07 a 30/07

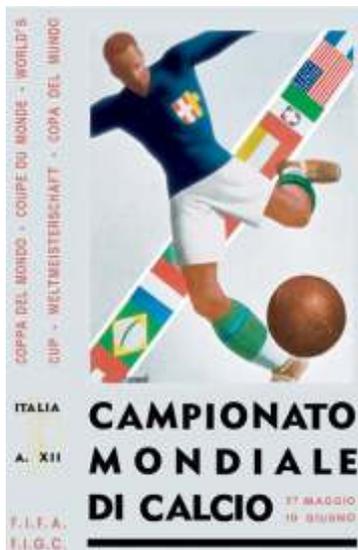
Países participantes (13) Argentina, Bélgica, Bolívia, Brasil, Chile, Estados Unidos, França, México, Iugoslávia, Paraguai, Peru, Romênia, Uruguai.

Jogo final: Uruguai 4 x 2 Argentina

Chuteira de Ouro: Guillermo Stábile (Argentina) 8 gols

O ano em que o Uruguai comemorava o centenário da sua independência realizou-se o sonho do presidente da FIFA, Jules Rimet, com a primeira Copa do Mundo da FIFA. O Brasil foi eliminado já na primeira fase.

ITÁLIA 1934



Campeão: Itália
Vice-campeão: Tchecoslováquia
Terceiro: Alemanha
Quarto: Áustria
Jogos: 17
Gols: 70

Média de gols: 4,12

Público: 395.080

Média de público: 23.235

Cidades e estádios: Bolonha (Littoriale), Florença (Giovanni Berta), Gênova (Luigi Ferraris), Milão (San Siro), Roma (Olímpico), Turim (Mussolini), Nápoles (Ascarelli) e Trieste (Littorio).

Data (início/final): 27/05 a 10/06

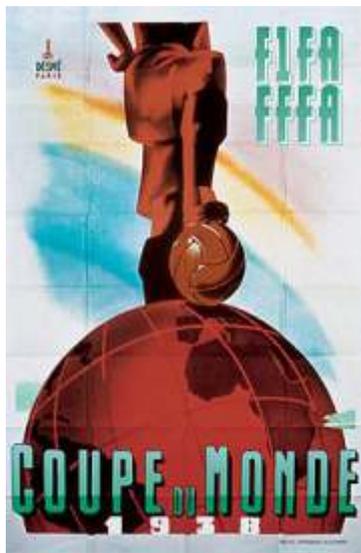
Países participantes (16): Argentina, Alemanha, Áustria, Bélgica, Brasil, Egito, Espanha, Estados Unidos, França, Holanda, Hungria, Itália, Romênia, Suécia, Suíça e Tchecoslováquia.

Jogo Final: Itália 2 x 1 Tchecoslováquia

Chuteira de Ouro: Oldrich Nejedly (Tchecoslováquia) Angelo Schiavio (Itália), Edmund Conen (Alemanha) – 4 gols

O Uruguai não foi à Itália (1934) para defender o título mundial conquistado em 1930 e tornou-se o primeiro e único país a não defender o seu título. Logo, a Itália encantou os seus fervorosos torcedores ao vencer de virada a Tchecoslováquia e conquistar a primeira Copa do Mundo da FIFA em solo europeu. O Brasil, como em 1930, fora eliminado ainda na primeira fase pela Espanha.

FRANÇA 1938



Campeão: Itália

Vice-campeão: Hungria

Terceiro: Brasil

Quarto: Suécia

Jogos: 18

Gols: 84

Média de gols: 4,67

Público: 483.000

Média de público: 26.833

Cidades/Estádios: Paris (Parc de Princes e Stade Colombes), Toulouse (Stade Chapou), Le Havre (Stade de la Cavée Verte), Reims (Stade Velodrome Municipal), Strasbourg (Stade de la Meinau), Marseille (Stade du Fort Carré), Bordeaux (Parc de Lescure) e Lille (Stade Victor Boucquey).

Data (início/final): 04/06 a 19/06

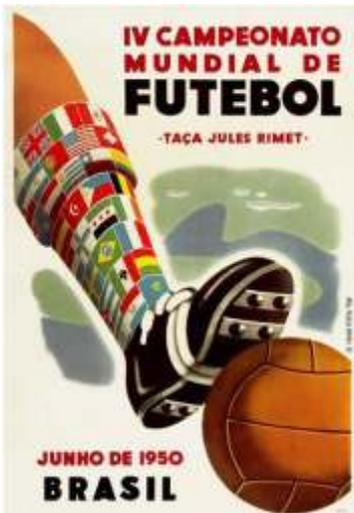
Países participantes (15): Alemanha, Bélgica, Brasil, Cuba, França, Holanda, Hungria, Índias Holandesas, Itália, Noruega, Polônia, Romênia, Suécia, Suíça e Tchecoslováquia. Obs.: A Áustria tinha a vaga, mas não disputou o Mundial por ter sido anexada pela Alemanha.

Jogo final: Itália 4 x 2 Hungria

Chuteira de Ouro: Leônidas da Silva (Brasil)– 8 gols

O treinador italiano fez história ao conquistar o segundo título mundial consecutivo com uma seleção quase totalmente modificada, tendo superado o Brasil na semifinal. Houve uma pausa nas Copas em função da Segunda Guerra Mundial, que havia esfacelado politicamente e estruturalmente a Europa.

BRASIL 1950



Campeão: Uruguai

Vice-campeão: Brasil

Terceiro: Suécia

Quarto: Espanha

Jogos: 22

Gols: 88

Média de gols: 4

Público: 1.337.000

Média de público: 60.773

Cidades/Estádios: Rio de Janeiro (Maracanã), Belo Horizonte (Independência), São Paulo (Pacaembu), Porto Alegre (Eucaliptos), Curitiba (Durival Brito e Ferroviário) e Recife (Ilha do Retiro).

Data (início/final): 24/06 a 16/07

Países participantes (13) Bolívia, Brasil, Chile, Espanha, Estados Unidos, Inglaterra, Itália, Iugoslávia, México, Paraguai, Suíça, Suécia e Uruguai.

Jogo final: Brasil 1 x 2 Uruguai

Chuteira de Ouro: Ademir de Menezes (Brasil) – 9 gols

Tragédia. Essa é a palavra para caracterizar, para nós, brasileiros, a Copa do Mundo do Brasil/1950. Para fazer bonito como a sede da Copa do Mundo da FIFA, o Brasil construiu o maior estádio do mundo, o Maracanã. Mas foi justamente nesse imponente palco que morreu o sonho de ser a maior seleção do mundo e o Uruguai voltou a triunfar. Foram 173.850 espectadores para assistir à vitória celeste, orquestrada pelo uruguaio Ghiggia, que fez o segundo gol para os *hermanos* aos 34 minutos do segundo tempo.

SUIÇA 1954



Campeão: Alemanha Ocidental

Vice-campeão: Hungria

Terceiro: Áustria

Quarto: Uruguai

Jogos: 26

Gols: 140

Média de gols: 5,38

Público: 943.000

Média de público: 36.269

Cidades/Estádios: Lausanne (La Pontaise), Geneva (Les Charmilles), Zurique (Sportplatz Hardturn), Berne (Wankdorf Stadion), Basle (St. Jakob Stadion) e Lugano (Comunale di Cornaredo).

Data (início/final): 16/06 a 04/07

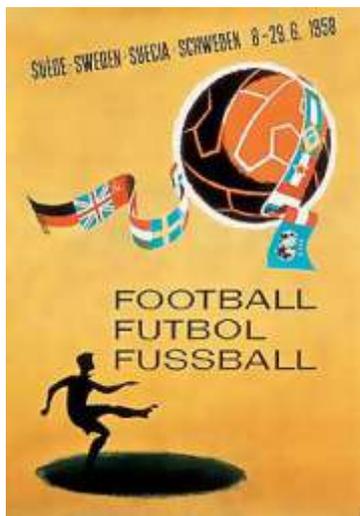
Países participantes (16): Alemanha Ocidental, Áustria, Bélgica, Brasil, Coréia do Sul, Escócia, França, México, Hungria, Inglaterra, Itália, Iugoslávia, Suíça, Tchecoslováquia, Turquia e Uruguai.

Jogo final: Alemanha Ocidental 3 x 2 Hungria

Chuteira de Ouro: Sándor Kocsis (Hungria) – 11 gols

Incrível! Em mais uma Copa disputada na Europa, a Alemanha Ocidental surpreendeu o planeta ao conquistar a Copa do Mundo da FIFA 1954. Na final, saiu perdendo por dois gols, mas derrotou a Hungria, que não perdia há 31 partidas. O Brasil fora eliminado pela Hungria de Puskás, nas quartas de final, perdendo por 4 X2.

SUÉCIA 1958



Campeão: Brasil

Vice-campeão: Suécia

Terceiro: França

Quarto: Alemanha Ocidental

Jogos: 35

Gols: 126

Média de gols: 3,6

Público: 868.470

Média de público: 24.813

Cidades/Estádios: Malmö (Idrottsplatsen), Halmstad (Orjans Vall), Helsingborg (Olympia), Norköpping (Idrottsplatsen), Västerås (Arosvallen), Örebro (Eyravallen), Ekilstuna (Tunavallen), Solna (Raasunda), Sandviken (Jernvallen), Gotemburgo (Nya Ullevi) e Udevalla (Ryavallen).

Data (início/final): 08/06 a 29/06

Países participantes (16) Alemanha Ocidental, Argentina, Áustria, Brasil, Escócia, França, Hungria, Inglaterra, Irlanda do Norte, Iugoslávia, México, País de Gales, Paraguai, Suécia, Checoslováquia e União Soviética.

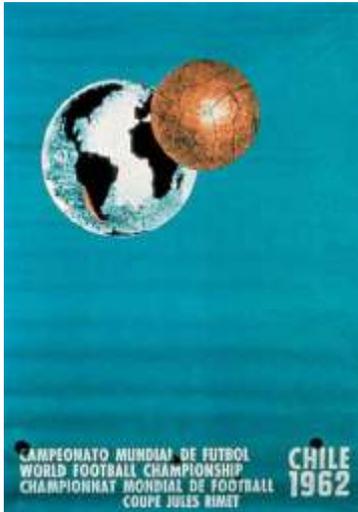
Jogo final: Suécia 2 x 5 Brasil

Chuteira de Ouro: Just Fontaine (França) – 13 gols

Prêmio de Melhor Jogador Jovem: PELE (Edson Arantes do Nascimento) (Brasil)

Enfim o Brasil conquistou a sua primeira Copa do mundo de Futebol/FIFA. Essa história entre o Brasil e a Copa do Mundo da FIFA começou a ficar séria; com apenas 17 anos, Pelé encantou o mundo com o seu talento extraordinário na Suécia.

CHILE 1962



Campeão: Brasil

Vice-campeão: Tchecoslováquia

Terceiro: Chile

Quarto: Iugoslávia

Jogos: 32

Gols: 89

Média de gols: 2,78

Público: 776.000

Média de público: 24.250

Cidades/Estádios: Santiago (Estádio Nacional), Arica (Estádio Carlos Dittborn), Viña del Mar (Sausalito) e Roncagua (Estádio Braden).

Data (início/final): 30/05 a 17/06

Países participantes (16) Alemanha Ocidental, Argentina, Brasil, Bulgária, Chile, Colômbia, Espanha, Hungria, Inglaterra, Itália, Iugoslávia, México, Suíça, Tchecoslováquia, URSS e Uruguai.

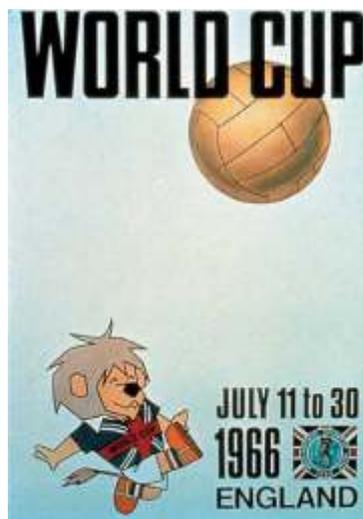
Jogo final: Brasil 3 x 1 Tchecoslováquia

Chuteira de Ouro: Florian Albert (Hungria), Valentin Ivanov (URSS), Drazen Jerkovic (Iugoslávia), Leonel Sanchez (Chile), Vava e Garrincha (Brasil) – 4 gols

Prêmio de Melhor Jogador Jovem: Florian ALBERT (Hungria)

A seleção brasileira defendeu o título mundial depois de Chile 1962 assistir ao talento sublime do astro Garrincha, após contusão de Pelé. O craque fez de tudo para que a ausência do companheiro não fosse sentida, e conseguiu.

INGLATERRA 1966



Campeão: Inglaterra

Vice-campeão: Alemanha Ocidental

Terceiro: Portugal

Quarto: União Soviética

Jogos: 32

Gols: 89

Média de gols: 2,78

Público: 1.614.677

Média de público: 50.459

Cidades/Estádios: Londres (Wembley e White City), Sheffield (Hillsborough), Birmingham (Villa Park), Liverpool (Goodison Park), Manchester (Old Trafford), Middlesbrough (Ayresome Park) e Sunderland (Roker Park).

Data (início/final): 11/07 a 30/07

Países participantes (16) Argentina, Alemanha Ocidental, Brasil, Bulgária, Chile, Coreia do Norte, Espanha, França, Hungria, Inglaterra, Itália, México, Portugal, Suíça, União Soviética e Uruguai.

Jogo final: Inglaterra 4 x 2 Alemanha Ocidental

Chuteira de Ouro: Eusebio da Silva Ferreira (Portugal) – 9 gols

Prêmio de Melhor Jogador Jovem: Franz Beckenbauer (Alemanha)

Os “inventores” do futebol triunfaram em casa, apesar de o placar da final ter sido muito disputado. O Brasil, apesar de ser o atual campeão, sucumbiu frente à Hungria e Portugal, de Eusebio, caindo já na primeira fase.

MÉXICO 1970



Campeão: Brasil

Vice-campeão: Itália

Terceiro: Alemanha Ocidental

Quarto: Uruguai

Jogos: 32

Gols: 95

Média de gols: 2,97

Público: 1.673.975

Média de público: 52.666

Cidades/Estádios: Cidade do México (Estádio Azteca), Puebla (Cuauhtemoc), Toluca (Luís Dosal), Guadalajara (Jalisco) e León (Guanajuato).

Data (início/final): 31/05 a 21/06

Países participantes (16) Alemanha Ocidental, Bélgica, Bulgária, Brasil, El Salvador, Inglaterra, Israel, Itália, Marrocos, México, Peru, Romênia, Suécia, Tchecoslováquia, URSS e Uruguai.

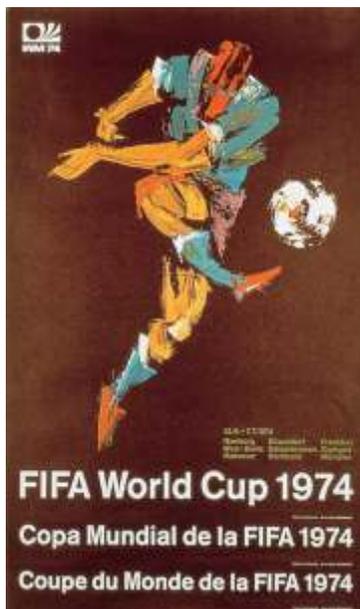
Jogo final: Brasil 4 x 1 Itália

Chuteira de Ouro: Gerd Mueller (Alemanha) – 10 gols

Prêmio de Melhor Jogador Jovem: Teofilo Cubillas (Peru)

Essa foi a primeira Copa do Mundo da FIFA transmitida em cores para o mundo, e ninguém pôde superar o brilho da camisa canarinho. Com Pelé rejuvenescido e Jairzinho marcando gols em todas as partidas, os brasileiros não encontraram adversários à altura: Brasil tricampeão.

ALEMANHA 1974



Campeão: Alemanha Ocidental

Vice-campeão: Holanda

Terceiro: Polônia

Quarto: Brasil

Jogos: 38

Gols: 97

Média de gols: 2,55

Público: 1.774.022

Média de público: 45.895

Cidades/Estádios: Berlim (Olímpico), Hamburgo (Volksparkstadion), Frankfurt (Waldstadion), Dortmund (Westfalenstadion), Gelsenkirchen (Parkstadion), Hannover (Niedersachsenstadion), Düsseldorf (Rheinstadion), Munique (Olímpico) e Stuttgart (Neckarstadion).

Data (início/final): 13/6 a 07/07

Países participantes (16) Alemanha Ocidental, Alemanha Oriental, Argentina, Austrália, Brasil, Bulgária, Chile, Escócia, Haiti, Holanda, Itália, Iugoslávia, Polônia, Suécia, Uruguai e Zaire.

Jogo final: Alemanha Ocidental 2 x 1 Holanda

Chuteira de Ouro: Grzegorz Lato (Polônia) – 7 gols

Prêmio de Melhor Jogador Jovem: Wladyslaw ZMUDA (Polônia)

A Alemanha Ocidental ficou com o título em casa, como em 1954. A vitória foi conquistada sobre uma seleção considerada a melhor do mundo, a Holanda, de Johan Cruyff, a laranja mecânica, como ficou conhecida pela sua sistemática de jogo.

ARGENTINA 1978



Campeão: Argentina

Vice-campeão: Holanda

Terceiro: Brasil

Quarto: Itália

Jogos: 38

Gols: 102

Média de gols: 2,68

Público: 1.610.215

Média de público: 42.374

Cidades/Estádios: Buenos Aires (Monumental e José Amalfitani), Mar del Plata (JM Minella), Rosário (Gigante de Arroyito), Córdoba (Estádio Córdoba) e Mendoza (Estádio Mendoza).

Data (início/final): 01/06 a 25/06

Países participantes (16) Alemanha Ocidental, Argentina, Áustria, Brasil, Escócia, Espanha, França, México, Itália, Irã, Holanda, Hungria, Peru, Polônia, Suécia e Tunísia.

Jogo final: Argentina 3 x 1 Holanda

Chuteira de Ouro: Mario Kempes (Argentina) – 6 gols

Prêmio de Melhor Jogador Jovem: Antonio Cabrini (Itália)

Prêmio FIFA *Fair Play*: Argentina

Nesta Copa, a Argentina conquistou o seu primeiro título mundial em casa e a Holanda, pela segunda vez consecutiva, saiu de campo derrotada na final. O argentino Mario Kempes garantiu a vitória da seleção comandada pelo técnico Cesar Luis Menotti, ao marcar dois gols contra os holandeses no efervescente Estádio Monumental de Nuñez, sagrando-se artilheiro da competição. O Brasil, eliminado após a vitória da Argentina sobre o Peru por 6 a 0, conquistou o terceiro lugar, ao superar a Itália.

ESPAÑA 1982



Campeão: Itália

Vice-campeão: Alemanha Ocidental

Terceiro: Polônia

Quarto: França

Jogos: 52

Gols: 146

Média de gols: 2,81

Público: 1.842.250

Média de público: 35.428

Cidades/Estádios: Vigo (Balaídos), La Coruña (Riazor), Gijón (El Molinón), Oviedo (Carlos Tartiere), Barcelona (Nou Camp e Sarriá), Elche (Nuevo Estádio), Alicante (José Rico Pérez), Bilbao (San Mamés), Valladolid (El Prado), Valência (Luis Casanova), Zaragoza (La Romareda), Sevilla (Sánchez Pizjuán e Benito Villamarín), Málaga (La Rosaleda) e Madri (Santiago Bernabeu e Vicente Calderón).

Data (início/final): 13/06 a 11/07

Países participantes (24) Alemanha Ocidental, Argélia, Argentina, Áustria, Brasil, Bélgica, Camarões, Chile, El Salvador, Escócia, Espanha, França, Itália, Inglaterra, Irlanda do Norte, Honduras, Hungria, Iugoslávia, Kuwait, Nova Zelândia, Peru, Polônia, Tchecoslováquia e União Soviética.

Jogo final: Itália 3 x 1 Alemanha

Bola de Ouro adidas: Paolo Rossi (Itália) – 6 gols

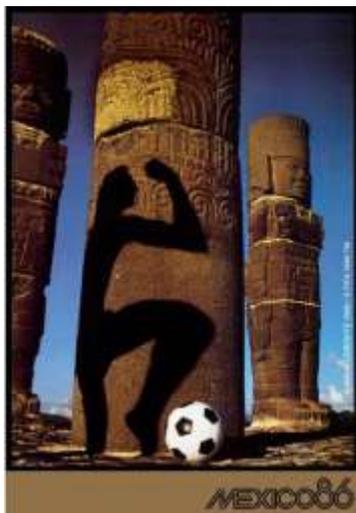
Chuteira de Ouro adidas: Paolo Rossi (Itália)

Prêmio de Melhor Jogador Jovem: Manuel Amoros (França)

Prêmio FIFA *Fair Play*: Brasil

O italiano Paolo Rossi foi o grande destaque da Copa do Mundo da FIFA da Espanha 1982, com seis gols que levaram a Itália ao tricampeonato mundial. Na decisão, os italianos venceram por 3 a 1 a Alemanha Ocidental, que vinha de uma semifinal dramática, decidida nos pênaltis, contra a França. Mas antes a *Squadra Azzurra* precisou de três gols de Paolo Rossi para derrotar o futebol-arte brasileiro no melhor jogo da competição. A seleção brasileira, treinada por Telê Santana e com os craques Zico, Sócrates e Falcão, perdeu para Itália nas quartas de final por 3X2, em um jogo memorável.

MÉXICO 1986



Campeão: Argentina

Vice-campeão: Alemanha Ocidental

Terceiro: França

Quarto: Bélgica

Jogos: 52

Gols: 132

Média de gols: 2,54

Público: 2.184.522

Média de público: 42.010

Cidades/Estádios: Cidade do México (Azteca e Olímpico), Guadalajara (Jalisco e Trez de Marzo), Puebla (Cuauhtemoc), Toluca (Bombonera), León (Camp Nou), Irapuato (Estádio Irapuato), Queretaro (Estádio La Corregidora), Nezahualcoyotl (Estádio Neza) e Monterrey (Universitário).

Data (início/final): 31/05 a 29/06

Países participantes (24) Alemanha Ocidental, Argentina, Argélia, Bélgica, Brasil, Bulgária, Canadá, Coreia do Sul, Dinamarca, Escócia, Espanha, França, Hungria, Inglaterra, Iraque, Irlanda do Norte, Itália, Marrocos, México, Polônia, Paraguai, Portugal, URSS e Uruguai.

Jogo final: Argentina 3 x 2 Alemanha Ocidental

Bola de Ouro adidas: Diego Maradona (Argentina)

Chuteira de Ouro adidas: Gary Lineker (Inglaterra) – 6 gols

Prêmio de Melhor Jogador Jovem: Enzo Scifo (Bélgica)

Prêmio FIFA *Fair Play*: Brasil

A Copa do Mundo da FIFA voltou ao México para um torneio marcado pela maestria de Diego Armando Maradona. A Argentina superou a Alemanha Ocidental em uma emocionante decisão, mas o jogo mais espetacular foi o encontro com a Inglaterra, pelas quartas de final, com dois dos gols mais famosos da história do futebol. No primeiro, Maradona contou com a "mão de Deus"; depois, driblou meio time para fazer um gol genial. Já a França, de Michel Platini, voltou a perder para os alemães nas semifinais e garantiu o bronze na decisão do terceiro lugar, diante da surpreendente Bélgica. O Brasil fora eliminado nas quartas de final, nos pênaltis, pela França, de Michel Platini.

ITÁLIA 1990



Campeão: Alemanha Ocidental

Vice-campeão: Argentina

Terceiro: Itália

Quarto: Inglaterra

Jogos: 52

Gols: 115

Média de gols: 2,21

Público: 2.515.168

Média de público: 48.369

Cidades/Estádios: Roma (Olímpico), Florença (Artemio Franchi), Milão (San Siro), Bari (San Nicola), Nápoles (San Paolo), Turim (Delle Alpi), Gênova (Luigi Ferraris), Bologna (Renato Dal'Ara), Verona (Bentegodi), Údine (Friuli), Cagliari (Sant'Elia) e Palermo (La Favorita).

Data (início/final): 08/06 a 08/07

Países participantes (24) Alemanha Ocidental, Argentina, Áustria, Bélgica, Brasil, Camarões, Colômbia, Coréia do Sul, Costa Rica, Egito, Irlanda, Emirados Árabes Unidos, Escócia, Espanha, Estados Unidos, Inglaterra, Itália, Iugoslávia, Holanda, Romênia, Suécia, Checoslováquia, União Soviética e Uruguai.

Jogo final: Alemanha Ocidental 1 x 0 Argentina

Bola de Ouro adidas: Salvatore Schillaci (Itália)

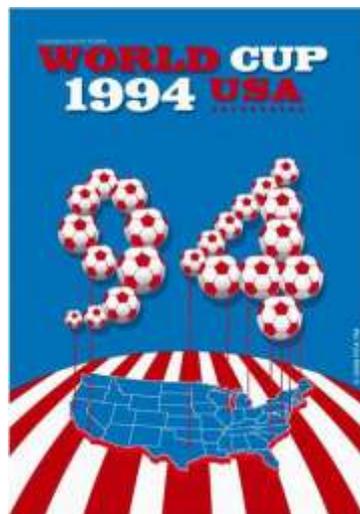
Chuteira de Ouro adidas: Salvatore Schillaci (Itália) – 6 gols

Prêmio de Melhor Jogador Jovem: Robert Prosinecki (Croácia)

Prêmio FIFA *Fair Play*: Inglaterra

A conquista da Copa do Mundo da FIFA 1990 representou um recorde pessoal para Franz Beckenbauer. O técnico da Alemanha entrou para a história, ao lado de Zagallo, como o segundo homem a conquistar o maior título do futebol mundial tanto como jogador quanto como treinador. A média de gols não foi das mais altas, mas os gramados italianos consagraram o artilheiro Totó Schillaci e testemunharam a histórica chegada dos Leões Indomáveis (Camarões), de Roger Milla, às quartas de final. O Brasil caiu nas oitavas de final, perdendo para a Argentina, de Maradona (1X0). Essa seleção foi chamada de “Era Dunga” e a redenção do então volante da seleção veio 4 anos depois, como capitão.

ESTADOS UNIDOS 1994



Campeão: Brasil

Vice-campeão: Itália

Terceiro: Suécia

Quarto: Bulgária

Jogos: 52

Gols: 141

Média de gols: 2,71

Público: 3.587.538

Média de público: 68.991

Cidades/Estádios: Los Angeles (Rose Bowl), Detroit (Pontiac Silverdome), San Francisco (Stanford Stadium), Chicago (Soldier Field), Dallas (Cotton Bowl), Boston (Foxboro Stadium), Nova York (Giants Stadium), Washington (RFK Memorial Stadium) e Orlando (Citrus Bowl).

Data (início/final): 17/06 a 17/07

Países participantes (24) Alemanha, Arábia Saudita, Argentina, Bélgica, Bolívia, Brasil, Bulgária, Camarões, Colômbia, Coréia do Sul, Espanha, Estados Unidos, Grécia, Holanda, Irlanda, Itália, Marrocos, México, Nigéria, Noruega, Romênia, Rússia, Suécia e Suíça.

Jogo final: Brasil (3) 0 x 0 (2) Itália – decisão por pênaltis

Bola de Ouro adidas: Romário (Romário de Souza Faria) (Brasil)

Chuteira de Ouro adidas: Oleg SALENKO (Rússia), Hristo STOICHKOV (Bulgária) – 6 gols.

Prêmio Yashin para o Melhor Goleiro: Michel Preudhomme (Bélgica)

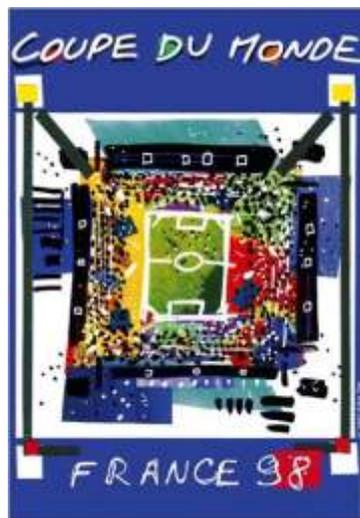
Prêmio de Melhor Jogador Jovem: Marc Overmars (Holanda)

Prêmio FIFA *Fair Play*: Brasil

Prêmio da FIFA para a Equipe Mais Espetacular: Brasil

Os Estados Unidos organizaram, com muito êxito, a 15ª edição da Copa do Mundo da FIFA. O Brasil conquistou o tetracampeonato mundial, com a afinação da dupla de ataque formada por Romário e Bebeto. Pelo lado da vice-campeã, Itália, Roberto Baggio também brilhou, apesar do pênalti perdido na final. O futebol de resultado empregado pelo então técnico, Carlos Alberto Parreira, deu certo.

FRANÇA 1998



Campeão: França

Vice-campeão: Brasil

Terceiro: Croácia

Quarto: Holanda

Jogos: 64

Gols: 171

Média de gols: 2,67

Público: 2.775.400

Média de público: 43.366

Cidades/Estádios: Saint-Denis (Stade de France), Montpellier (La Mosson), Bordeaux (Parc Lescure), Nantes (La Beaujoire), Saint-Etienne (Geoffroy-Guichard), Marseille (Vélodrome), Toulouse (Stadium), Lens (Felix Bollaert), Lyon (Gerland) e Paris (Parc de Princes).

Data (início/final): 10/06 a 12/07

Países participantes (32) África do Sul, Alemanha, Arábia Saudita, Argentina, Áustria, Bélgica, Brasil, Bulgária, Camarões, Chile, Colômbia, Coreia do Sul, Croácia, Dinamarca, Escócia, Espanha, Estados Unidos, França, Inglaterra, Irã, Itália, Iugoslávia, Jamaica, Japão, Holanda, Marrocos, México, Nigéria, Noruega, Paraguai, Romênia, Tunísia.

Jogo final: França 3 x 0 Brasil

Bola de Ouro adidas: Ronaldo Nazário (Brasil)

Chuteira de Ouro adidas: Davor Suker (Croácia) - 6 gols

Prêmio Yashin para o Melhor Goleiro: Fabien Barthez (França)

Prêmio de Melhor Jogador Jovem: Michael Owen (Inglaterra)

Prêmio FIFA *Fair Play*: Inglaterra, França

Prêmio da FIFA para a Equipe Mais Espetacular: França

A França, país de Jules Rimet, teve um verão inesquecível em 1998. Sob a liderança de Zidane, derrotou o Brasil na decisão e chegou, pela primeira vez, ao título mundial, na primeira Copa do Mundo da FIFA com 32 seleções. Essa Copa também ficou marcada pelo mal súbito de Ronaldo Nazário no dia da final contra a França.

COREIA DO SUL / JAPÃO 2002



Campeão: Brasil
Vice-campeão: Alemanha
Terceiro: Turquia
Quarto: Coreia do Sul
Jogos: 64
Gols: 161
Média de gols: 2,6
Público: 2.684.275
Média de público: 41.942

Cidades/Estádios: Coreia do Sul - Suwon (Suwon World Cup Stadium), Incheon (Incheon Munhak Stadium), Busan (Busan Asiad Main Stadium), Daegu (Daegu World Cup Stadium), Ulsan (Munsu Football Stadium), Seul (Seoul World Cup Stadium), Seogwipo (Jeju World Cup Stadium), Daejeon (Daejeon World Cup Stadium), Jeonju (Jeonju World Cup Stadium) e Gwangju (Gwangju World Cup Stadium).

Japão - Yokohama (International Stadium Yokohama), Shizuoka (Shizuoka Stadium Ecopa), Saitama (Saitama Stadium 2002), Ibaraki (Kashima Stadium), Sapporo (Sapporo Dome), Niigata (Niigata Stadium Big Swan), Osaka (Osaka Nagai Stadium), Miyagi (Miyagi Stadium), Kobe (Kobe Wing Stadium) e Oita (Oita Stadium Big Eye).

Data (início/final): 31/05 a 30/06

Países participantes (32) África do Sul, Alemanha, Arábia Saudita, Argentina, Bélgica, Brasil, Camarões, China, Coreia do Sul, Costa Rica, Croácia, Dinamarca, Equador, Eslovênia, Espanha, Estados Unidos, França, Inglaterra, Irlanda, Itália, Japão, México, Nigéria, Paraguai, Polônia, Portugal, Rússia, Senegal, Suécia, Tunísia, Turquia e Uruguai.

Jogo final: Brasil 2 x 0 Alemanha

Bola de Ouro adidas: Oliver Kahn (Alemanha)

Chuteira de Ouro adidas: Ronaldo Nazário (Brasil) – 8 gols

Prêmio Yashin para o Melhor Goleiro: Oliver Kahn (Alemanha)

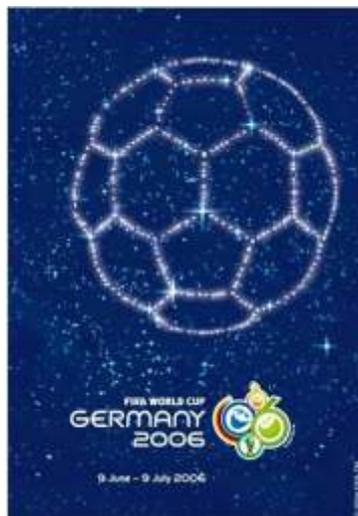
Prêmio de Melhor Jogador Jovem: Landon Donovan (USA)

Prêmio FIFA *Fair Play*: Bélgica

Prêmio da FIFA para a Equipe Mais Espetacular: Coreia do Sul

A edição de 2002 foi a primeira Copa do Mundo da FIFA na Ásia. O Brasil conquistou o pentacampeonato mundial em um torneio marcado pela redenção de Ronaldo, que se recuperou do fracasso da final de 1998 e marcou oito gols, dois deles na decisão contra a Alemanha. Esse foi o último título brasileiro em Copas até então e também a última final.

ALEMANHA 2006



Campeão: Itália

Vice-campeão: França

Terceiro: Alemanha

Quarto: Portugal

Jogos: 64

Gols: 147

Média de gols: 2,3

Público: 3.353.655

Média de público: 52.401

Cidades/Estádios: Berlim (Olympiastadion); Colônia (Rhein Energie Stadion), Dortmund (Signal Iduna Park), Frankfurt (Commerzbank-Arena), Gelsenkirchen (Veltins-Arena), Hamburgo (AOL Arena), Hanôver (AWD-Arena), Kaiserslautern (Fritz-Walter-Stadion), Leipzig (Zentralstadion), Munique (Allianz Arena), Nuremberg (e@syCredit-Stadion), Stuttgart (Gottlieb-Daimler-Stadion).

Data (início/final): 09/06 a 09/07

Países participantes (32) Alemanha, Angola, Arábia Saudita, Argentina, Austrália, Brasil, Coreia do Sul, Costa do Marfim, Costa Rica, Croácia, Equador, Espanha, Estados Unidos, França, Gana, Holanda, Inglaterra, Irã, Itália, Japão, México, Paraguai, Polônia, Portugal, República Tcheca, Sérvia e Montenegro, Suécia, Suíça, Togo, Trinidad e Tobago, Tunísia, Ucrânia.

Jogo final: França1 (3) X 1 (5) Itália

Bola de Ouro adidas: Zinedine Zidane (França)

Chuteira de Ouro adidas: Miroslav Klose (Alemanha) – 5 gols

Prêmio Yashin para o Melhor Goleiro: Gianluigi Buffon (Itália)

Prêmio de Melhor Jogador Jovem: Lukas Podolski (Alemanha)

Prêmio FIFA *Fair Play*: Espanha, Brasil

Prêmio da FIFA para a Equipe Mais Espetacular: Portugal

Os italianos devem o título da Copa do Mundo da FIFA Alemanha 2006 ao seu futebol pragmático e de resultado e também ao ato intempestivo do craque Frances Zidane na final, que desferiu uma cabeçada no peito do italiano Materazzi, sendo expulso pelo árbitro da partida. O Brasil sucumbira novamente diante da equipe francesa, nas quartas de final.

ÁFRICA DO SUL 2010



Campeão: Espanha

Vice-campeão: Holanda

Terceiro: Alemanha

Quarto: Uruguai

Jogos: 64

Gols: 145

Média de gols: 2,27

Público: 3.178.856

Média de público: 49.670

Cidades/Estádios: Bloemfontein (Free State Stadium), Cidade do Cabo (Cape Town Stadium), Durban (Moses Mabhida Stadium), Joanesburgo (Soccer City), Joanesburgo (Ellis Park Stadium), Nelspruit (Mbombela Stadium), Polokwane (Peter Mokaba Stadium), Porto Elizabeth (Nelson Mandela Bay Stadium), Pretória (Loftus Versfeld Stadium), Rustenburg (Royal Bafokeng Stadium).

Data (início/final): 11/06 a 11/07

Países participantes (32)

Jogo final: Holanda 0 x 1 Espanha

Bola de Ouro: Diego Forlan (URU)

Chuteira de Ouro: Thomas Müller (Alemanha), David Villa (Espanha), Wesley Sneijder (Holanda) e Diego Forlán (Uruguai) - 5 gols

Prêmio de Melhor Jogador Jovem: Thomas Mueller (Alemanha)

Luva de Ouro: Iker Casillas (Espanha)

Prêmio FIFA *Fair Play*: Espanha

A Espanha finalmente chegou a um título mundial. A fúria espanhola, assim como ficou conhecida, apresentou um futebol convincente, ganhando da Holanda na final, algoz da seleção brasileira de futebol nas quartas de final.

BRASIL 2014



Campeão: Alemanha
Vice-campeão: Argentina
Terceiro: Holanda
Quarto: Brasil
Jogos: 64
Gols: 171
Média de gols: 2,67
Público: 3.429.873
Média de público: 53.591
Cidades/Estádios: Belo Horizonte (Estádio Mineirão), Brasília (Estádio Nacional), Cuiabá (Arena Pantanal), Curitiba (Arena da Baixada), Fortaleza (Estádio Castelão), Manaus (Arena Amazônia), Natal (Estádio das Dunas), Porto Alegre (Estádio Beira-Rio), Recife (Arena Pernambuco), Rio de Janeiro (Estádio do Maracanã), Salvador (Arena Fonte Nova), São Paulo (Arena de São Paulo)
Data (início/final): 12/06 a 13/07
Países participantes (32)

Jogo final: Alemanha 1 x 0 Argentina
Bola de Ouro: Lionel Messi (ARG)
Chuteira de Ouro: James Rodriguez (Colômbia) - 6 gols
Prêmio de Melhor Jogador Jovem: Paul Pogba (França)
Luva de Ouro: Manuel Neuer (Alemanha)
Prêmio FIFA Fair Play: Colômbia

ISBN 978-85-7717-184-2





UNIVERSIDADE
FEEVALE
CONHECIMENTO PARA INOVAR O MUNDO